

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**



**DO ARTESANAL AO DIGITAL: UMA GENEALOGIA DOS MEIOS DE  
PRODUÇÃO E REPRODUÇÃO DE FOLHINHAS DE ATIVIDADES EM  
CADERNOS DE ALUNOS**

Joseane Cruz Monks

Pelotas

Maio, 2019

JOSEANE CRUZ MONKS

**DO ARTESANAL AO DIGITAL: UMA GENEALOGIA DOS MEIOS DE  
PRODUÇÃO E REPRODUÇÃO DE FOLHINHAS DE ATIVIDADES EM  
CADERNOS DE ALUNOS**

Dissertação apresentada Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Pelotas, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientadora: Prof. Dra. Vania Grim Thies

Pelotas, 2019

Universidade Federal de Pelotas / Sistema de Bibliotecas

Catálogo na Publicação

M745d Monks, Joseane Cruz

Do artesanal ao digital : uma genealogia dos meios de produção e reprodução de folhinhas de atividades em cadernos de alunos / Joseane Cruz Monks ; Vania Grim Thies, orientadora. — Pelotas, 2019.

151 f. : il.

Dissertação (Mestrado) — Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal de Pelotas, 2019.

1. Folhinhas. 2. HISALES. 3. Cadernos escolares. 4. Cultura material escolar. I. Thies, Vania Grim, orient. II. Título.

CDD : 370

Elaborada por Simone Godinho Maisonave CRB: 10/1733

## **Banca examinadora**

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Caroline Braga Michel

Instituto Federal Farroupilha - Campus Frederico Westphalen (IFFar)

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Eliane Teresinha Peres

Universidade Federal de Pelotas (UFPel)

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Vania Grim Thies (Orientadora)

Universidade Federal de Pelotas (UFPel)

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Vera Lucia Gaspar da Silva

Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC)

Às professoras, pela dedicação e criatividade desenvolvidas na produção e reprodução de materiais didáticos para a realização da prática docente.

## AGRADECIMENTOS

A Deus e ao meu anjo da guarda, que mantiveram minha força e fé nos momentos de ansiedade e insegurança.

À professora Vania Grim Thies, que orientou a produção deste trabalho com comprometimento, sabedoria, serenidade, amorosidade e rigorosidade. Construímos um belo trabalho e uma bela amizade. Descobrimos um amor comum pelos filhos de quatro patas.

À professora Caroline Braga Michel, pela leitura dedicada do projeto de qualificação e pelas sugestões. Pelo apoio e pelas palavras de incentivo, foi muito importante dividir contigo as alegrias, as dúvidas e os almoços.

À professora Eliane Peres, pela leitura atenta e criteriosa do projeto, por me fazer acreditar no meu potencial, por me apresentar o mundo acadêmico, a literatura, a pesquisa e ao cinema. Por todo aprendizado ao longo destes nove anos de convivência.

À professora Vera Lucia Gaspar da Silva, por dedicar seu tempo à leitura do projeto de qualificação e por suas contribuições teóricas na elaboração deste trabalho. Seguiremos na luta!

Aos colegas do Grupo Hisales – História da Alfabetização, Leitura, Escrita e dos Livros Escolares - pelos momentos de aprendizado, por compartilharem experiências e pelo carinho. Em especial às queridas Indiara, Letícia, Nathalie e Tatiara que participaram diariamente dos momentos da coleta de dados, compartilhando risos e incertezas. Uma vez IC sempre IC!

À Cícera, Chris, Fernanda e Mônica parceiras das antigas e amigas queridas, vocês não imaginam o quanto contribuíram nesta conquista.

Ao Júnior e Manu, amigos que conheci nesta jornada de estudos. Quantos momentos dividimos, angústias, risos (muitos), reflexões teóricas e de vida. Quanta indignação política e social! Aprendemos juntos e lutaremos até o fim.

Às professoras e aos professores que contribuíram com minha formação, desde a escolarização básica à formação acadêmica, compartilhando

conhecimentos profissionais e suas esperanças de um mundo mais justo e igualitário. Resistir é a única opção.

À minha amada filha Milena, obrigada por ter me escolhido como tua mãe. Grata pela filha amorosa que és e pela mulher que te tornaste. Tua cumplicidade e parceria foram fundamentais em todas as etapas da minha vida, sabes bem disso.

Ao Matheus, por respeitar e amar minha filha. Agora, filho, terminei!

Ao Mário Roberto, por todos os abraços nas horas difíceis, eu sei que não foi fácil compreender minhas ausências, mas também sei o tamanho do carinho e amor que tens por mim. Respeitar a escolha do outro é uma linda forma de amar!

Aos meus pais Neiva e Homero, pelo amor incondicional e por todo o carinho que recebi ao longo da minha existência. Aprendi com vocês as coisas mais importantes da vida: a amar e a respeitar. Gratidão por respeitarem minhas escolhas e compreenderem minha ausência em muitos momentos.

Aos meus amores Juliane (mana), Camila, Davi e Ana Julia (sobrinhos), obrigada por existirem na minha vida, vocês são muito especiais.

À vó Dalila, que sempre me incentivou a continuar os estudos. Vó, mais uma etapa concluída, estou feliz e com paz no coração. Continuaremos!

Aos familiares, cada um sabe como contribuiu com esta conquista, ela é nossa. Obrigada pelos abraços e pelas palavras de incentivo, pelos momentos de distração, riso e carinho, foram estes momentos que aliviaram minhas preocupações e me deram fôlego para prosseguir.

Aos amigos queridos que vibram com minhas conquistas.

Aos colegas e a equipe diretiva da escola EMEF Nossa Senhora de Lourdes, pelo incentivo e disponibilidade de reorganizar os horários para que este ciclo terminasse bem.

Às crianças, que compartilham comigo suas alegrias, suas conquistas e seus aprendizados, obrigada pelos sorrisos e pela energia que trocamos.

À Charlô e Amora, companheiras fiéis das longas e quentes tardes de estudos. A sensibilidade dos cães é impressionante!

## RESUMO

Esta pesquisa está situada no campo da cultura material escolar e investiga as folhinhas de atividades produzidas pelas professoras, realizadas pelos alunos e fixadas em seus cadernos. Analisando as características materiais destas folhinhas identifica-se os utensílios, os equipamentos e as estratégias empíricas utilizadas pelas professoras na produção e reprodução deste material didático que também se configura como dispositivo escritural. Foram identificadas 14.383 folhinhas em 419 cadernos de alunos do acervo do grupo de pesquisa História da Alfabetização, Leitura, Escrita e dos Livros Escolares (Hisales/FaE/UFPel), correspondentes entre as décadas de 1960 e 2000. As folhinhas e os cadernos de alunos configuram-se como fonte e objeto, devido a forma pela qual são imbricados um ao outro. Esta condição de superposição, das folhinhas nos cadernos encaminha, neste caso, para a apreensão de uma relação indissociável entre ambos, visto que esta ação modifica a materialidade dos dois materiais. Assim aspectos relacionados a forma de fixação, ao número de dobras também são abordados. Fontes complementares foram selecionadas para auxiliar na análise, são elas: os manuais pedagógicos, as Revistas do Ensino e as Revistas do Globo. As folhinhas de atividades foram categorizadas segundo os meios de produção e os meios de reprodução, quais sejam: as folhinhas produzidas à caneta e/ou lápis, as folhinhas mimeografadas, as folhinhas reproduzidas com carbono, as folhinhas datilografadas, as folhinhas fotocopiadas e as folhinhas impressas. Por meio das materialidades das folhinhas se estabeleceu a relação com a cultura material escolar, o que também permitiu compreender a cultura empírica escolar expressa pelas ações e estratégias desenvolvidas pelas professoras na produção e reprodução destes materiais.

**Palavras-chave:** Folhinhas; Hisales; cadernos escolares; cultura material escolar.

## ABSTRACT

This research is found in the field of school material culture and investigates the worksheets produced by teachers, handed out to students and fixed in their school exercises books. Analyzing the material characteristics of these sheets identifies the tools, equipment and empirical strategies used by teachers in the production and reproduction of such didactic material that also is configured as a scriptural device. A total of 14,383 worksheets were identified in 419 school exercises books, from the collection of the research group “History of Literacy, Reading, Writing and Textbooks” (Hisales/FaE/UFPel), corresponding from the 1960s to 2000s. These students’ worksheets and school exercises books are set both as source and object, since they are interwoven with one another. This overlap condition, of the worksheets within the school exercises books, leads in this case to the apprehension of an inseparable relation between them, and this status modifies the materiality of the two materials. Thus, aspects related to the fixation and folding ways are also addressed. Complementary sources also selected for the analysis include the pedagogical manuals, the magazines of the education, and the magazines of the globe. The worksheets were categorized according to the means of production and the means of reproduction, such as: the worksheets produced by the pen and/or pencil, mimeographed worksheets, carbon-folded worksheets, typed worksheets, photocopied worksheets, and printed worksheets. A relationship with the school material culture was established taking into account the materiality of the worksheets, which also allowed understanding the school empirical culture expressed by the activities and strategies developed by teachers in the production and reproduction of such materials.

**Keywords:** Worksheets; Hisales; school exercises books; school material culture.

## Lista de figuras

Figura 1- Ficha de identificação dos cadernos. ....	47
Figura 2 - Planilha de registro dos dados de 1980. ....	49
Figura 3 - Localização dos cadernos da pesquisa. ....	50
Figura 4 - Relação entre as categorizações e o número de folhinhas. ...	55
Figura 5 - Folhinha produzida com caneta hidrográfica (C5 -1986). ....	57
Figura 6- Folhinha produzida com caneta esferográfica (CO8-1994). ...	59
Figura 7- Folhinha mimeografada (sabatina 29/05) – (C2 - 1968). ....	61
Figura 8 - Folhinha mimeografada (letra d) – (C2 - 1974). ....	62
Figura 9 - Folhinha mimeografada em tirinhas de 1cm (CO2-1988). ....	63
Figura 10 - Folhinha mimeografada CO13 – 2003. ....	64
Figura 11 - Folhinha mimeografada (lição letra M) – (C1 – 1994). ....	67
Figura 12 - Cartilha da Mimi páginas 26 e 29 (s/d). ....	68
Figura 13 - Atividade reproduzida com base na cartilha Alegria de Saber, 1992. ....	69
Figura 14 - Correção de falhas na reprodução (C3 - 1986) ....	70
Figura 15 - Folhinha produzida com papel carbono (C8-1994). ....	71
Figura 16- Folhinha produzida com papel carbono (CO2-1969). ....	73
Figura 17- Questões do texto "A Baleia" CO2-1969. ....	74
Figura 18- Folhinha datilografada (CO1 - 1969). ....	75
Figura 19 - Folhinha datilografada reproduzida por mimeógrafo (CO5 - 1973) .....	76
Figura 20 - Folhinha fotocopiada e Cartilha Caminho Suave (1979) – (C2 - 2005). ....	78
Figura 21 - Folhinha fotocopiada e Cartilha Todas as Letras (1996) - (C2 - 2005). ....	79
Figura 22 - Folhinha fotocopiada (C14 - 2007). ....	81
Figura 23 - Folhinha Fotocopiada (C4 - 1998). ....	83
Figura 24 - Folhinha Fotocopiada (site) – (C9 - 2008). ....	84
Figura 25 - Folhinha Impressa (C17 - 2007). ....	86
Figura 26 - Folhinha impressa - (Fonte e cor) – (C17 - 2007). ....	87
Figura 27 - Folhinha impressa (C13 - 2001). ....	88
Figura 28 - Fixação com fita adesiva (C2 - 1968). ....	90

Figura 29 - Fixação das folhas com cola (C14 - 1985). .....	91
Figura 30 - Fixação com grampo metálico (C6 - 1986).....	91
Figura 31 - Folha e número de dobras CO15 (1991).....	93
Figura 32 - Folha dobrada em formato de envelope CO5 (1991). .....	94
Figura 33 - Caderno C3 - 1997. ....	95
Figura 34- Reaproveitamento de papel.....	105
Figura 35 - Caderno 2 (1979). ....	106
Figura 36 - Caderno 1 (1990). ....	107
Figura 37 - Propaganda "Novidades em canetas esferográficas".....	112
Figura 38- Propaganda máquina de escrever.....	114
Figura 39 - Copiador econômico-Revista do Ensino ano I, set./1951, p.70. .....	118
Figura 40 - Receita de hectógrafo. ....	119
Figura 41 - Propaganda duplicador e copiógrafo Ficha Triplice.....	123
Figura 42 - Propaganda duplicador Fide-Cópia. ....	125

## **Lista de tabelas**

Tabela 1- Total de cadernos por década. ....	39
Tabela 2 - Relação percentual número de cadernos com e sem folhinhas. .....	52

## **Lista de quadros**

Quadro 1- Suporte, utensílios e equipamentos utilizados na produção e reprodução das folhinhas.....	100
Quadro 2- Tipologias do papel.....	104

## SUMÁRIO

<b>AS PRIMEIRAS FOLHAS .....</b>	<b>17</b>
<b>1. ENTRE CADERNOS, FOLHAS E DOBRAS: ASPECTOS TEÓRICOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA .....</b>	<b>24</b>
1.1 Fundamentação teórica.....	24
1.2 O acervo e as fontes documentais .....	32
1.2.1 Folhinhas de atividades e cadernos de alunos: fontes documentais principais .....	34
1.2.2 As revistas e os manuais pedagógicos: fontes complementares .....	41
1.3 Folhear, desdobrar e contar: procedimentos metodológicos da pesquisa.....	45
<b>2. DAS CANETAS AOS COMPUTADORES: A GENEALOGIA DAS FOLHINHAS DE ATIVIDADES EM CADERNOS DE ALUNOS .....</b>	<b>54</b>
2.1 Categorizando as folhinhas: as tipologias a partir da produção e reprodução.....	54
2.1.1 Folhinhas produzidas com caneta e/ou lápis .....	56
2.1.2 Folhinhas mimeografadas.....	59
2.1.3 Folhinhas reproduzidas com papel carbono .....	71
2.1.4 Folhinhas datilografadas.....	75
2.1.5 Folhinhas fotocopiadas .....	77
2.1.6 Folhinhas impressas .....	85
2.2 Das categorias às formas de colagem e fixação .....	89
2.3. As folhinhas como dispositivos escriturais de controle .....	95
<b>3. DO ARTESANAL AO DIGITAL: MEIOS DE PRODUÇÃO E MEIOS DE REPRODUÇÃO DE FOLHINHAS DE ATIVIDADES NO CONTEXTO ESCOLAR .....</b>	<b>99</b>
3.1 O suporte para escrita: o papel.....	101
3.2 Utensílios e equipamentos de produção.....	108

3.3 Materiais e instrumentos de reprodução.....	117
<b>AS ÚLTIMAS DOBRAS...</b> .....	<b>131</b>
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>135</b>
<b>APÊNDICES</b> .....	<b>147</b>

## AS PRIMEIRAS FOLHAS

Nesta pesquisa que está alicerçada no campo da cultura material escolar, tenho como objetivo principal: analisar a produção e a reprodução das folhinhas de atividades como material didático e pedagógico no contexto escolar gaúcho, a partir dos cadernos de alunos do acervo do grupo de pesquisa História da Alfabetização, Leitura, Escrita e dos Livros Escolares<sup>1</sup> (Hisales), que correspondem ao período de 1960 a 2008, descrevendo os meios e as técnicas utilizadas para a produção e reprodução destes recursos.

É possível interpretar e narrar uma determinada história a partir das materialidades que constituem (e constituíram) o espaço escolar. Vestígios materiais, aspectos arquitetônicos, utensílios e instrumentos, registros escritos e imagéticos são fontes documentais primordiais para a interpretação de práticas, concepções, tempos e espaços escolares, considerando-se a forma interdependente e relacional das ações forjadas pelos sujeitos e objetos que as constroem e que são ao mesmo tempo por elas construídos.

Neste sentido, selecionei um conjunto de fontes documentais, que estão salvaguardadas no grupo de pesquisas Hisales, quais sejam: 419 cadernos de alunos que correspondem a escolarização inicial (1<sup>o</sup> ao 5<sup>o</sup> ano/ 1<sup>a</sup> a 5<sup>a</sup> série<sup>2</sup>) e compreendem o período histórico entre a década de 1960 e final dos anos 2000, nos quais identifiquei a presença do que denomino como fenômeno das folhinhas, característico do espaço da escola e constitutivo da cultura material escolar, produzido e forjado no conjunto das/nas relações entre as professoras e seus alunos. Na pesquisa, entendo as folhinhas como materiais didáticos elaborados pelas professoras, que revelam uma diversidade instrumental dos meios de produção e dos meios de reprodução, dos usos, das atividades, dos registros (escritos e imagéticos) e configuram-se como dispositivos escriturais (CHARTIER, A.M., 2002). Nos 419 cadernos, contabilizei 14.383 folhinhas, as quais agrupei e classifiquei em seis categorias nomeadas a partir das materialidades de produção e de reprodução

---

<sup>1</sup> Para maiores informações acesse <https://wp.ufpel.edu.br/hisales/>.

<sup>2</sup> A escolha pela escolarização inicial ocorreu após qualificação do projeto por entender que, majoritariamente, as produções foram elaboradas por uma única professora.

Selecionei, também, fontes complementares para auxiliar na pesquisa, são elas: Revistas do Ensino (166 exemplares), Revistas do Globo (56 exemplares), manuais pedagógicos (98 exemplares). Tais fontes auxiliaram-me na identificação, descrição e compreensão de aspectos que constituíram a produção e a reprodução do fenômeno das folhinhas.

Os cadernos e as folhinhas são centrais e configuram-se como fonte e objeto de pesquisa, devido à forma pela qual ambos estão imbricados. Esta condição de superposição, das folhinhas nos cadernos, encaminha, neste caso, para a apreensão de uma relação indissociável entre ambos, que ora constituem-se como fonte, ora constituem-se objeto.

A construção da pesquisa é marcada fortemente por minha atuação e participação, inicialmente como voluntária e, logo após, como Bolsista de Iniciação Científica - PROBIC/Fapergs<sup>3</sup>, no grupo de pesquisa Hisales. Este período (2010-2014) foi marcado por minha inserção em discussões e leituras relacionadas às pesquisas na área da História da Educação, História da Alfabetização e pela prática de trabalho com/em acervos da cultura material escolar. O trabalho que realizei neste período foi com a constituição do acervo de livros para o ensino da leitura e da escrita, no qual realizava as atividades de coleta desses livros e todo o processo posterior: higienização, catalogação e organização física dos materiais. Porém, como o trabalho no grupo caracteriza-se pela ação colaborativa, auxiliava na constituição, organização do acervo de cadernos escolares de alunos e esses me despertavam interesse e questionamentos por suas peculiaridades e possibilidades de estudos.

Após a conclusão do curso de Pedagogia, ingressei, em 2015, na rede municipal de ensino de Pelotas (RS) como professora do ciclo de alfabetização, fato que ocasionou certo distanciamento do grupo Hisales e das práticas de pesquisa. No entanto, na atuação e prática pedagógica em sala de aula vivenciei, com as crianças, diversos e significativos momentos, dentre eles a iniciação e a aprendizagem à forma convencional do uso do caderno como suporte de escrita. Este desafio que, para muitos alunos, caracteriza-se como um processo rápido, para outros configura-se como uma construção lenta e longa. Em vários momentos deste processo, lembrei

---

<sup>3</sup> PROBIC/Fapergs- Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio Grande do Sul.

dos cadernos existentes no acervo e nos registros neles contidos, tentando compreender o processo de aprendizagem que os alunos vivenciavam e como esse suporte poderia, posteriormente, estar sob a guarda do acervo e como seria estudado e interpretado.

Neste sentido, indagações e inquietações suscitaram-me o desejo de retornar ao universo acadêmico e à pesquisa e decidi, então, realizar o processo de seleção para o Programa de Pós-Graduação em Educação, da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Pelotas - PPGE/FaE/UFPel. Ingressei no mestrado em 2017 e, novamente, comecei a participar de forma efetiva no grupo de pesquisa Hisales, pois o anteprojeto que apresentei para ingressar no Programa de Pós-Graduação em Educação indicava como fonte de pesquisa os cadernos de alunos em fase de alfabetização, uma vez que a temática primeira era investigar os registros de práticas de leitura nesses suportes.

No período inicial de coleta de dados, realizado no acervo de cadernos e na exploração da potencial fonte de pesquisa, inúmeras possibilidades se apresentaram. Ao manipular o artefato caderno escolar, rememorei minha própria trajetória como aluna, refleti sobre a atual prática docente e percebi, também, as singularidades e pluralidades da utilização deste artefato por diferentes gerações de alunos ao longo do processo de escolarização.

Estas percepções e reflexões auxiliaram a redesenhar a pesquisa, pois ao consultar e explorar as fontes na busca dos registros de práticas de leitura, observei a recorrência de determinado aspecto, que caracterizei como fenômeno das folhinhas e, assim, direcionei o interesse para as inúmeras folhas coladas e fixadas nas páginas dos cadernos, produzidas, via de regra, pelas professoras e completadas pelos alunos.

Decidi então, redirecionar o foco da pesquisa e estudar o que denominei como “fenômeno das folhinhas”. As folhinhas pesquisadas estão coladas e/ou fixadas nos cadernos, revelando uma diversidade de produção e reprodução, bem como diferentes usos, atividades e registros. Algumas problematizações iniciais foram possíveis, dentre as quais destaco: o fato de que as folhinhas se constituem como um suporte material, um dispositivo escritural anexado a outro que, historicamente, emprega-se para o mesmo fim, qual seja: escrever e registrar as atividades de aula.

Essas problematizações possibilitaram-me identificar os materiais utilizados pelas professoras, tanto para a produção como na reprodução. Destaco que essas folhas apresentam uma diversificação material (meios de produção e de reprodução, tipos de papel, estratégias de organização da produção gráfica e na forma de fixação destas folhas nas páginas dos cadernos) o que, por si só, já configura tal fenômeno como potencial nos estudos do campo da cultura material escolar.

Para fins de organização metodológica, dividi a pesquisa em dois momentos: inicialmente, pela observação e pela caracterização material dos/nos cadernos e a verificação da recorrente presença de folhinhas coladas em suas páginas; e, posteriormente, pelo caráter mais reflexivo e conceitual acerca da materialidade do artefato folhinha na perspectiva da cultura material escolar. Esses momentos desencadearam uma série de problematizações que me ajudaram a pensar as folhinhas como elementos constitutivos e representativos da cultura material da escola do período analisado.

A partir destes dois momentos, modifiquei, também, as estratégias de coleta e organização dos dados; optei por outra periodicidade para o trabalho, que passou a se estruturar pelas características do acervo existente e a relação direta com o foco da pesquisa (as folhinhas), utilizando os cadernos do acervo a partir da década de 1960<sup>4</sup>, período no qual identifiquei a presença das primeiras folhinhas fixadas nas páginas desse suporte.

Também reconfigurei o aporte teórico que daria subsídio à pesquisa, priorizando os estudos da cultura escolar e da cultura material escolar, a partir de autores como Vinão (1995), Vidal (2005); Gonçalves e Faria Filho (2005); Felgueiras (2005; 2015); Escolano Benito (2010; 2017); Gaspar da Silva; Petry (2012); Gaspar da Silva; Mendes (2015); Martín López (2006), entre outros.

Paralelamente aos momentos de reflexão teórica e de coleta dos dados, entendi a motivação para pesquisar esse artefato, que se expressa pela memória pedagógica do tempo de aluna, principalmente, mas não só, das séries iniciais<sup>5</sup>,

---

<sup>4</sup> É importante ressaltar que o acervo de cadernos recebe doações esporadicamente, aspecto que configura a modificação do número periodicamente. Atualmente (abril de 2019), a composição do acervo, que data a partir dos anos 1920, possui um total de 1.988 (mil, novecentos e oitenta e oito) cadernos. Disponível em [https://wp.ufpel.edu.br/hisales/?page\\_id=14](https://wp.ufpel.edu.br/hisales/?page_id=14). Acesso em abril de 2019.

<sup>5</sup> Estudei, durante o ensino, dos cinco primeiros anos do 1º grau (primário) em uma escola multisseriada da zona rural do município do Capão do Leão -Escola Municipal de Primeiro Grau Incompleto

recebendo e colando folhas nos cadernos, na maioria das vezes com grude, tipo de cola caseira<sup>6</sup>. E, também, pela memória de aprendizagem da produção de folhinhas, como aluna do Curso Normal<sup>7</sup> e, em paralelo, com a experiência atual na prática educativa na qual evidencio a utilização deste recurso nas escolas.

Desta forma, direcionei a pesquisa para a compreensão de um determinado fenômeno escolar, observado no acervo consultado, especificamente, no período de 1968 a 2008. Sendo esse, fenômeno das folhinhas, característico do espaço da escola e constitutivo da cultura material escolar, produzido e forjado no conjunto das/nas relações entre as professoras e seus alunos. Um fenômeno construído na ação pedagógica das docentes que permanece e é reconfigurado ao longo dos anos. Há, neste caso, “a valorização da experiência educativa (...) na legitimação cultural da prática escolar e de todas as artes empíricas do fazer, que participam dos processos de formação originados nela ou em seus entornos” (ESCOLANO BENITO, 2017, p.109). Dar visibilidade a estas produções é corroborar com a valorização da prática docente, historicamente desenvolvido pelas professoras.

A escolha pelo termo fenômeno refere-se a critérios quantitativos e qualitativos, visto que a presença das folhinhas impressiona pela recorrência ao longo do período analisado, ou seja, por ser mantido ao longo dos anos, por ser perceptível ao folhear os cadernos, caracterizando uma narrativa sobre práticas escolares.

Optei pela designação folhinhas, em primeiro lugar, pela forma como os sujeitos (professoras, alunas e alunos) que as produzem e as utilizam nomeiam esse artefato no contexto escolar. Em segundo lugar, pelo dado observado na escrita dos enunciados na pesquisa como, por exemplo, “folhinha de Português” (CO2-1995)<sup>8</sup>. Terceiro, por seu formato, ou seja, inicialmente “folhas avulsas” que, depois de

---

Conselheiro Cândido Batista de Oliveira, que foi fechada no início dos anos 2000, movimento característico iniciado neste período estendendo-se até a atualidade, no qual as escolas rurais foram/ são fechadas dando espaço para escolas polos.

<sup>6</sup> Tipo de cola caseira preparada a partir da mistura de farinha de trigo, água e uma pitada de sal utilizada em substituição à cola.

<sup>7</sup> Concluí o Curso Normal, habilitação anos iniciais, em 2008 no Colégio Municipal Pelotense (Pelotas/RS) e, durante a formação, em diferentes momentos, as atividades centravam-se na produção de recursos didáticos, e dentre eles, aprendi a preparar a matriz e utilizar o mimeógrafo, que configuram na pesquisa como base de produção e um dos meios de reprodução. Compreende-se que faz parte da aprendizagem e ação docente produzir recursos didáticos.

<sup>8</sup> A cota CO2-1995 é a forma de identificação que cada caderno recebe no acervo, na qual CO corresponde a caderno de outras séries, 2 refere-se ao número do caderno pela ordem de chegada e 1995 o ano do caderno).

escritas, são coladas ou fixadas em outro suporte de escrita: o caderno. Contudo, os dados da pesquisa apontam outras possibilidades, como por exemplo: folha, folha mimeografada, trabalhos e fichas.

No caso da pesquisa, é válido informar que a apresentação do termo no diminutivo (folhinha) não tem relação com a proporção dimensional das mesmas, visto que as apresentações são múltiplas e variadas e, em hipótese alguma, deve abrir margem para minimizar a importância do primoroso e dedicado trabalho realizado pelas professoras em sua elaboração.

Nas pesquisas de Monteiro (2016), Neubert (2013), Santos (2002), Becalli (2013) e nos artigos de Porto & Peres (2011) e Peres (2012) que, entre outros, também constituem o referencial teórico desta pesquisa, as autoras utilizam as seguintes terminologias: *folhas avulsas*, *folhas mimeografadas*, *folha de papel*, *atividades*, *folhas soltas*, *folha e folhinhas* para referenciar estes artefatos; logo, decidi na pesquisa por denominá-las como descrito acima, ou seja, folhinhas.

Posto isso, saliento que, nesta pesquisa, tenho como **objetivo geral**: analisar a produção e a reprodução das folhinhas como material didático e pedagógico no contexto escolar gaúcho, a partir dos cadernos de alunos do acervo do grupo de pesquisa Hisales, no período de 1968 a 2008, mapeando e descrevendo os meios e as técnicas utilizadas para a produção e reprodução destes recursos.

Em decorrência da elaboração do objetivo geral, defini **cinco objetivos específicos** i) verificar o período da constituição deste fenômeno no referido acervo de cadernos; ii) quantificar o número de folhinhas por década nos cadernos do acervo; iii) categorizar as folhinhas de acordo com as materialidades de produção e de reprodução; iv) descrever os meios artesanais e tecnológicos de produção e reprodução destes artefatos; v) problematizar a produção e a utilização deste material didático na prática pedagógica.

Para apresentar os resultados da pesquisa, organizei o texto em três capítulos, a saber: capítulo 1, ***Entre cadernos, folhas e dobras: aspectos teóricos e metodológicos da pesquisa***, apresento de forma geral, o percurso da pesquisa, os aspectos históricos e conceituais dos campos que subsidiam a pesquisa (cultura escolar e a cultura material escolar); apresento as fontes e o acervo do grupo de pesquisa e centro de memória Hisales; além disso, exponho um balanço das

produções acadêmicas relacionadas às pesquisas que privilegiam como fonte e/ou objeto de investigação os cadernos escolares. No capítulo 2, ***Das canetas aos computadores: a genealogia das folhinhas***, descrevo as categorias das folhinhas identificadas na pesquisa a partir das características materiais e caracterizo os suportes, utensílios e equipamentos identificados; relaciono as folhinhas e os cadernos como fonte e objeto, exemplificando as ações de fixação e contextualizo as folhinhas de atividades como dispositivos escriturais. No capítulo 3, ***Do artesanal ao digital: os meios de produção e de reprodução das folhinhas de atividades no contexto escolar*** – apresento os meios de produção e reprodução das folhinhas, estabelecendo relações com a cultura material escolar a partir das materialidades das folhinhas e das propagandas destes materiais em outros impressos e problematizo a produção e utilização das folhinhas pelas professoras na constituição da cultura empírica. Conceito abordado na pesquisa e descrito por Escolano Benito (2017) como:

A cultura empírica da escola se referiria ao âmbito da experiência e se constituiria do conjunto de ações que os docentes criaram ou adaptaram para regular o ensino e a aprendizagem. Essa cultura se reflete não apenas nas condutas dos sujeitos – que a historiografia pode reconstruir, em parte, mediante diversos documentos e testemunhos -, mas também no equipamento ergológico, que configura a chamada cultura material da escola. Os objetos materiais, integrados nas estratégias empíricas do trabalho escolar de alunos e professores, são um reflexo funcional e simbólico das formas de entender e governar a prática (ESCOLANO BENITO, 2017, p.120).

Entendo que o fenômeno das folhinhas faz parte desta cultura empírica, visto que reflete tanto a cultura material disponível para a elaboração das folhinhas, como também se refere a diversas ações, aos conhecimentos, às experiências e adaptações que as professoras desenvolviam/desenvolvem, solitárias ou solidárias para organizar e regular o ensino e a aprendizagem de suas turmas.

## **1. ENTRE CADERNOS, FOLHAS E DOBRAS: ASPECTOS TEÓRICOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA**

Meu propósito, neste primeiro capítulo, é expor o contexto de produção da pesquisa, apresentar os aspectos históricos e conceituais dos campos que a subsidiam, quais sejam: o da cultura escolar e o da cultura material escolar. Além disso, é finalidade também, caracterizar os aspectos teóricos e descrever as ações metodológicas desenvolvidas durante a pesquisa. Apresento, de forma detalhada, as fontes documentais que estão salvaguardadas e constituem o acervo do grupo de pesquisa Hisales e procuro realizar articulações teóricas e empírica, considerando os campos e as fonte e/ou objetos.

### **1.1 Fundamentação teórica**

A progressiva ampliação da composição material da escola primária aconteceu, não por casualidade, a partir de meados do século XIX, influenciada pelo desenvolvimento do capitalismo e pela implementação dos sistemas nacionais de ensino. No entanto, a preocupação com os materiais já se fazia perceptível “nos textos de Comenius no século XVI, na invenção da lousa no século XVIII pelos lassalistas e na utilização de novos artefatos no ensino mútuo” (SOUZA, 2007, p. 163).

Logo, a ampliação da escolarização de massa, o crescimento industrial de forma geral e, em específico, da produção e comercialização dos materiais escolares, assim como a preocupação com a projeção e construção de prédios escolares adequados, a produção peculiar de mobiliário escolar e a propagação de novos e “modernos” materiais de ensino, aliados à ampliação dos ideais da pedagogia moderna, contribuíram de forma significativa para a constituição de uma cultura específica da escola.

Com relação à invenção, à produção e à comercialização dos materiais para o contexto escolar, têm de se destacar a influência e a divulgação das exposições universais, que se configuraram como vitrines desses produtos. De acordo com Pesavento (1997),

A exposições funcionaram como síntese e exteriorização da modernidade dos "novos tempos" e como vitrine de exibição dos inventos e mercadorias postos à disposição do mundo pelo sistema de fábrica. No papel de arautos da ordem burguesa, tiveram o caráter pedagógico de "efeito-demonstração" das crenças e virtudes do progresso, da produtividade, da disciplina do trabalho, do tempo útil, das possibilidades redentoras da técnica, etc (PESAVENTO, 1997, p.14).

Se as exposições universais desenvolveram um papel midiático, como divulgadoras de tempos modernos e vitrines dos inventos materiais, elas certamente contribuíram para a consolidação de determinada cultura, no caso, a material escolar. Sendo que a “exposição universal de Paris, realizada em 1855, foi a primeira a abrir uma subdivisão especial para materiais do ensino primário” (SOUZA, 2007, 164).

Escolano Benito (2010) refere-se às exposições universais como campo de investigação muito importante para os historiadores da cultura material da escola, devido ao fato de que muitas das invenções que instrumentalizaram os modos de produção escolar foram nelas apresentadas e divulgadas. O autor também destaca que,

As exposições universais inventaram uma mimese representativa do mundo, oferecendo um amplo e variado mostuário das materialidades que instrumentalizaram os sistemas nacionais de educação, com vistas a implementar o ensino (ESCOLANO BENITO, 2017, p.136).

Logo, foi também a partir das exposições universais que se organizou uma rede mercadológica que transpôs para a escola as modernidades da sociedade industrial, contribuíram para instrumentalização dos sistemas educativos e representavam desenvolvimento e inovação.

As exposições universais, vitrines mercadológicas do final do século XIX, caracterizaram-se por divulgar os materiais para instrumentalização do espaço escolar, no entanto, a produção de tantos outros materiais, obviamente perpassou o século XX. Entre a diversidade de materiais, que vão numa linha longínqua de lousas aos computadores, é possível observar que a

[...] composição material da educação escolar evidencia a incessante busca pela racionalização da escola como organização e as tentativas de tornar o ensino mais produtivo e eficiente, as aulas mais motivadas e atrativas, a educação mais moderna (SOUZA, 2007, p.165).

Considerando estas perspectivas descritas, muitos dos materiais apresentados nas exposições foram inseridos no contexto escolar com a finalidade de modernizar o ensino, o espaço e a ação educativa.

É necessário ter claro que os artefatos materiais que compõem a cultura material da escola não são neutros. Primeiro, porque são um reflexo de construção social e cultural; e segundo, pelo fato de que atrelados a estes estão concepções pedagógicas e determinados saberes e práticas vinculadas ao contexto educacional.

Toda esta composição material da escola que se consolidou a partir do século XIX, tem despertado interesse de pesquisadores de diversas áreas do conhecimento, dentre elas, a Antropologia, a Sociologia e a História da Educação. Desta forma, distintos enfoques e metodologias são desenvolvidos e aplicados aos mais variados materiais e podem, sob distintas perspectivas, contribuir com a abertura da “caixa preta da escola” (JULIA, 2001, p.13).

Na produção desta pesquisa, investiguei a composição material da escola a partir dos meios de produção e de reprodução das folhinhas como material didático e pedagógico no contexto escolar gaúcho, a partir dos cadernos de alunos do acervo do grupo de pesquisa Hisales, no período de 1968 a 2008. Para tal, estabeleço como alicerce da pesquisa a operação historiográfica (DE CERTEAU, 2002), seguindo os movimentos e ações principais: a) a seleção dos documentos; b) o tratamento e c) a operação com os documentos, explicando-os para que a escrita dê inteligibilidade às ações desenvolvidas. Sob esta perspectiva, há a intenção de se trabalhar com documentos para transformá-lo em história (DE CERTEAU, 2002).

Compreender as etapas da operação historiográfica, conferindo *status* documental às produções escolares (cadernos e folhinhas) e operar com estas fontes e objetos, em consonância com os aportes teóricos, foi parte fundante do processo da pesquisa, pois como descreve De Certeau (2002):

Em história, tudo começa como o gesto de *separar*, de reunir, de transformar em “documentos” certos objetos distribuídos de outra maneira. Esta nova distribuição cultural é o primeiro trabalho. Na realidade, ela consiste em *produzir* tais documentos, pelo simples fato de copiar, transcrever ou fotografar estes objetos mudando ao mesmo tempo o seu lugar e o seu estatuto. Este gesto consiste em “isolar” um corpo, como se faz em física, e em “desfigurar” as coisas para constituí-las como peças que preenchem lacunas de um conjunto, proposto *a priori*. Ele forma a coleção (DE CERTEAU, 2002, p. 81).

Neste sentido, foi o que procurei realizar ao conferir às folhinhas o status de documentos, redistribuí, organizei e pensei o material de outra forma. Assim, estruturei a coleção que permitiu determinadas interpretações que estão narradas no decorrer da pesquisa.

A transformação de certos artefatos em fontes documentais foi possível, especialmente, pela abertura que a História Cultural propiciou, quando promoveu, por discussões teóricas e conceituais, o alargamento das fontes a serem utilizados, ampliando as relações de diálogo entre as diferentes áreas do conhecimento.

A História Cultural é uma corrente historiográfica alicerçada nos ideais da terceira geração dos *Annales*<sup>9</sup>. Sob esta perspectiva, apresenta-se, no campo de pesquisas educacionais, certo deslocamento de interesses “das ideias e políticas educacionais para as práticas, os usos e as apropriações dos diferentes objetos” (LOPES; GALVÃO, 2010, p. 35).

Nesta perspectiva, “a incorporação das contribuições da História Cultural torna mais produtivas as pesquisas cujo objetivo é compreender como determinadas visões de mundo - materializadas em produtos culturais - foram produzidas e disseminadas por diferentes grupos sociais” (LOPES; GALVÃO, 2010, p. 33). Nesta direção, a pesquisa tem sua perspectiva em consonância com essa corrente, visto que considera os cadernos e as folhinhas como fonte e objeto, como produções culturais de um grupo específico em um determinado período histórico.

A ação de selecionar as fontes documentais foi certamente o primeiro passo desta pesquisa. Ao visualizar os cadernos, dentre inúmeras possibilidades, estabeleci como foco investigar as folhinhas que estão fixadas neles. Ao caderno, dentre outras funções, designa-se a de suporte das folhinhas. Neste processo, o caderno não é neutro, visto que as folhinhas alteram sua materialidade. E, juntos (folhinhas e cadernos), constituem-se como suporte e dispositivo escritural um fixado ao outro.

Neste sentido é que se estabeleceu a relação entre cadernos e folhinhas como fonte e objeto de pesquisa, pois a superposição destes dois documentos revela determinadas ações, dos alunos e das professoras, na produção e organização dos mesmos. Exemplo disso é a forma como as folhinhas são coladas e fixadas, no

---

<sup>9</sup> Revista *Annales d'Histoire Économique et Sociale*, fundada por Lucien Febvre e Marc Bloch em 1929, na França. Influencia a corrente historiográfica denominada como Escola de *Annales*.

registro escrito (feito pelos e alunos e professoras nas páginas dos cadernos) indicando a ordenação e utilização das folhinhas no contexto da aula.

A utilização destes documentos foi possível, especialmente, pela abertura que a história cultural propiciou ao campo da História da Educação, e, conseqüentemente, ao da cultura material escolar, alargando o universo de objetos e documentos a serem utilizados e ampliando as relações de diálogo entre as diferentes áreas do conhecimento.

A seleção das principais fontes documentais da pesquisa (cadernos e folhinhas) relaciona-se com estes movimentos que ampliaram sobremaneira a diversidade documental das pesquisas na História da Educação, fornecendo então, elementos e subsídios para que tanto os cadernos quanto as folhinhas (ambos produções escolares), possam configurar fontes documentais importantes de pesquisa histórica, desde que a criticidade e a rigorosidade na análise dos dados se faça constante, procurando dar inteligibilidade e organicidade aos dados, como todo trabalho científico e historiográfico requer.

Com base em estudos que contemplam esta tendência historiográfica é que constituí a opção por utilizá-los, reafirmando então o respaldo teórico, pois, como afirmam Lopes & Galvão (2010),

A história do ensino não mais de restringe à história das instituições escolares, do pensamento pedagógico e dos movimentos educacionais. Recentemente, tem crescido o interesse pelas práticas escolares, por exemplo. Os historiadores da educação cada vez mais percebem que, para entender os processos de ensino das diferentes épocas, não basta investigar como a organização da escola se transformou ao longo do tempo. Por isso, não é suficiente estudar leis, reformas, regulamentos, programas, ou o que pensavam e propúnhamos educadores ilustres. [...] É preciso, em vez disso, captar o dia a dia da escola de outros tempos – os métodos de ensino, os materiais didáticos utilizados, as relações professor-aluno e aluno-aluno, os conteúdos ensinados, os sistemas de avaliação, de punição... (LOPES; GALVÃO, 2010, p.44).

Ao elaborar e desenvolver a pesquisa, a partir da perspectiva descrita, procurei estabelecer relações entre os campos da Cultura Escolar, da História da Educação e da Cultura Material Escolar, dando visibilidade à produção diária de alunos (as) e professoras, pois entendo que a partir destas produções é possível interpretar tempos, espaços, significados e discursos. É possível inferir, também, sobre os materiais e utensílios que eram usados. Há, assim, a necessidade que os campos dialoguem

entre si, não em ordenação fixa, mas na possibilidade de estruturar-se um circuito que contemple as inter-relações.

Vidal (2005) destaca que, a partir dos anos 1990, consolidou-se a ideia de que a escola é produtora de cultura, uma “cultura própria e original, constituída por e constituinte, também, da cultura social” (VIDAL, 2005, p. 5). Sendo a escola produtora de uma cultura, enfatiza-se que ela é produzida pelos sujeitos que nela habitam, os quais utilizam determinados materiais nesta produção que deixam marcas e pistas para sua interpretação. Os cadernos e as folhinhas são documentos da cultura material escolar que revelam muito desta produção. Pensados a partir de seus suportes permitem “o entendimento do conjunto de fazeres ativados no interior da escola” (VIDAL, 2005, p.16).

Ainda, segundo Vidal (2005), estes objetos culturais podem ser observados e analisados em suas regularidades, constituindo “marcas da modelação das práticas escolares”, mas podem, quando observados em suas peculiaridades, portar indícios das “subversões cotidianas”, sendo possível “localizar vestígios de como os usuários lidavam inventivamente com a profusão material da escola” (VIDAL, 2005, p.17). Desta forma, tanto as folhinhas quanto os cadernos contribuem com estas percepções, pois podem ser pensados a partir de suas regularidades e/ou por suas peculiaridades, sejam analisados individualmente ou em conjunto, devido a superposição das folhinhas aos cadernos.

Sobre a cultura escolar, é também Vidal (2005) que destaca a divulgação dos trabalhos de André Chervel (1990) no qual o autor refere-se à originalidade da cultura escolar. Vidal destaca, também, o trabalho de Dominique Julia (2001) no qual o autor conceitua cultura escolar “como um conjunto de normas que definem conhecimentos a ensinar e condutas a inculcar, e um conjunto de práticas que permitem a transmissão desses conhecimentos e a incorporação desses comportamentos” (JULIA, 2001, p.10). Além disso, é destacada, também, a perspectiva de Antonio Viñao Frago (1995), que considera o tempo, os espaços e a alfabetização como elementos constitutivos da cultura escolar.

Para Escolano Benito (2017), a cultura escolar é entendida “como conjunto de práticas e discursos que regularam ou regulam a vida das instituições de educação formal e a profissão docente” (ESCOLANO BENITO, 2017, p. 119).

Com base nos autores Escolano Benito (2017), Julia (2001), Viñao Frago (1995) e Vidal (2005), é possível concluir que o conceito de cultura escolar se difere, no entanto, um ponto em comum se destaca: a percepção do contexto escolar como produtor de cultura. Os bens materiais produzidos para e por ela são importantes artefatos para refletir sobre diferentes aspectos que constituem historicamente a escola.

Neste sentido, a escola como produtora de cultura, qualifica e contribui para a constituição da cultura material deste espaço em específico, pois os materiais foram produzidos para suprir a necessidade material, modernizar o espaço e as técnicas de ensino e, por consequência, gerar e/ou garantir bons resultados de ensino e de aprendizagem. Logo, essa diversificada composição material que se estruturou historicamente, é tramada pela teia de relações que se estabelece entre os sujeitos, os métodos de ensino, as disciplinas e os conteúdos que a escola planeja/ precisa ensinar.

Por certo há de se reconhecer a complexidade em definir a cultura material escolar como categoria historiográfica (Juri Meda, 2015; Vidal, 2017). Entendendo esta complexidade, destaco duas abordagens apresentadas por Meda (2015), a primeira refere-se exclusivamente ao material e a relação com as práticas educativas e o segundo potencializa o material como processo de produção e de consumo. Segundo o autor:

Para o primeiro, o material escolar é, essencialmente, um objeto material, com uma forte inclinação didática e um destino e uso bem preciso; para o segundo, sem dúvida, além de ser um objeto material é, antes de tudo, um produto industrial e um objeto de consumo, cuja natureza pedagógica passa quase ao segundo plano (MEDA, 2015, p. 9).

Sob estes dois enfoques, o autor descreve duas correntes de estudos: a espanhola, da etno-história da escola (ESCOLANO BENITO, 2017) e a italiana, a da história material da escola (MEDA, 2015).

Neste sentido, Vidal (2017) salienta que os estudos que abordam a cultura material escolar no Brasil e em Portugal se aproximam da perspectiva da etno-história da escola. O desenvolvimento desta pesquisa aproxima as reflexões desta perspectiva (etno-história da escola), pois as folhinhas e os cadernos são materiais escolares de uso didático. No entanto, não se pode desconsiderar a perspectiva de

produção e do consumo dos utensílios que foram e são utilizados, principalmente na produção e reprodução das folhinhas.

Atento para o fato de que, embora as abordagens sobre o conceito de cultura escolar se estruturam sob diferentes ângulos, elas se relacionam em torno de uma questão central: a constituição do conceito de cultura escolar a partir da relação entre sujeitos e objetos.

Os estudos, na perspectiva da cultura escolar, influenciaram sobremaneira na produção de pesquisas que consideram a cultura material escolar, tanto como campo de investigação, como categoria de análise. Sobre esta relação Souza (2007) destaca que,

Ao recortar o universo da cultura material especificando um domínio próprio, isto é, o dos artefatos e contextos materiais relacionados à educação escolarizada, a expressão não apenas amplia o seu significado reinserido as edificações, o mobiliário, os materiais didáticos, os recursos audiovisuais, e até mesmo as chamadas novas tecnologias do ensino, como também remete à intrínseca relação que os objetos guardam com a produção de sentido e com a problemática da produção e reprodução social (SOUZA, 2007, p. 170)

Esse movimento de ampliação deve orientar o trabalho de pesquisadores e pesquisadoras, principalmente no que se relaciona com a organização dos procedimentos e ações metodológicas auxiliando na elaboração epistemológica das pesquisas.

Segundo Felgueiras (2015), o conceito de cultura material é oriundo dos campos da arqueologia e antropologia, o mesmo migrou, entre os anos de 1990 e 2010, para os diversos campos das ciências sociais, em especial, o da educação. A autora destaca a importância da salvaguarda das fontes para área da História da Educação e defende “a assunção da materialidade como uma perspectiva muito produtiva na compreensão do processo educacional e como meio de chegar aos actores de uma forma inesperada, mediada pelos objetos” (FELGUEIRAS, 2015, p. 170), tendo claro a simultaneidade e complexidade das relações dispostas entre atores e objetos nesta produção.

Ainda na visão de Felgueiras (2015), é necessário, principalmente na área da educação, dissolver a visão que separa o “sujeito do mundo material” e confere à supremacia do pensamento pedagógico em relação à prática educativa. Neste sentido, Escolano Benito (2007) considera que os historiadores da educação

reconhecem os objetos por seu valor investigativo e não só ilustrativo do contexto escolar, privilegiando, em suas análises, a intrínseca relação entre sujeitos e objetos na produção cultural.

Deste modo, proponho-me a analisar, como fonte e objeto, as folhinhas e os cadernos, que foram produzidos no cotidiano mutável da sala de aula, conferindo a estes artefatos, e com destaque às folhinhas, uma multiplicidade de interpretações e problematizações acerca das relações de sua produção e utilização, pois:

Folhas, esferográficas, paredes brancas, mobiliário escolar, edifícios, batas, cadernos, em sua materialidade, são signos de pertença a uma cultura. Os artefactos não têm um significado único, o verdadeiro, estabelecido uma vez por todas, mas um conjunto de possíveis, existindo em paralelo. Há toda uma série de possibilidades de uso que se lhes podem atribuir, das quais só algumas serão possíveis, pois o seu uso está limitado pelo conjunto de normas e valores, de representações mais ou menos conscientes, explícitas e implícitas. Os objetos adquirem significado na relação com uma rede de outros objetos e pessoas que, ao usá-los, vão deixando a marca das suas práticas e vão se constituindo também como sujeitos outros (FELGUEIRAS, 2015, p.182).

Assim, confere-se às folhinhas e aos cadernos, o *status* de fonte e objeto de pesquisa, visto que, como “signos de uma cultura”, estes auxiliam de maneira significativa na narrativa da prática da sala de aula, na identificação dos utensílios e instrumentos de produção e reprodução dos materiais didáticos.

Ao finalizar esta seção, na qual tive como objetivo principal elucidar o *lugar* no qual se ambienta teoricamente a pesquisa, encaminho para a seção seguinte, em que centralizarei o enfoque na apresentação das fontes.

## **1.2 O acervo e as fontes documentais**

Como indicado no início desse capítulo, na seção 1.2 apresentarei, de forma mais detalhada, o acervo pesquisado e as fontes documentais que compõem a pesquisa.

O grupo de pesquisa História da Alfabetização, Leitura, Escrita e dos Livros Escolares – Hisales<sup>10</sup>, é cadastrado no CNPq desde junho de 2006, e vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Pelotas. Peres e Ramil (2015), caracterizam-no não só como um grupo de pesquisa, mas também como um centro de memória. Nesse sentido, desenvolve ações de busca, salvaguarda e valorização dos objetos e artefatos escolares, em especial aqueles relacionados à escolarização primária, visando, principalmente, contribuir com as investigações no campo educacional. O Hisales um espaço no qual o exercício e as vivências com a pesquisa se configuram a partir da proposta de diálogo entre pesquisadores iniciantes e experientes, alunos de graduação e de pós-graduação, proporcionando um aprendizado prático e dinâmico entre os integrantes do grupo. Foi neste espaço que constituí minhas primeiras inserções na pesquisa científica e logo, deparei-me com o “sempre apaixonante mundo dos documentos históricos” (BACELLAR, 2008, p. 24).

Referindo-se aos acervos e ao trabalho desenvolvido no/pelo referido grupo de pesquisa, Peres (2012) destaca que:

[...] nosso trabalho do grupo abarca pelo menos três dimensões: a primeira é exatamente o esforço de criação de uma cultura de valorização e consequente preservação desse material; a segunda, o debate e as estratégias efetivas de políticas de acervo; por último, a (re)invenção de metodologias de exploração e de análise dessa fonte e objeto de pesquisa [...] (PERES, 2012, p. 95).

As ações desempenhadas pelo grupo Hisales referentes à busca, à guarda, à organização e ao acesso a estes acervos e artefatos são de fundamental importância para as pesquisas em diferentes campos, mas, principalmente, nas áreas da História da Educação, História da Alfabetização, Cultura Escrita e Cultura Material Escolar. Estas ações contribuíram com o acervo documental que estrutura esta pesquisa, pois as fontes (os cadernos e consequentemente as folhinhas, as revistas e os manuais

---

<sup>10</sup> A estruturação das pesquisas e dos estudos no Hisales se organizam a partir de três amplos eixos: i) Estudos sobre história da alfabetização e escolarização; ii) Pesquisas sobre práticas escolares e não escolares de leitura e escrita e iii) livros escolares produzidos no Rio Grande do Sul. Dentre os principais acervos que o grupo salvaguarda, destacam-se: cadernos de alunos (ciclo de alfabetização e outras séries), cadernos de planejamento (diários de classe), livros para o ensino da leitura e da escrita (nacionais e estrangeiros), livros didáticos produzidos no RS (1940-1980), materiais didáticos pedagógicos e escritas pessoais e familiares.

pedagógicos) estão reunidas no mesmo local, de forma criteriosa e organizada, que permitiram maior agilidade na coleta e organização dos dados.

Dos acervos disponibilizados pelo grupo, operei nesta pesquisa com: os cadernos de alunos (escolarização inicial) nos quais as folhinhas estão coladas e fixadas, os manuais pedagógicos, as Revistas do Ensino, as Revistas do Globo e com alguns artefatos que compõem o acervo dos materiais didáticos-pedagógicos<sup>11</sup>, como por exemplo, os mimeógrafos. A seguir, passarei à descrição de cada uma dessas fontes.

### **1.2.1 Folhinhas de atividades e cadernos de alunos: fontes documentais principais**

Ao definir as fontes e objetos principais desta pesquisa, num primeiro momento, operei com a lógica de distinção entre fonte e objeto. No entanto, a partir de questionamentos e reflexões, compreendi que a imbricada relação entre folhinhas e cadernos, e a forma como organizei os dados, outorgava que ambos fossem concomitantemente entendidos como fonte e objeto. As folhinhas são entendidas como material didático “todo ou qualquer material que o professor possa utilizar em sala de aula, desde os mais simples como o giz, a lousa, o livro didático, os textos impressos, até os materiais mais sofisticados e modernos” (FISCARELLI, 2007, p. 1). São produções das professoras e dispositivos escriturais pelos quais foi possível identificar meios materiais de produção e de reprodução. E os cadernos, são compreendidos como suporte compilador das folhinhas (após colagem e fixação), nos quais foi possível verificar as estratégias de fixação e a relação com os conteúdos do trabalho escolar.

Para compreender estas relações foi necessário identificar trabalhos já realizados com o tema cadernos escolares e, para isso, realizei busca virtual na

---

<sup>11</sup> O acervo de materiais didático-pedagógicos, possui itens de diferentes épocas que podem colaborar no estudo da história do ensino da leitura e da escrita, de um modo especial e da cultura escolar em geral. São itens habitualmente descartados após o uso na escola e que representam concretamente aspectos importante da cultura material escolar de diferentes períodos. Disponível em [https://wp.ufpel.edu.br/hisales/?page\\_id=14](https://wp.ufpel.edu.br/hisales/?page_id=14). Acesso em março de 2019.

Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD)<sup>12</sup>, nos *sites* das revistas: Revista Brasileira de História da Educação (RBHE)<sup>13</sup>, na Revista da Associação Sul-Rio-Grandense de Pesquisadores em História da Educação (ASPHE)<sup>14</sup> e na Revista Linhas<sup>15</sup>. Organizei a busca pelos títulos dos trabalhos, utilizando como descritores a expressão “cadernos escolares”. Localizei na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações um total de 10 trabalhos (7 dissertações e 3 teses), os quais auxiliaram na elaboração desta pesquisa e estão descritos no Apêndice A.

Tendo como princípio que as folhinhas são objeto busquei também os trabalhos já realizados com esse tema a partir dos descritores folhinha e folhinhas. Localizei trabalhos relacionados à seção de jornais impressos, os quais não tinham relação com a proposta da pesquisa e não foram considerados. Ou seja, verifiquei a partir da busca a inexistência de trabalhos que utilizassem as folhinhas como fonte e/ou objeto de investigação, aspecto que corroborou para o engajamento no trabalho e também me conscientizou-me sobre o desafio que seria realizar uma pesquisa com este material.

A classificação e organização destas informações foram primordiais para a escrita deste item e para avaliar a pertinência da proposta de pesquisa, pois localizei, dentre os trabalhos sobre cadernos, alguns que assinalavam, de forma secundária, a presença e a utilização das folhinhas no contexto de sala de aula, abordando de forma sucinta a presença das mesmas no espaço de sala de aula, nas páginas dos cadernos e, indicando possíveis nomenclaturas, destaca-se as pesquisas Monteiro (2016), Neubert (2016), Santos (2002), Becalli (2013) e nos artigos de Porto & Peres

---

<sup>12</sup> A Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD) é um portal de busca que integra e dissemina os textos completos das teses e dissertações defendidas nas instituições brasileiras de ensino e pesquisa.

<sup>13</sup> A Revista Brasileira de História da Educação (RBHE) é a publicação oficial da Sociedade Brasileira de História da Educação (SBHE). A RBHE circula nos meios acadêmicos nacional e internacional desde 2001. O periódico tem publicação contínua de artigos inéditos resultantes de pesquisas, que abordem temas associados à história e à historiografia da educação. A RBHE tem como objetivos a ampla circulação do conhecimento e a promoção da discussão em torno dos diferentes problemas que permeiam o campo de pesquisa e ensino da história da educação, a partir de uma perspectiva interdisciplinar e plural, em termos teóricos e metodológicos. O periódico publica, também, documentos, resenhas e notas de leitura, assim como entrevistas com personalidades de destaque nacional e internacional. Texto disponível em <http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/rbhe/index>. Acesso em 11 de janeiro de 2019.

<sup>14</sup> A revista História da Educação é mantida pela Associação Sul-Rio-Grandense de Pesquisadores em História da Educação (Asphe) desde 1997, com periodicidade quadrimestral. Tem como finalidade disseminar conhecimentos relacionados à área de História e Historiografia da Educação. texto disponível em <https://seer.ufrgs.br/asphe>. Acesso em 11 de janeiro de 2019.

<sup>15</sup> Revista Linhas é publicada pelo Programa de Pós-Graduação em Educação-PPGE, da Universidade do Estado de Santa Catarina, desde o ano de 2000. É uma revista quadrimestral que tem por finalidade veicular a produção científica interdisciplinar, da área da Educação. Disponível em <http://www.revistas.udesc.br/index.php/linhas/index>. Acesso em 11 de janeiro de 2019.

(2011) e Peres (2012). No entanto, em nenhum deles encontrei problematizações acerca da produção e da reprodução destes materiais, como é o foco desta pesquisa. Ao observar os cadernos, tão próprios do cotidiano escolar, é instigante pensar que, em determinado período, esses artefatos não se faziam presentes no ambiente de ensino. A inserção do caderno no âmbito escolar, o qual hoje é considerado seu locus natural de uso ou, como afirma Gvirtz (1999, p. 29), “uno dos pocos elementos de la práctica escolar que há sufrido um significativo processo de naturalización”, foi gradual e circundada por variações quanto ao uso e à produção deste artefato.

Para que o caderno, artefato utilizado em escolas por estudantes de diversas partes do mundo, assumisse o status que possui, o percurso foi longo e de transformações. Hébrard (2001, p.118), referindo-se ao contexto francês, dimensiona a presença de cadernos no século XVI, para “alunos de colégio”, com nomenclatura distinta, definido como o “livro branco”; no século XVII como “suporte obrigatório da obra prima caligráfica” no ensino das “agências de mestre escrivão aritmético” e a partir do século XIX, porém, não ainda em formato de códice, e sim de “folhas soltas e empilhadas”, nas pequenas escolas.

As modificações e a generalização do caderno, no espaço escolar, estão correlacionadas com as próprias transformações da estrutura escolar (espaço físico, métodos de ensino, com o registro e ensino da escrita e a ampliação da instrução popular, etc). A crescente utilização deste artefato na escola, também pode ter relação com o processo de industrialização do papel, que ampliou o acesso das diferentes camadas sociais a este recurso, antes limitado, devido ao alto custo de produção, e, conseqüentemente, de aquisição à determinada parcela da sociedade que adentrava o espaço escolar.

Ainda sobre os cadernos, Mignot (2008) descreve que:

Estamos tão acostumados com os cadernos escolares que não nos damos conta de sua história, que se entrecruza com a história da educação. Passamos por eles despreocupadamente, sem enxergar que falam dos alunos, dos professores, dos pais, dos projetos pedagógicos, das práticas avaliativas, dos valores disseminados em palavras e imagens, bem como das prescrições e interdições que conformam sua produção, sua circulação e seus usos (MIGNOT, 2008, p. 07).

Na história da escrita e da humanidade, a forma de registro escrito foi diversa ao longo dos tempos, tanto em relação ao suporte de escrita quanto aos objetos utilizados para tal. Das paredes das cavernas à tela dos computadores, a produção gráfica se constitui a partir de: tintas à base de elementos naturais, pedras, madeiras,

tecidos, fibras naturais, canetas tinteiras, lápis, teclados virtuais, entre outros tantos materiais e objetos.

Na história da escola não é diferente. Os registros gráficos realizados pelos principais atores escolares, alunas (os) e professoras (es), especialmente na escola primária, foram feitos em/e por distintos materiais, qual sejam: as caixas de areia, ardósias ou lousas<sup>16</sup>, folhas soltas, para então, a partir do século XIX ocuparem, de forma mais sistemática, porém não única, as páginas dos cadernos, favorecendo “el registro de los procesos de producción del trabajo escolar. Se privilegia el tempo de la producción (GVIRTZ, 1999, p. 32).

O registro escrito toma uma outra configuração quando as folhas soltas passam a ser costuradas e organizadas em outro formato e assumem a característica “tridimensional” (HÉBRARD, 2001, p. 137). Ou seja, os cadernos surgem posteriormente às folhas avulsas. O caderno assume, na escola, determinada função e se consolida como artefato da cultura material escolar, tornando a temporalidade do registro escrito mais duradoura e, também, se constituem como suporte para outros materiais escritos, como é o caso das folhinhas produzidas pelas professoras e completadas pelos alunos e alunas e coladas ou fixadas nos cadernos.

O caderno escolar possui especificidades e funcionalidades distintas de outros materiais utilizados para escrita, se comparados com as agendas, por exemplo. Como espaço gráfico, o caderno escolar tem suas próprias regras de utilização que são, *a priori*, aprendidas nas instituições escolares, no espaço de sala de aula. Aprende-se a escrever nas folhas deste artefato, respeitando sua ordenação, bem como a posição de escrita e a sequência diária de registro.

Sua elaboração “[...] constitui-se num aprendizado dirigido e organizado de acordo com determinados procedimentos” (LOPES, 2008, p. 190), logo, aprende-se, também, a organizá-lo, para que outros materiais possam ser a ele colados e fixados, como é o caso das folhinhas. Este aprendizado ocorre de modo que se perfaça, nem sempre de forma harmoniosa, um conjunto de peças e registros do trabalho em sala de aula, que pode ser produzido na coletividade, mas terá individualidades marcadas pela forma como cada sujeito ordena e cola suas produções.

Vale salientar que as pesquisas e estudos com/sobre cadernos escolares passam a potencializar o cenário acadêmico, inicialmente, em países como França,

---

<sup>16</sup> Sobre aspectos históricos acerca do suporte de escrita ardósia/ lousa destaco a pesquisa de Barros (2001).

Espanha, Itália e Argentina<sup>17</sup>, destacando respectivamente os estudos de Chartier A.M. (2002), Hébrard (2001), Vinão (2008), Gvirtz (1999) e Gvirtz & Larrondo (2008).

No Brasil, é principalmente dos anos 2000 que os estudos com e sobre cadernos escolares vão, de forma lenta e gradativa, se constituindo como campo promissor e desafiador de produções, principalmente nas áreas da História da Educação, História da Alfabetização, Ensino/ Aprendizagem e Cultura Escrita<sup>18</sup>, destacando-se autores como, Mignot (2008), Peres (2012, 2017), Lopes (2006), Monteiro (2016), Neubert (2013; 2016), Santos (2002), Becalli (2013). Estas autoras ressaltam que, nas pesquisas brasileiras, há dificuldade de acesso a estes materiais, neste sentido, a consolidação do caderno como fonte e objeto de pesquisa exigiu dos pesquisadores ações para que este artefato escolar fosse salvaguardado e o grupo de pesquisa Hisales é pioneiro nessa missão. Inicialmente, com a organização do acervo e, posteriormente, desenvolvendo metodologias de trabalho e de pesquisa com estes materiais e investindo em produções que potencializam os cadernos como fonte e/ou objeto de pesquisa<sup>19</sup>.

Atualmente<sup>20</sup>, compõem o acervo um total de mil novecentos e oitenta e oito (1.988) de cadernos; compreendidos entre os anos de 1920 a 2017. Organizados e divididos por décadas, sendo as nomenclaturas do acervo definidas em cadernos de alfabetização (C) e cadernos outras séries (CO), seguidos por seus respectivos números de registro.

Deste montante numérico, compõem a pesquisa, um total de 419 (quatrocentos e dezenove) cadernos que datam, especificamente, entres os anos 1960 e 2008, os quais são originários de diferentes municípios do estado do Rio Grande do Sul e abarcam o período da escolarização inicial, que recebeu, ao longo do período, distintas nomenclaturas. Neste conjunto de 419 cadernos, identificou-se as 14.383 (quatorze mil, trezentos e oitenta e três) folhinhas, as quais serão categorizadas de forma detalhada no capítulo 2.

---

<sup>17</sup> Referente a produção sobre e com cadernos nos países exemplificados, ver Gvirtz e Larrondo (2008).

<sup>18</sup> O levantamento descritivo referente às produções sobre cadernos, auxiliaram na elaboração desta pesquisa e estão detalhados nos apêndices A e B. Sendo que no apêndice A a descrição refere-se aos livros, teses e dissertações que abordam o tema e o apêndice B refere-se à produção acadêmica dos integrantes do grupo Hisales que privilegiam da mesma forma os cadernos.

<sup>19</sup> Uma listagem com as produções dos integrantes do grupo Hisales que consideram os cadernos como fonte e/ou objeto de pesquisa está organizada no Apêndice B.

<sup>20</sup> Número referente aos dados de catalogação do acervo de cadernos de alunos em abril de 2019.

A tabela a seguir representa o número total de cadernos examinados em cada década durante a pesquisa.

Tabela 1- Total de cadernos por década.

Décadas	Número de cadernos
<b>1960</b>	30
<b>1970</b>	26
<b>1980</b>	61
<b>1990</b>	118
<b>2000</b>	184
<b>Total</b>	419

Fonte: Da autora, a partir do Acervo Hisales.

Pautada na dinâmica de alargamento das fontes documentais, propostas pelas ações metodológicas da historiografia, fundamentado na história cultural, e buscando compreender determinada prática do cotidiano escolar, os cadernos configuram-se, assim como as folhinhas, como fonte e objeto visto que caracterizam-se, como:

[...] produto da cultura escolar, de uma forma determinada de organizar o trabalho em sala de aula, de ensinar e aprender, de introduzir os alunos no mundo dos saberes acadêmicos e dos ritmos, regras e pautas escolares (VIÑAO FRAGO, 2008, p.22).

Compreendo que o caderno se constitui, a partir de determinadas características, como artefato da cultura material escolar: como suporte de escrita (GVIRTZ, 1999), dispositivo de controle (CHARTIER, A. M. 2002), como organizador do trabalho discente (VIÑAO FRAGO, 2008), condensa a organização do trabalho realizado em sala de aula e reflete “os estilos do trabalho do professor” (VIÑAO FRAGO, 2008, p. 9). Logo, é possível verificar uma série de aspectos do cotidiano escolar em suas páginas.

Neste sentido, há certo contraste entre as folhinhas e os cadernos que se estabelece pela ação de produção do material. As folhinhas são produzidas pelas professoras previamente para serem completadas e trabalhadas em aula. Os cadernos são elaborados diariamente na coletividade da aula, no conjunto de procedimentos desenvolvidos por alunos e professoras.

No entanto, de forma semelhante ao caderno, as folhinhas também se caracterizam como: suporte de escrita, dispositivo de controle, material organizador da aula, entre outros aspectos que poderiam ser relacionados. Ambos constituem a dinâmica da sala de aula, assumem certas semelhanças quanto ao suporte e dispositivo. No início, materialmente separados, e após colagem, sobrepostos, vão compor o artefato que comprova o trabalho realizado em aula.

Segundo Chartier, A.M. (2002):

Para que um dispositivo funcione é preciso, portanto, que ele tenha sido “assimilado” pela instituição, ou seja, por indivíduos, e que ele seja permanentemente “praticado”: trabalho perpétuo, pois há sempre novos alunos e novos professores (CHARTIER, A.M. 2002, p.15).

Neste sentido, as folhinhas assumem este papel. A ação de colar e fixar as folhinhas, assegura a presença material das mesmas aos cadernos, comprova e testemunha sobre as atividades e a prática do trabalho desenvolvido em sala de aula permitindo, assim, controle pedagógico e disciplinar.

A observância do fenômeno das folhinhas, nas páginas dos cadernos é uma prática que instiga e provoca a pensar o espaço da sala de aula, as regras de controle, os recursos e os materiais de ensino, as técnicas, as tecnologias e os materiais que propiciavam a produção e a reprodução destes materiais pelas professoras.

Ao identificar as tipologias de produção e da reprodução das folhinhas, é necessário refletir sobre o cenário e a prática escolar, sobre a instituição e os sujeitos que a compõem, alunos (as) e professoras,

[...] buscando explicar de onde procedem a autoridade e o prestígio da sabedoria empírica, que permanece viva nos sistemas culturais, resistindo ao desaparecimento, sob a pressão das estratégias de substituição, induzidas pelos processos de inovação (ESCOLANO BENITO, 2017, p. 116).

Em diversos estudos, percebe-se possíveis ações que contribuíram para a formação, consolidação e a manutenção deste fenômeno nos cadernos e no espaço escolar identificando as permanências e as modificações na produção e reprodução das folhinhas.

Para estruturar estas relações, desempenhei, na coleta e organização dos dados, distintas ações e procedimentos metodológicos os quais serão abordados, especificamente, no capítulo 2 desta dissertação.

### **1.2.2 As revistas e os manuais pedagógicos: fontes complementares**

Dentre os materiais salvaguardados nos acervos do Hisales, encontra-se considerável número de exemplares da Revista do Ensino<sup>21</sup>, importante periódico educacional produzido no Rio Grande do Sul entre as décadas de 1930 e 1990. Bastos (2005) caracteriza a produção da Revista do Ensino em três fases: a primeira entre os anos de 1939 a 1942, a segunda de 1951 a 1978 e a terceira entre 1989 e 1992. A autora destaca, também, que foi em sua segunda fase que a revista tornou-se uma publicação oficial, sob supervisão técnica do Centro de Pesquisa e Orientação Educacionais, órgão vinculado à Secretaria de Educação do estado do Rio Grande do Sul (CPOE/RS)<sup>22</sup>.

A revista se destacava no cenário gaúcho como impresso pedagógico de expressiva circulação, disponível para a instrumentalização teórica, político-pedagógica e prática do ensino primário. Apreendida desta forma, compõe importante fonte documental, pois versa sobre aspectos relacionados ao ensino primário gaúcho, contemplando em seus artigos “diretrizes técnico-pedagógicas, material didático e legislação relativa ao ensino” (BASTOS; LEMOS; BUSNELLO, 2007, p.45), colaborando na divulgação de técnicas referentes à produção e à reprodução de recursos didáticos e dos equipamentos disponíveis para tais elaborações.

A Revista do Ensino auxiliava na “elaboração de um *corpus* de saberes e de saber-fazer pelo impresso, buscava dar “*status*” ao saber pedagógico como campo de conhecimento científico e, ao mesmo tempo, dar uma dimensão técnica e instrumental ao cotidiano escolar” (BASTOS; LEMOS; BUSNELLO, 2007, p.45).

Os 166 exemplares selecionados para busca de informações referem-se à segunda fase da revista (1951-1978), pois se aproximam temporalmente do período

---

<sup>21</sup> Sobre a Revista de Ensino no Rio Grande do Sul, ver BASTOS (2005).

<sup>22</sup> Sobre a atuação do CPOE no Rio Grande do Sul, ver as produções de Peres (2000) e Quadros (2006).

desta pesquisa<sup>23</sup>, e estão salvaguardados no Hisales. Observei alguns aspectos que se relacionam à pesquisa como, por exemplo, indicação de reprodução de folhinhas em mimeógrafo e/ou duplicador de determinada atividade para distribuir aos alunos, receita de massa para hectógrafo<sup>24</sup> ou copiador à gelatina e as propagandas sobre os duplicadores. A partir destes dados, foi possível perceber que a Revista de Ensino, embora o processo do fenômeno das folhinhas seja mais abrangente, teve influência importante na produção da cultura escolar, pois apresentava e divulgava objetos escolares, ideais pedagógicos, práticas de ensino, avanços tecnológicos e divulgava modelos de modernização educacional.

A Revista do Globo, periódico gaúcho produzido pela Livraria Globo<sup>25</sup>, em Porto Alegre, entre os anos 1929-1967, propunha na produção editorial da época “disseminar o pensamento contemporâneo e registrar os principais fatos ocorridos no Rio Grande do Sul” (BARBOZA; GONÇALVES; RAMOS, 2009, p 33), bem como, servir de vitrine aos produtos da Livraria do Globo e, posteriormente, da Editora Globo. O acervo do Hisales destas revistas totaliza 205 exemplares, utilizei os que se aproximavam temporalmente da pesquisa (56 exemplares).

Neste sentido, selecionei algumas propagandas de materiais relacionados ao contexto escolar para realizar aproximações, como as que referenciavam as máquinas de escrever, as cargas e canetas esferográficas, no entanto outras poderiam ser apresentadas, como por exemplo, as que se referem a apontadores, ou as que referenciam as fitas adesivas, utilizadas para encapar livros e cadernos, entre outros objetos também característicos do contexto escolar.

Em outro momento, talvez seja possível investigar qual foi a contribuição da revista para a divulgação destes materiais que eram comercializados na Livraria do Globo e se de alguma forma ela contribuiu para a organização e diversificação da cultura material no contexto escolar, mas não é o objetivo da pesquisa.

No campo de atuação e formação docente, historicamente os manuais pedagógicos se caracterizaram por fornecer aos professores conhecimentos

---

<sup>23</sup> É imprescindível agradecer a colaboração de Chris de Azevedo Ramil que compartilhou dados sobre a Revista de Ensino, no caso, relacionados aos meios de produção e reprodução.

<sup>24</sup> Massa produzida à base de gelatina e glicerina, utilizada para reprodução de materiais.

<sup>25</sup> No artigo *Livrarias e editoras no Rio Grande do Sul: o campo editorial do livro didático*, Arriada (2009) concentra a investigação no sistema editorial do Rio Grande do Sul e organiza um levantamento das principais casas editoriais e tipografias que funcionaram no Estado.

relacionados à organização, às metodologias, aos recursos e à cientificidade pedagógica do trabalho docente. Auxiliaram professoras e professores no preparo do trabalho, indicando aspectos e itens de um planejamento adequado para o ensino e também orientavam quanto à elaboração e utilização de determinados recursos que auxiliavam na prática docente e que também colaboraram na construção da cultura escolar, pois indicavam, entre outros aspectos: o perfil ideal de docente, as atribuições em sala de aula e na escola, os recursos, os métodos e práticas de ensino, ou seja, orientavam as professoras sobre como fazer o planejamento e dar aulas.

Sobre a produção dos manuais pedagógicos no Brasil, Silva e Alves (2015) organizam um panorama desde as primeiras publicações que datam, segundo os autores, de 1870 até as últimas décadas do século XX, período em que assinalam ter ocorrido uma reestruturação, por diferentes fatores, e a opção pelo uso de uma outra nomenclatura, que os autores definem como “livros de formação pedagógica”, pois os mesmos assumem, segundo os autores, outra materialidade, inclusive em relação aos conteúdos que “passam a enfatizar o trabalho docente para além da sala de aula, chamando atenção para suas dimensões sociais e culturais” (SILVA; ALVES, 2015, p. 376).

Na pesquisa, foram consultados os manuais pedagógicos (98 exemplares, datados 1905 e 1991) que estão disponíveis no Hisales. A consulta a estas publicações teve como critério principal a busca por aspectos relacionados ao conceito de materiais didáticos e meios de produção e reprodução de folhinhas. Assim, dos 98 exemplares, foram selecionados os seguintes manuais: Metodologia do Ensino Primário, do autor Theobaldo Miranda Santos (1957); A Escola Primária - Princípios gerais e direção de classe, dos autores John Michaelis e Enoch Dumas com tradução de Lenice Bezerra Moura (1967) e Orientação educacional no cotidiano das 1ª séries do 1º grau, da autora Maria das Graças de Castro Sena (1985).

Esses três manuais foram selecionados por apresentarem aspectos relacionados à produção e utilização de materiais e recursos em sala de aula.

Sobre material didático, o manual de Theobaldo Miranda Santos (1957) apresenta a seguinte definição:

Entende-se por material didático todos os objetos que auxiliavam o professor exercer sua função educativa. Compreende, não só os objetos artificiais, como gravuras, fotografias, instrumentos, aparelhos, utensílios, livros, papel,

tinta, giz, lápis, pena, etc., como também objetos naturais, como plantas, animais e minerais (SANTOS, 1957, p.77)

Caracterizando todos os objetos utilizados pelo professor na ação docente, como materiais didáticos, o autor classifica-os quanto a sua “natureza” e “função”. Quanto à natureza, podem ser organizados em “material permanente” ou “material de consumo” e a quanto à função, são relacionados ao “material ilustrativo ou material de trabalho” (SANTOS, 1957, p.80).

Pensando a partir da categorização do autor, as folhinhas se configurariam como material didático de consumo e de trabalho, afinal, as professoras produzem o material e os alunos os utilizam durante as aulas.

Em A Escola Primária- Princípios gerais e direção de classe dos autores John Michaelis e Enoch Dumas com tradução de Lenice Bezerra Moura (1967) o capítulo 9 – Recursos da comunidade e materiais audiovisuais os autores do manual dedicam-se a classificar os recursos usados na prática de ensino e relacionam a utilização dos materiais com o planejamento das aulas. O professor deve conhecer e saber como manipular cada recurso/material para saber aproveitá-lo da melhor forma possível durante as aulas.

Dentre os vários tipos de material, apresentam o material duplicado e o equipamento duplicador.

#### Material duplicado

A fim de economizar tempo e evitar trabalho de cópia, use material duplicado para questões de verificação, exercícios de fixação, folhas de trabalho independente, informações e coisas semelhantes. São muito usados os duplicadores de estêncil e de gelatina (MICHAELIS; DUMAS, 1967, p. 252)

Os autores indicam como razões para a seleção e utilização deste material duplicado (folhinhas), a economia de tempo dispensado para realizar atividade e também evitar o trabalho de cópia, quando é necessário que cada aluno disponha e tenha posse do seu material. Ainda destacam que é necessário que todos os alunos tenham o material consigo, que o material seja legível, que se produza somente o material necessário, e que se evite a utilização do material como forma de ocupar os alunos, sem que haja proveito e aprendizagem para eles.

Ainda sobre material didático, Sena (1985, p.75) afirma que uma das poucas opções, referindo-se ao contexto dos anos 1985, de material didático é o que a professora produz por meio do mimeógrafo a álcool, visto que não dispunha de outros previamente elaborados. Neste caso, enfatiza a reprodução dos materiais por meio deste equipamento.

Apresentadas as fontes que formam uma rede de relações possíveis nesta pesquisa, na próxima seção, descrevo as ações metodológicas desenvolvidas na coleta e organização dos dados.

### **1.3 Folhear, desdobrar e contar: procedimentos metodológicos da pesquisa**

Nesta seção, apresento os procedimentos metodológicos da pesquisa, ou seja, tenho como objetivo central descrever as inúmeras ações desenvolvidas e as operações realizadas na coleta e organização dos dados, nos movimentos repertoriados e exaustivamente repetidos, tendo como premissa a ideia de Michel De Certeau (2002, p. 81) de que o procedimento inicial, de uma pesquisa de cunho historiográfico, é representado pelo “gesto de *separar*, de reunir, de transformar”.

Como exemplifiquei nas considerações iniciais, a primeira fase de coleta de dados (janeiro de 2017 a junho de 2017), foi pensada na perspectiva do projeto apresentado para ingresso no curso de Mestrado em Educação, que tinha por objetivo investigar as práticas de leitura tendo os cadernos de alunos como fonte de pesquisa. Porém, ao coletar as informações, manuseando diariamente os cadernos, alguns outros aspectos foram despertando meu interesse. Foi neste momento, em meados de junho de 2017, que reestruturei a pesquisa. Configurei e recomecei a coleta de dados, pois alterei o foco da pesquisa, aspecto que ampliou o período histórico de investigação, o que naquele momento foi um tanto desafiador.

Ao considerar as folhinhas coladas e fixadas nos cadernos, como fonte e objeto de pesquisa, foi necessário reorganizar as estratégias de coleta de dados. A reorganização desta etapa incluiria verificar novamente os cadernos do acervo, na tentativa de responder algumas questões iniciais, como por exemplo: quando aparecem as primeiras folhinhas coladas nas páginas dos cadernos? Quais

características materiais estas folhinhas apresentavam? Como eram fixadas? Eram coladas? Quais técnicas, utensílios e instrumentos eram utilizados na sua produção e reprodução? Numericamente, qual a quantidade de folhinhas seria possível identificar nos cadernos que compõem o acervo?

Os cadernos correspondem a todos os níveis de escolaridade, desde a pré-escola à pós-graduação, optei, após qualificação do projeto, por utilizar o conjunto de cadernos de alunos de escolas do Rio Grande do Sul em fase inicial de escolarização (1ª a 5ª série e 1º ao 5º ano), a nomenclatura utilizada para nominar esse período da escolarização variou de acordo com a organização do ensino público no Brasil, que historicamente foi alterada pela legislação educacional (o ensino primário, o ensino de primeiro grau e os anos iniciais da educação básica).

Decidi, então, estruturar a coleta dos dados a partir da composição física do acervo, que é organizado por décadas nas estantes, e que seguem critérios de organização específicos dessa coleção. Na época, um total de mil quinhentos e cinquenta e cinco (1.555) cadernos<sup>26</sup> compunham o acervo, abarcando o período entre as décadas de 1920 e 2010, o qual eu pretendia verificar em sua totalidade.

De imediato, verifiquei os cadernos correspondentes às décadas de 1920, 1930, 1940 e 1950 e percebi, durante estas décadas, a ausência das folhinhas nos cadernos do acervo. Sendo perceptível sua presença nos cadernos que correspondem ao período dos anos finais da década de 1960, mais especificamente, a primeira folhinha foi identificada no caderno C1- 1968 produzida com caneta e lápis.

Estabeleci como marco final de coleta dos dados a verificação da presença da primeira folhinha que se configurasse, de forma explícita<sup>27</sup>, como cópia ou impressão de atividades, que referenciasse endereços eletrônicos de *sites* e/ou *blogs* educacionais.

No caso, a referência encontrada foi <http://mini.paparoka.com>, no caderno (C9-2008). Esse modelo, mais recente e contemporâneo, repercute então em uma outra forma de produção desses materiais didáticos, os quais discutirei no capítulo 2.

---

<sup>26</sup> Referente a este dado destaca-se que o acervo de cadernos recebe doações constantes, esse fato altera periodicamente o número total de cadernos, que atualmente (abril de 2019) totaliza 1.988 cadernos.

<sup>27</sup> Presença do registro de referência do endereço eletrônico do site ou página.

A presença de um novo modo de produção das folhinhas, exigiriam, também, uma análise sobre as questões de acesso e ampliação das tecnologias da informação e à rede mundial de computadores. Essa forma de produzir, armazenar e/ou de reproduzir o material pode e deve ser problematizada em outras pesquisas, pois há potencial, e é necessário problematizar como os professores se utilizam das ferramentas digitais e tecnológicas na elaboração de suas aulas, pois “estes novos objetos da era digital, embora não sendo exclusivos da escola, podem ser, em grande parte, catalisadores de mudanças.” (GASPAR DA SILVA; AMANTE, 2015, p. 2) que serão certamente observadas na prática de sala de aula.

Seguindo a descrição dos procedimentos metodológicos, cabe ressaltar que as ações de conservação de acervo desempenhadas pelo grupo de pesquisas Hisales, em geral, são bastante criteriosas. Os cadernos, após higienizados, são envolvidos em papel seda e acondicionados em caixinhas individuais sob medida. Nestas caixas, é anexada uma ficha com os dados de catalogação (imagem do caderno, década, ano, identificação, série/ano, gênero, escola, cidade, período de registros das aulas, coleção de cadernos e observação) a qual pode visualizar-se na Figura 1, a seguir.

Esta ficha possibilita a imediata observação para saber se o caderno corresponde ao *corpus* documental desta pesquisa pelos dados que apresenta, neste caso específico, a indicação da década, ano e série/ano.

	<p><b>DÉCADA:</b> 1960  <b>ANO:</b> 1968  <b>IDENTIFICAÇÃO:</b> C5  <b>SÉRIE/ANO:</b> 1ª série  <b>GÊNERO:</b> Masculino  <b>ESCOLA:</b> Escola Joaquim Caetano da Silva  <b>CIDADE:</b> Pelotas/ Morro Redondo  <b>PERÍODO DE REGISTRO DAS AULAS:</b>      Junho/Setembro  <b>COLEÇÃO DE CADERNOS:</b>  <b>OBSERVAÇÃO:</b></p>
---	---

Figura 1- Ficha de identificação dos cadernos.

Fonte: Banco de dados Hisales.

As informações impressas nas fichas são os primeiros a compor a tabela de registro que foi organizada de modo a possibilitar o cruzamento, interpretação e análise dos dados.

Realizei manualmente<sup>28</sup>os procedimentos para coleta dos dados, o que implica na manipulação individual de cada caderno, ou seja, retirá-lo de seu acondicionamento físico, registrar sua identificação, folhear suas páginas, desdobrar uma a uma das folhinhas coladas para identificar quais utensílios, instrumentos e técnicas foram utilizados na sua produção ou reprodução. Foi uma etapa importante da pesquisa que exigiu tempo e cuidado com o material físico. Nestas ações de folhear e desdobrar, havia a intencionalidade de fazer a categorização das folhinhas, a contagem do número de folhinhas em cada caderno e a observação de como as folhinhas eram organizadas nas páginas dos cadernos.

Organizei os dados coletados em um software de edição de planilhas, através de uma tabela que contempla o preenchimento de 20 campos de registro que dão conta de estruturar as informações para posterior análise. A tabela de registros dos dados é composta por campos amplos e alguns subcampos, respectivamente:

- I. dados de identificação (identificação do caderno, ano, série/ano, rede de ensino, conjunto e localidade);
- II. descrição da materialidade do caderno (dimensões do caderno, encadernação e aspectos da capa);
- III. aspectos gráficos do caderno (escrita do aluno, escrita do professor e marcas de organização do aluno);
- IV. materialidades de produção e reprodução das folhinhas (nº folhas mimeografadas, nº de folhas datilografadas, nº folhas com carbono, nº folhas escritas à caneta/ lápis, nº folhas fotocopiadas, nº folhas impressas e nº de dobras);
- V. observações.

Cabe salientar que a organização dos campos e subcampos que compõem os registros dos dados constituiu-se ao longo da própria coleta. As nomenclaturas foram sendo constituídas a partir das materialidades das folhinhas, ou seja, pelos meios (utensílios, instrumentos e técnicas) de produção e de reprodução de cada uma das

---

<sup>28</sup> No procedimento de coleta de dados são respeitadas todas as orientações do grupo de pesquisas Hisales, com relação a manipulação do acervo (utilização de luvas e máscara). O cuidado com a manutenção da ordenação física do acervo foi garantida através da utilização de marcadores que identificavam o local do caderno nas estantes após ser retirado para coleta de dados.

14.383 folhinhas identificadas. Além disso, é preciso destacar que fiz isso para cada um dos 419 cadernos que compõem o corpus da pesquisa.

Na Figura 2, a seguir, a imagem que exemplifica a planilha de registro, referente a década de 1980, com os campos e subcampos organizados a partir dos dados.

Dados de identificação					Materialidade do caderno			Aspectos gráficos do caderno				Materialidade das folhinhas				
Identificação do caderno	Ano	Série / ano	Rede de Ensino	Conjunto	Localidade	Dimensões do caderno	Encadernação	Aspectos da capa	Escrita do aluno	Escrita do Professor	Marca de organização	Nº folhas Mimeografadas	Nº folhas com carbono	Nº folhas escritas caneta/Lápis	Nº folhas fotocopiadas	Nº imp
C1	1980	1ª	Pública	17	Pelotas	210 x 150	Brochura	Plastificado/ rosa	Caneta	Lápis	n/c	58	0	0	0	
C2	1980	1ª	Pública	17	Pelotas	210 x 150	Brochura	Plastificado	Caneta	Lápis	n/c	66	0	0	0	
CO1	1980	n/c	Pública	147	Capão do Leão	29,5 x 20,5	Espiral	Capa original	Não há registro da Profª	Caneta e Lápis	Linhas	0	2	0	0	
CO2	1981	n/c	Pública	147	Capão do Leão	29,5 x 20,5	Espiral	Capa original	Caneta	Caneta e canetinha	Linhas	0	0	0	0	
CO1	1982	5ª	Pública	16	Piratini	29,5 x 20,5	Espiral	Original	Caneta	Caneta e Lápis	Linhas e desenhos	0	0	0	0	
CO2	1982	5ª	Pública	16	Piratini	280 x 205	Espiral	Original	Caneta	Lápis e caneta	Linhas retas e onduladas	0	0	0	0	
C1	1982	1ª	Pública	152	Pelotas	Pequeno	Espiral	Original Plastificado	Caneta	Lápis		66	0	1	0	
C2	1982	1ª	Pública	152	Pelotas	Pequeno	Espiral	Original Plastificado	Caneta	Lápis		19	0	0	0	

Figura 2 - Planilha de registro dos dados de 1980.

Fonte: Dados da pesquisadora.

Optei pelo registro em planilhas do Microsoft Office Excel pela operacionalidade dos dados que a mesma proporciona, podendo-se realizar agrupamentos e filtros por diferentes critérios, aspectos que utilizei na pesquisa em diversas vezes, como, por exemplo: na organização por municípios, série e anos, meios de produção e reprodução, entre outros.

Com relação aos municípios<sup>29</sup> que representam a localidade das quais os cadernos são originários, apresento, na Figura 3, o mapa geográfico da pesquisa.

No mapa, pode-se visualizar que os cadernos utilizados na pesquisa são provenientes de diferentes municípios do Rio Grande do Sul: 02 municípios da mesorregião metropolitana de Porto Alegre; 03 municípios da mesorregião do noroeste; 01 município da mesorregião sudeste e a concentração dos municípios, refere-se a mesorregião sudeste do estado, 12 municípios, fato que se justifica pela localização física do grupo de pesquisa Hisales<sup>30</sup> (Universidade Federal de Pelotas, localizada na Região Sul do Rio Grande do Sul).

<sup>29</sup> Lista das Mesorregiões do Rio Grande do Sul. Disponível em [https://pt.wikipedia.org/wiki/Lista\\_de\\_mesorregi%C3%B5es\\_do\\_Rio\\_Grande\\_do\\_Sul](https://pt.wikipedia.org/wiki/Lista_de_mesorregi%C3%B5es_do_Rio_Grande_do_Sul). Acesso em 23 de janeiro de 2019.

<sup>30</sup> Campus II - UFPel, Rua Almirante Barroso, 1202. Sala 101 H - Pelotas/RS- Brasil.



Figura 3 - Localização dos cadernos da pesquisa.

Fonte: Banco de dados da pesquisa- elaboração da autora.

Além de serem provenientes de diferentes municípios, os cadernos correspondem a diferentes realidades escolares, são originários de escolas municipais, estaduais e da rede privada. Alguns são de escolas multisseriadas da zona rural e outros dos centros urbanos, conferindo, assim, representatividade a diversidade escolar e, ao mesmo tempo, revelam a regularidade da utilização de um material didático específico em diferentes períodos e lugares.

Pergunto: seriam as folhinhas um material didático naturalizado no meio escolar, assim como os cadernos (Gvirtz, 1996)? Possivelmente. De fato, se verifica sua utilização em cadernos, em geral, não apenas aqueles selecionados para a pesquisa, no caso, usados no Rio Grande do Sul. Elas aparecem também em cadernos usados em outros estados brasileiros e que compõem o acervo. A presença das folhinhas é também observada e divulgada em pesquisas como a de Chartier A. M. (2002) no contexto francês, Neubert (2013) e Santos (2002) no estado de Santa Catarina, Becalli (2013) no Espírito Santo, Lopes (2006) no Rio de Janeiro e Santos (2002) em São Paulo.

Na organização das informações na planilha, alguns campos registrados são referentes à caracterização material dos cadernos (tipo de encadernação, a apresentação da capa, as dimensões do caderno), afinal, eles são fonte e objeto na pesquisa, pois se evidencia a possibilidade de articular estes dados na compreensão da materialidade (CHARTIER, R. 2014) que estrutura-se a partir da colagem e fixação das folhinhas nos cadernos. Outros dados como marcas de organização, a escrita da professora e do aluno também foram coletados. É preciso pensar, por exemplo, se a encadernação interfere na escolha e na maneira de fixar as folhas, se as dimensões do caderno influenciam na forma de fixação e no número de dobras das folhinhas nas páginas dos cadernos, se há registros de marcas de organização nas folhinhas e nos cadernos que colaboram para compreender a materialidade das mesmas.

Outro investimento realizado como ação metodológica foi a organização do banco de imagens. Inicialmente, os registros eram produzidos com a utilização da câmera de aparelho celular e, posteriormente, ainda pelo aparelho celular, porém com a utilização do aplicativo *Notebloc*<sup>31</sup> e suas ferramentas. No registro, priorizava-se contemplar pelo menos uma apresentação de cada folhinha em cada caderno pesquisado.

A imagem foi fundamental, pois serve de suporte para análise e possibilita a verificação detalhada da folhinha sem necessidade de voltar ao caderno. O banco de dados de imagens possui em torno de 3.360 imagens, que correspondem tanto às singularidades quanto às pluralidades características das folhinhas, dos cadernos e dos meios de produção e reprodução. Organizou-se as imagens em arquivos (pastas) no computador por décadas, nomeadas com a identificação do caderno e o respectivo ano.

Apresento, a seguir, na tabela 2, o balanço entre o número de cadernos<sup>32</sup> que possuem folhinhas fixadas em suas páginas e o número de cadernos que não possuem folhinhas em suas páginas.

---

<sup>31</sup> [Notebloc](https://play.google.com/store/apps/details?id=com.notebloc.app) é um aplicativo gratuito para Android que oferece uma forma prática de digitalizar documentos, anotações, esboços, desenhos, etc. Disponível em <https://play.google.com/store/apps/details?id=com.notebloc.app>.

<sup>32</sup> O número de cadernos apresentado corresponde aos cadernos que foram verificados durante a coleta de dados no período de julho de 2017 a setembro de 2018.

Tabela 2 - Relação percentual número de cadernos com e sem folhinhas.

Décadas	Número de cadernos	Número de cadernos com folhinhas	Número de cadernos sem folhinhas
<b>1960</b>	30	16,66 %	83,33%
<b>1970</b>	26	46,15 %	53,84%
<b>1980</b>	61	62,29 %	37,70%
<b>1990</b>	118	81,35%	18,64%
<b>2000</b>	184	87,50%	12,50%
<b>Total</b>	419	74,52%	25,47%

**Fonte:** Dados de pesquisa da autora.

Ao observar os dados da tabela acima, nota-se que ocorre uma inversão dos valores percentuais apresentados. Na década de 1960, o percentual de cadernos sem folhas é maior em relação aos que possuem folhas, no entanto, nas décadas seguintes o movimento é gradativamente oposto e os percentuais apresentam crescente aumento dos valores para cadernos com folhinhas coladas. É possível relacionar esse dado com outros aspectos, como por exemplo, a obrigatoriedade de escolarização e o respectivo aumento de alunos nas redes de ensino, maior demanda de trabalho para as professoras, o próprio desenvolvimento industrial, que se estrutura no Brasil a partir da década de 1960 e influencia na industrialização da fabricação do papel, bem como na produção de equipamentos para utilização escolar, entre outros.

A partir dos procedimentos metodológicos descritos até aqui, constituí a elaboração do banco de dados, no qual dispus os registros de modo a contribuir com a organização das possíveis categorias de análise, dentre um dos principais itens, os que se correlacionam com a categorização das folhinhas e a classificação dos meios de produção e dos meios de reprodução das 14.383 folhinhas contabilizadas na coleta, referentes aos 419 cadernos.

Para a coleta de dados nas Revistas do Ensino, Revista do Globo e nos manuais pedagógicos as ações foram semelhantes na busca e registro das

informações. No caso das revistas, centrei as buscas na observação e registro de propagandas e artigos que se relacionassem com a produção e reprodução de recursos e materiais didáticos. Organizei as informações por meio registro escrito e imagético.

Nos manuais pedagógicos centrei os esforços no tema: *recursos e materiais didáticos*; inicialmente, realizei a busca pelo sumário, quando localizadas as informações de relevância realizava o registro (escrito e imagem) e a leitura atenta das informações no texto completo. Todos os dados que coletei e organizei foram pensados, e serão articulados para dar inteligibilidade ao texto (DE CERTEAU, 2000).

Apresentarei, no próximo capítulo, a descrição e problematização dos dados que permitiram a construção da análise, a partir da cultura material escolar, bem como as estratégias de identificação dos meios de produção e reprodução de cada folhinha a partir das características físicas e visuais das folhinhas analisadas.

## **2. DAS CANETAS AOS COMPUTADORES: A GENEALOGIA DAS FOLHINHAS DE ATIVIDADES EM CADERNOS DE ALUNOS**

Neste capítulo, apresento a categorização das folhinhas, de acordo com os utensílios, as técnicas e os equipamentos de produção e reprodução. Destaco as nomenclaturas estruturadas ao longo da pesquisa, a partir das características materiais das folhinhas, sendo estas relacionadas tanto aos meios de produção (técnica usada pela professora para fazer as folhinhas), quanto aos meios de reprodução (duplicação das folhas para o grupo de alunos e alunas), além disso, destaco, também, o número contabilizado em cada tipologia.

Nas considerações iniciais desta pesquisa, descrevi algumas das denominações verificadas nos dados, para nomear o material didático folhinha, como por exemplo, a nomenclatura “*folha mimeografada*” chamou atenção por exemplificar, especificamente, a materialidade da folhinha em relação ao meio de reprodução, logo, ao realizar a classificação, percebi que eram os meios de produção e de reprodução que conduziram a escolha na elaboração das categorias.

### **2.1 Categorizando as folhinhas: as tipologias a partir da produção e reprodução**

Desenvolvi a organização dos dados referentes aos aspectos da tipologia das folhinhas pela observação cuidadosa, minuciosa e comparativa de cada detalhe apresentado. Neste sentido, estar atenta às inúmeras possibilidades foi regra, ser sensível às nuances e a minúcia de cada aspecto apresentado (traços, bordas, correções, sombras e marcas) foi essencial!

Foi necessário observar, isolar os indícios e pistas de cada folhinha, para sistematizar a partir do que observava e pela interpretação dos dados, os meios de produção e os meios de reprodução de cada uma. Foi como montar um quebra-cabeça, no qual o desenho das peças foi circunscrito pelos movimentos e ações desenvolvidas pela pesquisadora.

Durante o processo de coleta dos dados, contabilizei, como afirmei, uma somatória de quatorze mil trezentos e oitenta e três (14.383) folhinhas, classificadas em seis (06) categorias, que ora contemplam os meios de produção, ora os meios de reprodução. Os utensílios e instrumentos utilizados nos processos de produção e de reprodução forneceram dados para constituir as categorizações e então estruturar a genealogia. As categorias serão descritas e exemplificadas a seguir:

- i) folhas escritas com caneta e/ou lápis;
- ii) folhas mimeografadas;
- iii) folhas datilografadas;
- iv) folhas reproduzidas com papel carbono;
- v) folhas fotocopiadas;
- vi) folhas impressas;

O gráfico, na Figura 4, ilustra as categorias e o número de folhinhas identificadas na pesquisa.



Figura 4 - Relação entre as categorizações e o número de folhinhas.

Fonte: Produção a partir do banco de dados da pesquisadora.

Pelos dados apresentados no gráfico, é possível observar os números totais das folhinhas contabilizadas na pesquisa. Em percentuais, os dados correspondentes

às folhinhas reproduzidas pelo mimeógrafo representam 68,26% do total das folhas contabilizadas, as folhinhas fotocopiadas 16,04%, as impressas 12,27%, o número de folhinhas produzidas por caneta e lápis representam 3,24%, as folhinhas reproduzidas por meio de papel carbono 0,15% e por fim, o percentual de folhinhas produzidas por meio da máquina de escrever é 0,006% do total. Mais da metade das folhinhas contabilizadas, 68,26%, correspondem às folhinhas reproduzidas pelo mimeógrafo.

Ao analisar o dado referente as folhinhas mimeografadas, indico que possivelmente em termos de duplicação de materiais didáticos havia uma vantajosa relação custo benefício na reprodução por mimeógrafo. Considero, sobre este aspecto, que a utilização do mimeógrafo estabelecia algumas vantagens em termos de duplicação de materiais didáticos, como por exemplo, autonomia na elaboração das atividades e a relação custo benefício.

Apresento, a seguir, as categorias das folhinhas identificadas na pesquisa. Os exemplos selecionados pretendem, de maneira geral, caracterizar determinada genealogia, pois entende-se que cada folhinha é única em sua materialidade, mas também compõem, a partir de determinada regularidade, qual seja o meio de produção ou o meio de reprodução, propriedades que as agrupam nas categorias constituídas.

### **2.1.1 Folhinhas produzidas com caneta e/ou lápis**

As folhinhas que compõem esta categoria, foram produzidas a partir dos utensílios caneta esferográfica, caneta hidrográfica ou lápis. Essas produções representam (3,24%) e totalizam (467) das folhinhas. A identificação ocorreu pela visualização das cores e pelo tipo gráfico da escrita. As folhinhas desta categoria foram as primeiras que identifiquei na pesquisa, datam do ano de 1968 (cadernos C1), e a última foi verificada no caderno (C9-2008), no qual concluí a coleta de dados, ou seja, essa forma de produzir o material perpassou toda a periodização da pesquisa, embora não em grande escala.

As folhinhas produzidas com caneta esferográfica, caracterizam-se pela tonalidade das cores, geralmente pelas cores azul, vermelha e/ou preta e, também, pela forma gráfica e traçado da letra no papel e se difere das folhas produzidas com a caneta hidrográfica (canetinha), tanto pela maior variedade de cores, quanto pelo marca gráfica (forma da letra) traçada sobre o papel.

Na figura 5, a seguir, uma produção supostamente realizada pela professora, há uma palavra em destaque com as sílabas a serem trabalhadas, uma atividade característica do método silábico de alfabetização<sup>33</sup>. A partir da visualização da folhinha, é possível dizer quais os instrumentos foram utilizados para elaboração, sendo eles: a caneta hidrográfica (nas cores laranja, azul e rosa) e a caneta esferográfica (cor azul). Observa-se, também, que a tarefa foi realizada pelo (a) aluno(a) com registro a lápis (grafite).

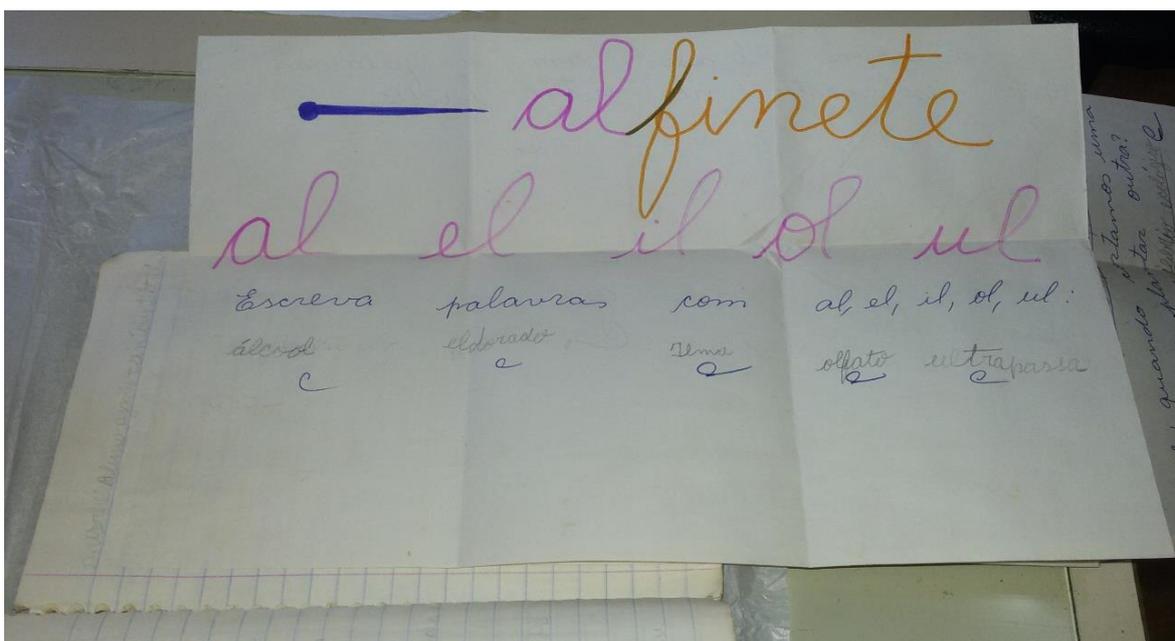


Figura 5 - Folhinha produzida com caneta hidrográfica (C5 -1986).

Fonte: Acervo Hisales.

Na produção exemplificada, observa-se que a professora optou por utilizar cores diferentes na palavra “*alfinete*”, destacando de rosa a sílaba a ser estudada. Essa diferenciação de cores nas sílabas das palavras também é perceptível nas

<sup>33</sup> Sobre métodos de alfabetização ver Mortatti (2000) e sobre cadernos e métodos de alfabetização ver Peres (2012).

cartilhas de alfabetização elaboradas a partir do método silábico, fato realçado pela produção da professora na atividade da folha.

É possível observar no traçado da letra “f” a superposição das cores rosa e laranja. Entendo que a professora, despercebidamente, continuaria a escrever a palavra com a cor rosa e logo, percebendo seu engano, reescreve parte da letra com a cor laranja. Com relação a esta produção, algumas questões são possíveis: a professora fez uma a uma, produziu uma folha para cada aluno? Para quantos? Utilizou as mesmas cores? Quantos folhinhas ela teria produzido? Infelizmente, estas questões não podem ser respondidas a partir dos dados, mas há de se pensar nas condições das escolas e no perfil de turma que a professora trabalhava que, no caso, é uma escola pública da região urbana.

A opção pela organização da atividade na folha A4, em formato paisagem<sup>34</sup> (horizontal), também chama a atenção. A possibilidade sobre a escolha da posição da atividade, poderia ser justamente pelo meio de produção e na relação com o tamanho da palavra escrita, visto que o tamanho da letra, se a folha estivesse no formato retrato (vertical), seria outra, possivelmente menor.

Pelas dimensões da folha A4 (21,0 x 29,7 mm) e do caderno (21,0 x 14,5mm), a forma de organização da atividade pode ter influenciado na forma como o aluno(a) decidiu ou foi orientado(a) a colar a folha no caderno, pois para realizar a leitura da atividade da folhinha, é necessário movimentar o caderno para outra posição que não é a habitual de seu uso escolar (conforme a figura 5).

A seguir, na figura 6, observa-se a utilização da caneta esferográfica na cor azul na produção da folhinha. A atividade é denominada “Forma palavras”. A folhinha foi colada logo após a data, o que pode indicar que foi a primeira atividade realizada na aula. Destaco a dimensão da folha utilizada: uma pequena tira. Esse aspecto que permite refletir acerca de como a elaboradora da folhinha (geralmente a professora) organizou a disposição das atividades na folha: outros tipos de atividades ou várias atividades no mesmo padrão, sendo recortadas e distribuídas aos alunos, ou indica o aproveitamento do papel para a produção desta atividade. Os questionamentos anteriores, propostos na produção com canetinha hidrográfica, também podem ser

---

<sup>34</sup> Os termos retrato e paisagem são utilizados para definir a posição das folhas, geralmente relacionados ao modo de impressão e posicionamento do papel.

realizados para esta produção, pois sobre seu contexto de produção e uso pouco se pode saber.

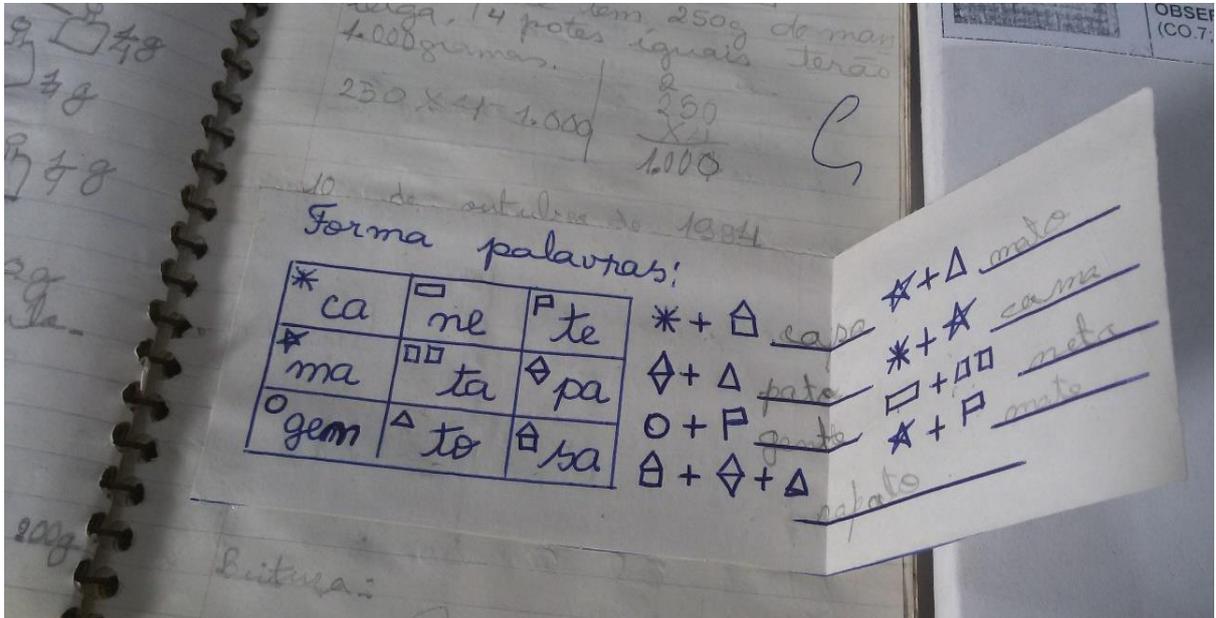


Figura 6- Folhinha produzida com caneta esferográfica (CO8-1994).

Fonte: Acervo Hisales.

Identifiquei as folhinhas produzidas por estes utensílios (as canetas) em todas as décadas da pesquisa, perpassando anos e resistindo aos novos utensílios e equipamentos de produção, bem como de reprodução das folhinhas.

### 2.1.2 Folhinhas mimeografadas

As folhinhas referentes a esta categoria configuram maior representatividade numérica, visto que totalizam 68,26% das folhinhas. Expressam recorrência longitudinal, pois foram identificadas em todo período compreendido pela pesquisa (1968 – 2008), inclusive em concomitância com as fotocopiadas e impressas. São visivelmente identificadas de forma mais rápida pela coloração peculiar das matrizes de produção (roxo, verde e vermelho) e, em algumas situações, pela ação do álcool

na folha (substância solúvel necessária para a reprodução de folhas no mimeógrafo ou duplicador<sup>35</sup>) com borrões e manchas.

As folhinhas mimeografadas são geralmente produzidas com escrita de próprio punho das professoras com o uso do papel hectográfico, comumente chamado de matriz. Verifiquei, em alguns casos, que foram produzidas a partir da máquina de escrever, como destaquei anteriormente, dado que essa forma de produção revela a utilização combinada do meio de produção (máquina de escrever) com o meio de reprodução (mimeógrafo ou duplicador).

Para a produção e a reprodução das folhinhas com esta tipologia (folha mimeografada), são necessários alguns instrumentos e utensílios próprios. No caso da produção, são necessários: o papel hectográfico ou a matriz, um utensílio ou equipamento para escrita (caneta esferográfica/ máquina de datilografar), e para a reprodução: o equipamento mimeógrafo ou duplicador, as folhas de papel (suporte) e o álcool, que expressam nesta tipologia uma relação entre a produção e a reprodução das folhinhas com utensílios e equipamentos próprios de cada uma das etapas.

As Figuras 7 e 8, a seguir, respectivamente, configuram exemplos de folhinhas mimeografadas encontradas nos cadernos do acervo Hisales. A primeira folhinha desta categoria (mimeografada), data, especificamente, do ano de 1968 produzida com matriz na cor roxa (Figura 7). Foi reproduzida em folha A4 colorida (azul) e com múltipla configuração espacial, ou seja, folha dividida em diferentes partes para a organização das atividades e com a possível intenção de aproveitar ao máximo o espaço da folha e também a matriz (papel hectográfico).

---

<sup>35</sup> O mimeógrafo e o duplicador são dois equipamentos de reprodução que necessitam para sua operacionalização de utensílios distintos. No capítulo três, detalharei mais sobre os processos e características de cada um.

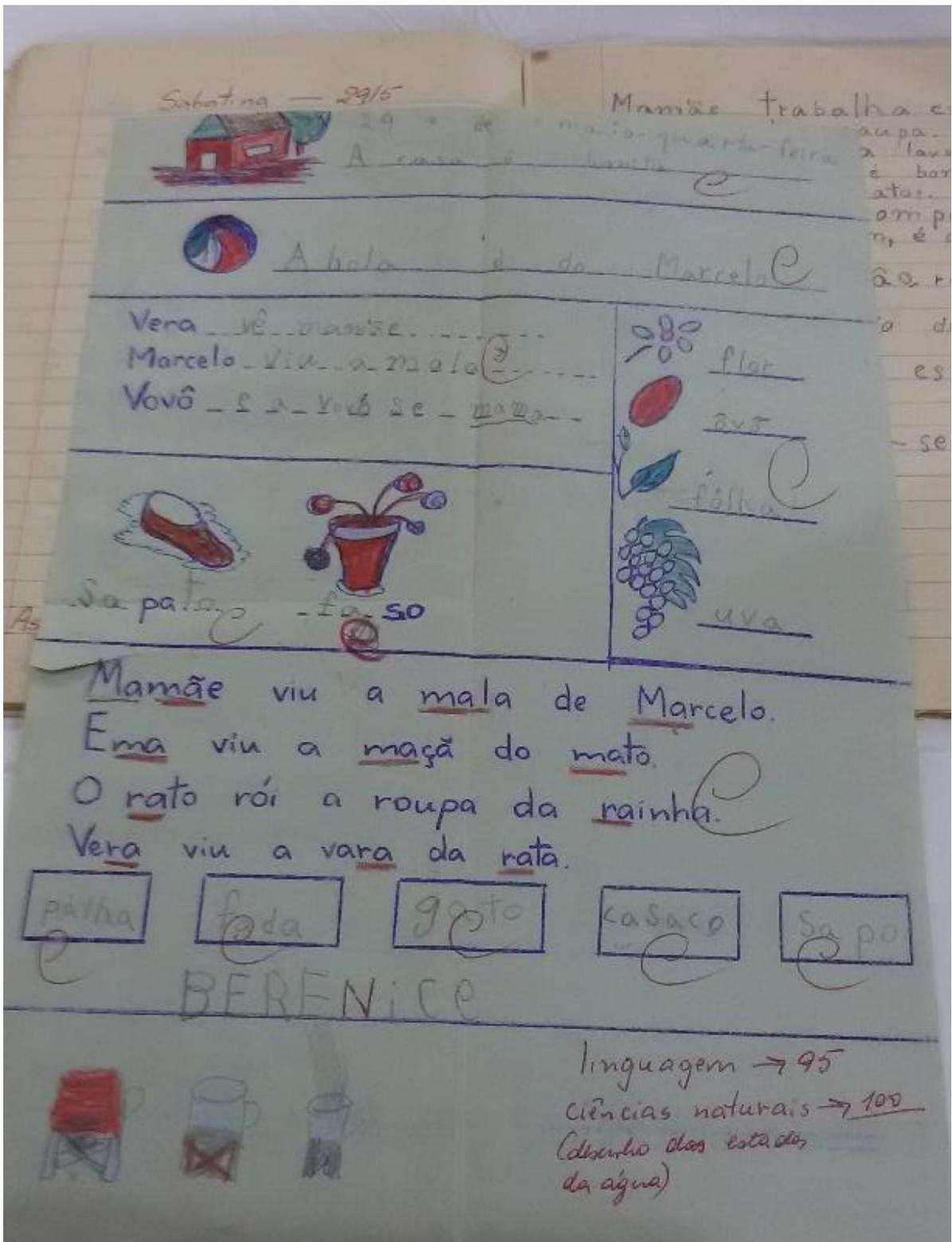


Figura 7- Folhinha mimeografada (sabatina 29/05) – (C2 - 1968).

Fonte: Acervo Hisales.

A Figura 8 é um exemplo verificado na década de 1970, produzida com a matriz na cor verde. Foi reproduzida na metade de uma folha A4 de papel jornal, aspecto

evidenciado pelas dimensões do caderno (22 cm x 15 cm), pelas marcas da borda da folha e pela posição de colagem da folhinha em relação a folha do caderno. A atividade reproduzida na folhinha é direcionada à leitura e fixação das sílabas e configura-se como uma atividade do processo de alfabetização desenvolvida pela professora.

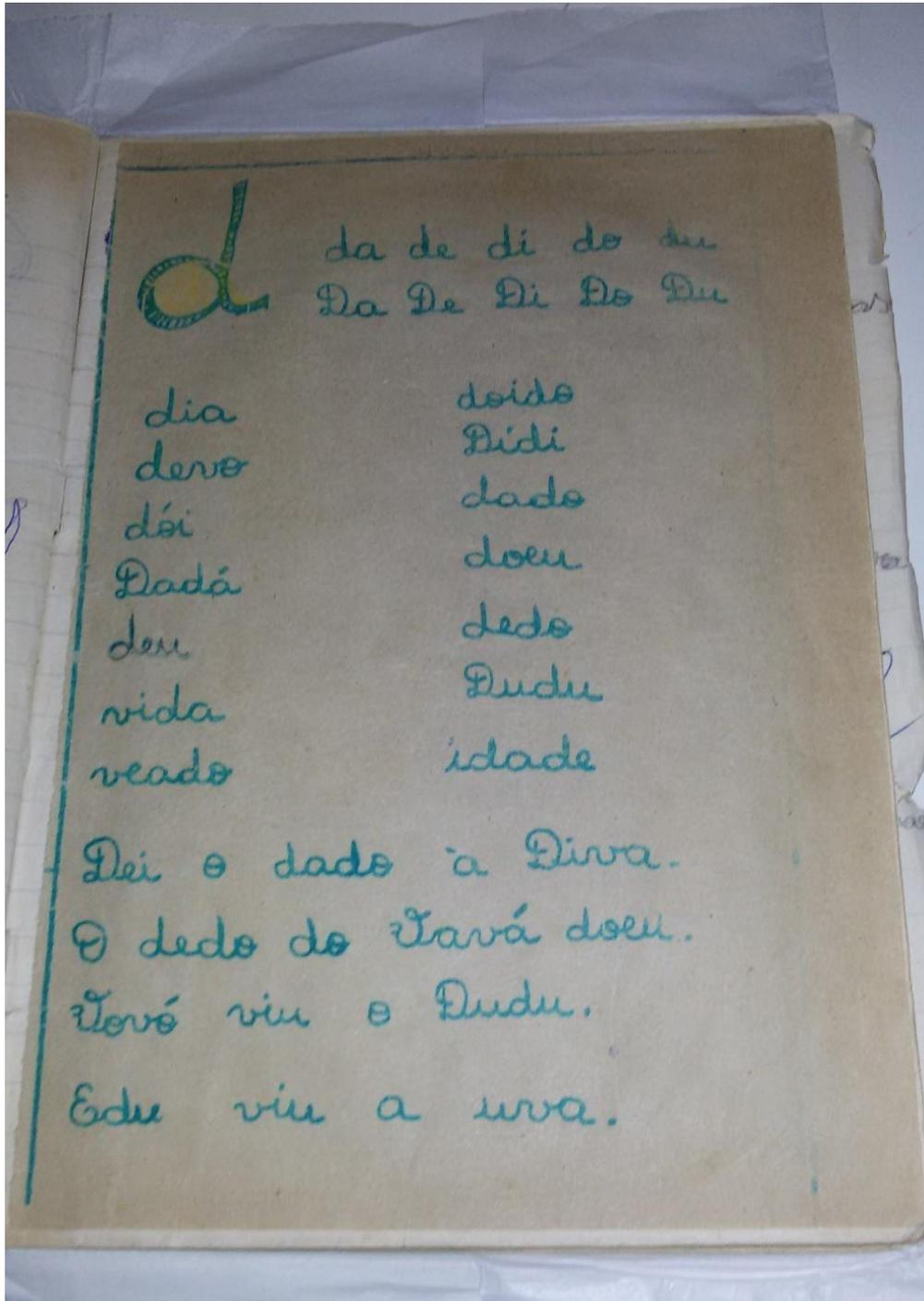


Figura 8 - Folhinha mimeografada (letra d) – (C2 - 1974).

Fonte: Acervo Hisales.

Cabe pontuar que não realizarei a análise dos conteúdos presentes nas folhinhas, mas é importante ressaltar a possibilidade de um trabalho com vasto potencial nesta perspectiva. Entretanto, ao analisar a materialidade das folhinhas, não se desconsidera que o conteúdo influencia nesta produção, seja pelos espaços, pela estruturação das atividades na folha, pela forma como os alunos vão recebê-las e nelas realizar as atividades e, principalmente, pela relação entre o que foi registrado antes da folhinha, na própria folhinha e com o registro posterior.

Segundo o conceito de materialidade, apresentado pelo pesquisador Roger Chartier (2002; 2017), pode-se dizer que cada folhinha é distinta em sua materialidade, pois é composta pelo conjunto de aspectos relativos: a atividades organizadas e dispostas em cada folha, aos meios de produção, aos meios de reprodução e por sua finalidade na prática de sala de aula. As folhinhas apresentam múltipla organização, são diversas quanto às dimensões espaciais – variam de pedaços de papel com dimensões próximas a 1 cm, como se observa na Figura 10 a folhas no formato A4 (21 cm x 29,7 cm).

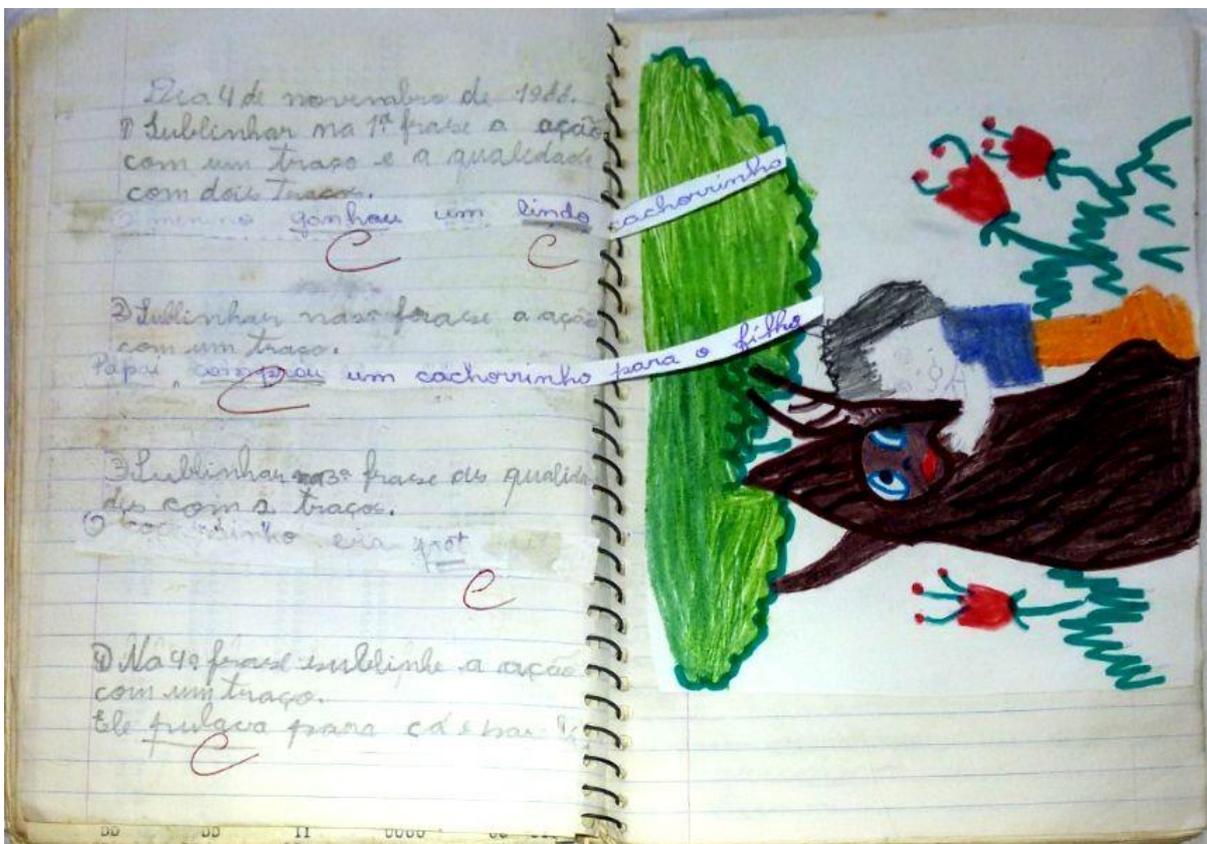


Figura 9 - Folhinha mimeografada em tirinhas de 1cm (CO2-1988).

Fonte: Acervo Hisales.

Compõem, juntamente com outros registros do caderno, o contexto da prática desenvolvida em aula. As folhinhas caracterizam, por vezes, o desenvolvimento sequencial de determinado conteúdo, em outras, configuram a apresentação de um conteúdo, atividades de fixação e/ou ilustração dos conteúdos.

É possível verificar esse aspecto na Figura 10, que representa a sequência das atividades, a interrelação entre registro escrito no caderno e complemento das folhinhas.



Figura 10 - Folhinha mimeografada CO13 – 2003.

Fonte: Acervo Hisales.

Na Figura 10, as folhinhas coladas foram dobradas para a fixação no caderno (apenas uma dobra) e foram utilizadas, na sequência, como atividades do dia. Observa-se esse aspecto pela presença da data no início da página do caderno 26.03.2003 e pela ordenação dos exercícios 1 e 2. Nota-se que, embora realizadas separadamente pelos alunos e coladas no caderno, após serem coladas se constituem como parte dele e dão conta de comprovar o trabalho desenvolvido em aula.

Aqui, reafirmo o potencial de um suporte de escrita (a folhinha) colado a outro (o caderno) e a decisão por apresentar ambos como fonte e objeto de estudo, conforme reiteradamente apresentado.

Nas palavras de Santos (2002),

Essa forma de utilização do caderno como suporte que colige, protege e guarda atividades desenvolvidas, atribui a ele a qualidade de material organizador, de suporte que possibilita a reunião das atividades escolares, ainda que estas não tenham sido feitas diretamente nele (SANTOS, 2002, p. 56).

Segundo Gvirtz (1999, p. 24), algumas modificações nos recursos utilizados no cotidiano escolar indicariam o fim do caderno como instrumento privilegiado de escrita. Refere-se, entre outros, a “la difusión del uso de las copadoras como tecnologia de apoyo a la instrucción escolar (sellos, mimeógrafos y fotocopiadoras) [...]”(GVIRTZ, 1999, p. 24). Aspectos que se comprovam nesta pesquisa, com a verificação crescente da utilização das folhinhas, no entanto, o que se estabelece é a compilação dos materiais reproduzidos e fixados aos cadernos, no caso desta pesquisa.

Nesta investigação, o caderno assume uma outra função, para além da já desempenhada, de artefato privilegiado de escrita, passa a configurar-se como suporte designado para compilar outros registros escritos, como é o caso das folhinhas que são coladas e fixadas a ele.

A opção ou exigência de fixar as folhinhas aos cadernos pode ser relacionada com a sua função de dispositivo de controle, como são também entendidas as folhinhas nesta pesquisa, pois garante a comprovação da realização das tarefas escolares. Se por exemplo, as folhinhas ficassem na escola, quando e como se comprovaria a realização do trabalho escolar?

Quanto à forma, a algumas produções que são semelhantes aos modelos de organização das cartilhas, como é o caso da Figura 11, a seguir. Na ilustração à esquerda na parte superior da folha, o destaque na margem oposta para a letra *M*, abaixo o realce em letras maiúsculas e minúsculas das sílabas, no centro lista de palavras com as sílabas destacadas, em seguida, duas frases e por fim, a identificação dos nomes dos desenhos, estes aspectos formam a materialidade textual e também da folhinha (Chartier, 2017).

Todo este arranjo demonstra um cuidado estético na disposição gráfica entre escrita e desenho, percebe-se, também, que professora assina sua produção, aspecto identificado pela assinatura da professora “Patricia” logo abaixo do desenho, destacado na figura com círculo em vermelho, identifiquei este aspecto em todas as outras que compõem o caderno.

Nota-se, pela composição gráfica dos desenhos e escrita, que possivelmente a professora utilizou como referência uma cartilha, no caso, a vinculação que se faz é com a *Cartilha da Mimi de Sissi Duarte (s/d)*<sup>36</sup>, pois a imagem e o registro escrito são semelhantes.

---

<sup>36</sup> Essas aproximações foram possíveis devido ao trabalho que realizei no grupo de pesquisa Hisales durante a graduação, no qual era a responsável pelo acervo dos livros para o ensino da leitura e escrita, inclusive produzindo alguns trabalhos com estes documentos.



m M  
 m M

ma me mi mo mu  
 Ma Me Mi Mo Mu

macaca

mama  
 medo  
 meu

mela  
 melado  
 meia

mala  
 mudo  
 mia

Mimi é a macaca.  
 A macaca viu a mala.

Circula com lápis o nome da figura:



mapa  
 meia



mamãe  
 meia



mia  
 mão

Figura 11 - Folhinha mimeografada (lição letra M) – (C1 – 1994).

Fonte: Acervo Hisales.

Na Figura 12, imagens das páginas (26 e 29) da Cartilha da Mimi (s/d), na qual é possível perceber as semelhanças e as adaptações feitas pela professora.



Figura 12 - Cartilha da Mimi páginas 26 e 29 (s/d).

Fonte: Acervo Hisales.

Observei a utilização do livro, como norteador ou base para a produção e reprodução das folhinhas, em diferentes cadernos, o exemplo a seguir ilustra a reprodução da folhinha a partir da atividade presente na cartilha *Alegria do Saber* (1992) de Lucina Maria Marinho Passos. Na figura 13, à esquerda, a imagem da folhinha mimeografada do caderno C1 (1998) e à direita, a imagem da cartilha *Alegria do Saber* (1992, p.18).

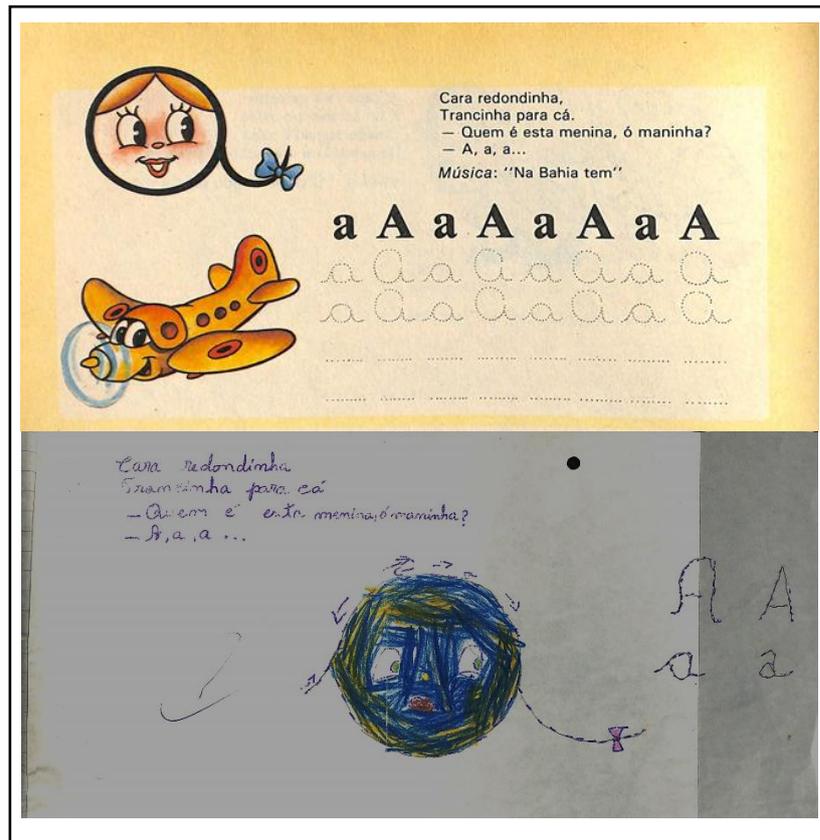


Figura 13 - Atividade reproduzida com base na cartilha Alegria de Saber, 1992.

Fonte: Acervo Hisales.

Este dado, de certa forma, é o indicativo de como as professoras elaboravam suas aulas, pode-se também inferir sobre os materiais que a professora disponibilizava para estruturar sua prática pedagógica.

Outro aspecto relativo à materialidade pode ser destacado, quando a professora utilizou uma caneta esferográfica para realizar correções e complementar as informações em determinadas atividades, pois a qualidade da cópia na produção da folha nem sempre era boa. Sabe-se que a reutilização da matriz era prática comum nas escolas públicas, as professoras, com intuito de economizar e reaproveitar o material devido à escassez de recursos disponibilizados, usavam da criatividade e da experiência para obter melhores resultados. Esse fato contribuía para que o registro (escrito ou icônico) na folhinha, por vezes, ficasse borrado e/ou apagado, fazendo-se necessária a intervenção escrita posterior à reprodução com a caneta, para correções e complementações. A quantidade adequada de álcool contribuía para uma melhor qualidade nas reproduções, porém, se a solução fosse colocada em excesso poderia ocasionar a inutilização da matriz, “queimaria a matriz”.

Foi perceptível a utilização das canetas esferográficas também em algumas reproduções mimeografadas, para além da produção inicial (produzir a matriz), foram utilizadas para corrigir falhas deixadas no processo de reprodução. Como se observa na Figura 14, a seguir, no enunciado da tarefa, a professora utilizou a caneta para concluir a escrita de algumas letras.

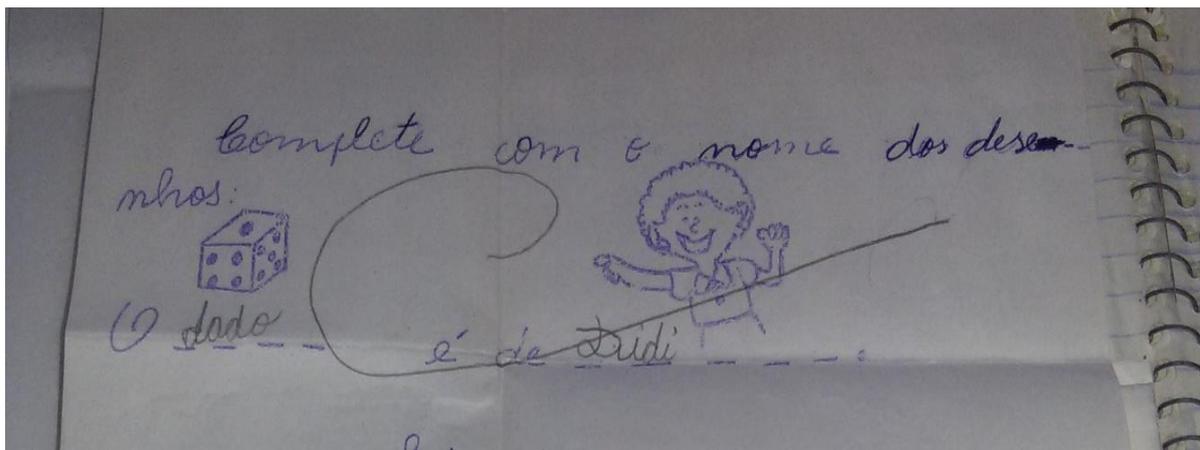


Figura 14 - Correção de falhas na reprodução (C3 - 1986)

Fonte: Acervo Hisales.

As folhinhas mimeografadas, produzidas a partir do papel hectográfico ou matriz e reproduzida pelos mimeógrafos, são as que representam na pesquisa a maior quantidade, 9.819 folhinhas. Perpassam todas as décadas pesquisadas, coexistindo com os meios de produção e de reprodução desde o artesanal ao digital.

Este aspecto, em particular, enfatiza a constituição da cultura material da escola, de como, ao longo dos anos, os materiais e os objetos são inseridos e permanecem neste espaço. Revela que o aproveitamento dos materiais é ressignificado de acordo com as necessidades, que diferentes meios de reproduzir um determinado material, no caso as folhinhas, coabitaram/coabitam no espaço escolar.

Considerando, assim, que a cultura material escolar é multifacetada e adaptada pelos sujeitos que a constroem e por ela são constituídos, isso faz com que a presença de outros equipamentos, produzidos para a mesma função, não suprima a presença do anterior, caracterizando, assim, uma perspectiva cultural, que pode ser reafirmada na experiência prática e pela cultura empírica.

### 2.1.3 Folhinhas reproduzidas com papel carbono

A reprodução de folhinhas a partir da utilização do papel carbono<sup>37</sup> representa 0,15% das folhinhas. Durante a pesquisa, as identifiquei nas décadas de 1960, 1980 e 1990.

Nesta forma de reprodução com o papel carbono, se elabora cópias limitadas, pois o carbono é utilizado entre duas folhas sobrepostas. A cópia é obtida na folha que fica abaixo do papel carbono sob a pressão que o utensílio ou equipamento exerce sobre a folha original acima do mesmo. Os utensílios para produção escrita podem variar entre caneta, lápis, máquinas de escrever.

Nas folhinhas produzidas a partir do papel carbono, visualiza-se que o carbono deixa marcas, para além do registro gráfico, ou seja, borrões no papel. Provavelmente, esses borrões são ocasionadas pelo movimento da escrita manual, durante sua produção, na qual há a necessidade de apoio da mão sobre o papel, movimento que resulta em marcas a partir do esforço da mão nos traçados realizados. Percebe-se esse aspecto na Figura 15, na qual é possível notar marcas e borrões do carbono.

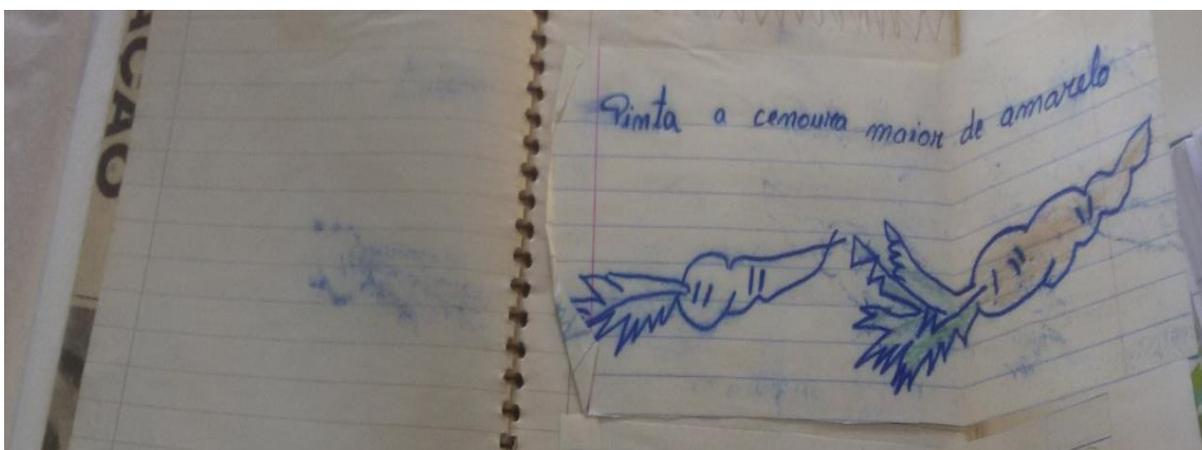


Figura 15 - Folhinha produzida com papel carbono (C8-1994).

Fonte: Acervo Hisales.

<sup>37</sup> O papel carbono permite que se faça cópias simultaneamente ao utilizar máquinas de escrever, impressoras de impacto ou simplesmente escritura a mão. Este método de cópia - criado 1806 por Pellegrino Turri - traz impregnado tinta, cera ou carbono em uma de suas faces. É utilizado entre duas folhas sobrepostas e a cópia é obtida na folha que fica abaixo do papel carbono sob a pressão que a máquina de escrever ou o lápis exerce sobre a folha original acima do mesmo. Disponível em <https://seuhistory.com/hoje-na-historia/e-inventado-o-papel-carbono> . Acesso em março de 2018.

Nesta folhinha específica, outro aspecto observado é o tipo de papel e a dimensão da folha na qual a atividade foi reproduzida: parte de uma folha de caderno. Neste sentido, depreendo duas reflexões: a) indica o processo de reutilização do papel; b) há o indício de ausência de folhas de papel sulfite (A4) para a confecção das atividades.

Outro aspecto que considerei nas folhinhas desta categoria (reproduzida com papel carbono), é em relação ao traçado das letras, pois observei algumas interrupções ou falhas no traçado de determinada letra ou palavra. Isso pode ocorrer devido à particularidade do papel carbono não ser ideal para reproduzir inúmeras cópias, devido ao seu desgaste crescente a cada cópia realizada, e/ou pela diminuição da pressão do utensílio de produção sobre o papel.

Nas folhinhas reproduzidas com o papel carbono, observei que a dobradura da folha, após reprodução e fixação, interfere no registro escrito, modificando, principalmente, o aspecto gráfico e material da folha, visto que as palavras se sobressaíram uma as outras, não impossibilitando a leitura, mas tornando a escrita espelhada.

As folhinhas desta categoria me permitem pensar que: a produção e a reprodução, neste caso, são concomitantes. No mesmo momento em que a professora produz uma folha, outra está sendo reproduzida em número limitado e pré-estabelecido.

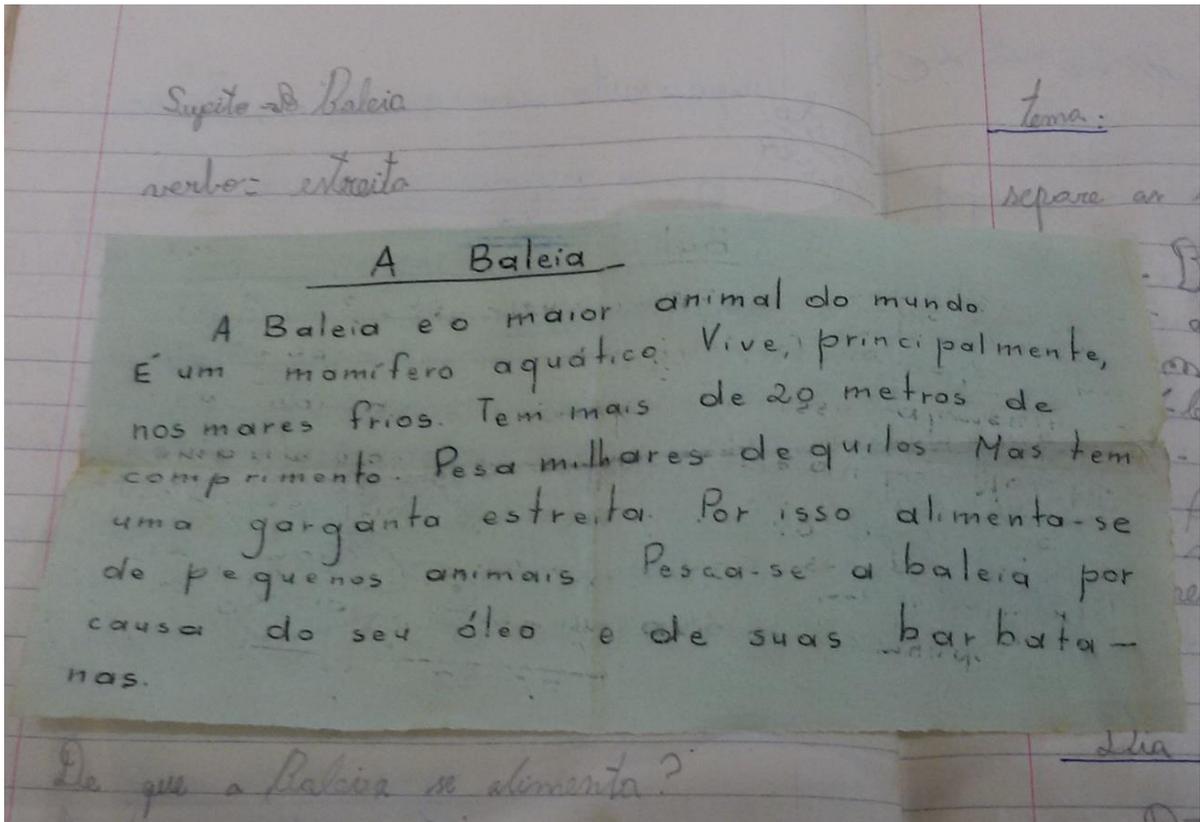


Figura 16- Folhinha produzida com papel carbono (CO2-1969).

Fonte: Acervo Hisales.

No caso da folhinha fixada no caderno (CO2) de 1969, (Figura 16), é possível perceber que a folhinha configura uma das tarefas diárias de aula e, de certa forma, apresenta uma ordenação, pois na parte superior da folha do caderno há o destaque para *sujeito (A Baleia)* e *verbo (estreita)*. Esse registro provavelmente foi escrito e copiado do quadro, na sequência, a folhinha é colada e, logo após a colagem, na linha seguinte da folha do caderno foi registrada a interpretação do texto, exemplificada na figura a seguir.

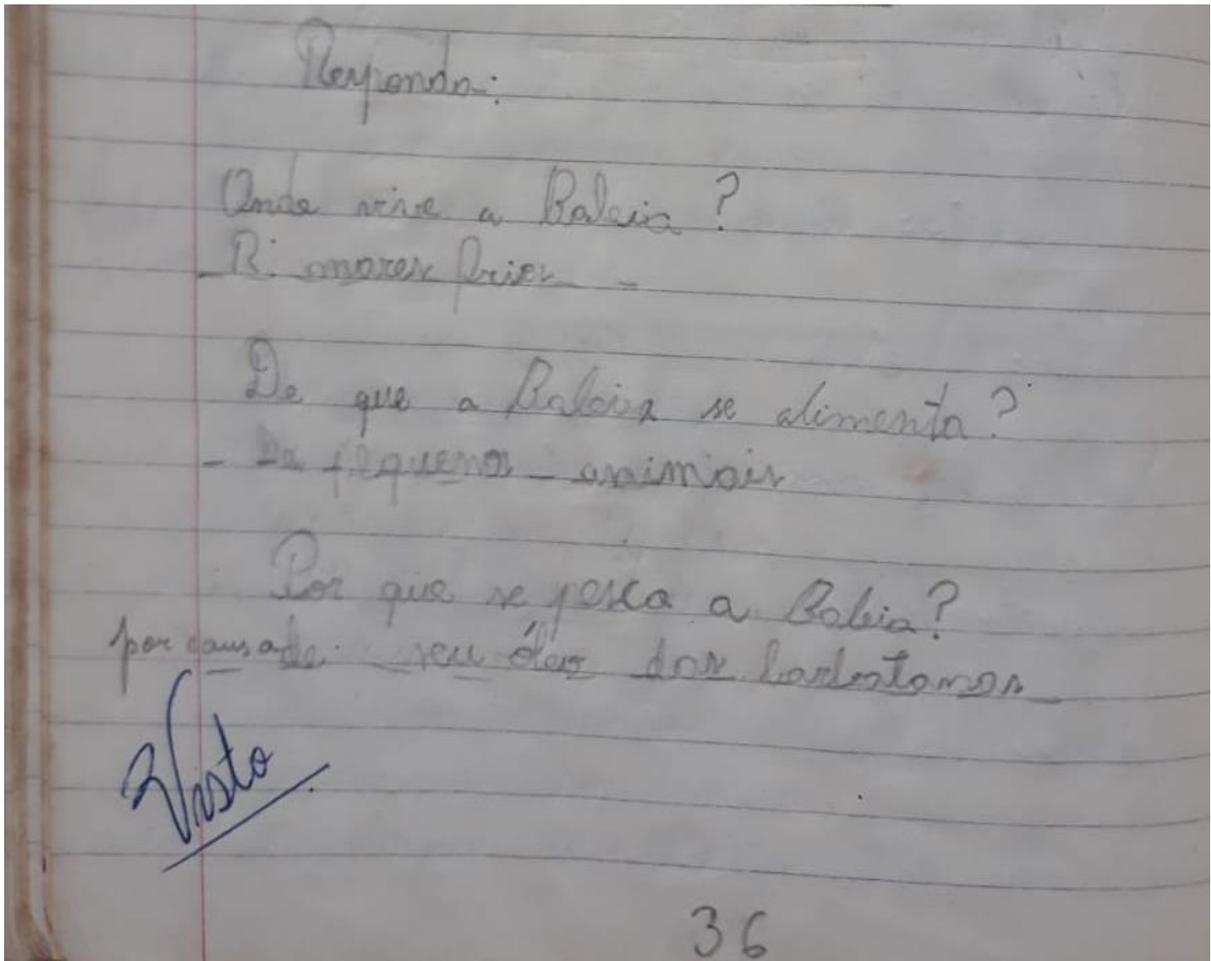


Figura 17- Questões do texto "A Baleia" CO2-1969.

Fonte: Acervo Hisales.

A forma de organização (folhinha e registro escrito) na folha do caderno, comprova que a produção do material didático e a utilização dele são integradas à prática desenvolvida pela professora no decorrer da aula, neste sentido, é que se entende as folhinhas e os cadernos como fonte e objeto.

Esta categoria (folhinhas reproduzidas com papel carbono) não é recorrente numericamente, no período investigado por mim e no acervo em que pesquisei, pude observar apenas nas décadas de 1960 (uma folhinha), 1980 (quatro folhinhas) e 1990 (dezoito folhinhas).

### 2.1.4 Folhinhas datilografadas

Ao observar a folhinha produzida por meio da máquina de escrever, percebi que este equipamento configura a categoria dos meios de produção, assim como as canetas. A professora datilografa as atividades e produz seu material de acordo com o seu planejamento de aula.

Na Figura 18, a seguir, visualiza-se a imagem da única folhinha da pesquisa identificada nesta categoria, como produção direta a partir do instrumento máquina de escrever, ou seja, a professora datilografou a folha diretamente na máquina. Representa 0,006% do total das folhas contabilizadas.

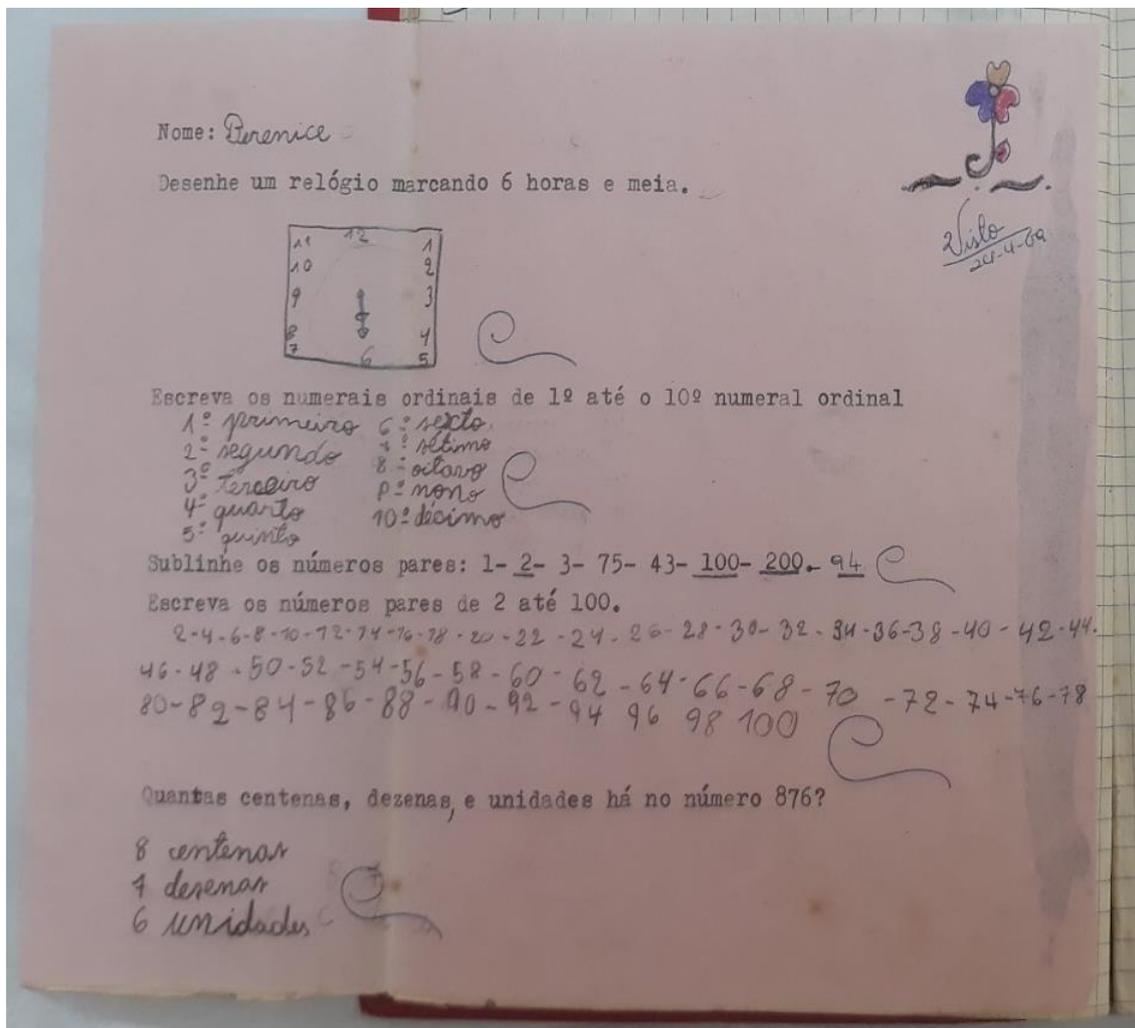


Figura 18- Folhinha datilografada (CO1 - 1969).

Fonte: Acervo Hisales.

No entanto, a partir da ideia de que a máquina de escrever é um meio de produção, percebi sua utilização em combinação com dois equipamentos para a reprodução das folhinhas, tais como o mimeógrafo e as máquinas fotocopiadoras.

No caso da reprodução das folhinhas produzidas pela máquina de escrever, as cataloguei e contabilizei nas categorias das folhinhas mimeografadas e folhinhas fotocopiadas de acordo com o seu meio de reprodução. A seguir, um exemplo de folhinha produzida com a máquina de escrever e reproduzida pelo mimeógrafo, Figura 19.

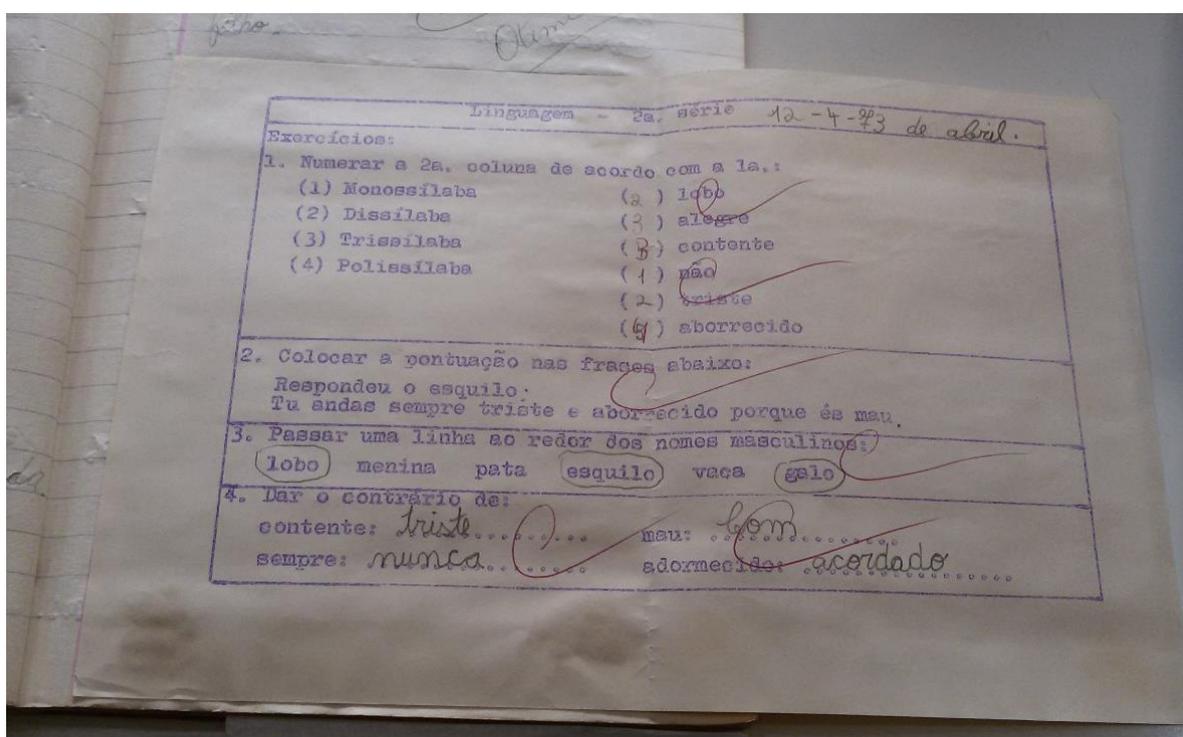


Figura 19 - Folhinha datilografada reproduzida por mimeógrafo (CO5 - 1973).

Fonte: Acervo Hisales.

Nesta categoria, de produção das folhas datilografadas, por encontrar apenas uma folhinha, algumas reflexões são possíveis: poucas professoras possuíam ou tinham acesso à máquina de datilografar, poucas dominavam a técnica de datilografar, o custo financeiro de aquisição de uma máquina de datilografar não seria compatível com a remuneração das professoras; a técnica de produção se caracterizaria como insuficiente em relação ao número de alunos; o tempo para elaboração seria prolongado, estas, entre outras, são algumas reflexões sobre a ínfima presença, no acervo pesquisado, de folhinhas desta categoria.

### 2.1.5 Folhinhas fotocopiadas

As folhinhas fotocopiadas correspondem ao percentual (16,04%) e foram identificadas no acervo consultado somente a partir da década de 1990. A presença das folhinhas desta categoria foi percebida de forma gradual nesta década, sendo possível confrontar numericamente com as folhinhas mimeografadas no mesmo período. No caso, a relação que se estabeleceu foi de 438 folhinhas fotocopiadas para 4.289 folhinhas mimeografadas, sendo que as folhinhas fotocopiadas representam apenas 10% do total das folhinhas mimeografadas. É uma proporção de quase 10 mimeografadas para 1 fotocopiada. Na década de 2000, o valor apresentado é relativamente maior, são 1.870 folhinhas fotocopiadas para 4.081 folhinhas mimeografadas, em torno de 45, 82% de folhinhas fotocopiadas em relação às folhas mimeografadas.

Isso indica para alguns fatores: o crescimento gradual na reprodução com as máquinas fotocopadoras, a presença do equipamento no espaço escolar e uma forma mais rápida e ágil de reprodução do material. E, também, uma outra forma de produção e reprodução do material, com a qual as professoras foram se adaptando e ressignificando a produção e reprodução dos materiais.

As máquinas fotocopadoras asseguram maior agilidade, velocidade e precisão ao processo de reprodução de materiais. Para a reprodução, é necessária uma folha base a ser reproduzida, em alguns casos, apresentam atividades fotocopiadas de páginas de livros, geralmente didáticos, em outros casos, o professor escreve de próprio punho a atividade a ser fotocopiada. Em outros, ainda recorta materiais e constrói um verdadeiro mosaico de atividades na folha base.

A seguir, nas Figuras 20 e 21, dois exemplos de folhinhas fotocopiadas, o primeiro (Figura 20) é uma fotocópia de uma cartilha de importante circulação no Brasil, a *Caminho Suave*<sup>38</sup> de Branca Alves, sua primeira edição data de 1948, a cartilha publicada pela Editora Caminho Suave Limitada, criada pela própria autora vendeu mais de 40 milhões de exemplares, “considerada o maior sucesso editorial no

---

<sup>38</sup> Sobre a produção e circulação da coleção didática da Caminho Suave sugiro a leitura de Peres; Ramil (2015; 2018) e Peres; Vahl; Thies (2016).

que tange à venda de livros para o ensino da leitura e da escrita no Brasil (Peres; Ramil, 2015, p. 55; Peres, Vahl; Thies, 2016).

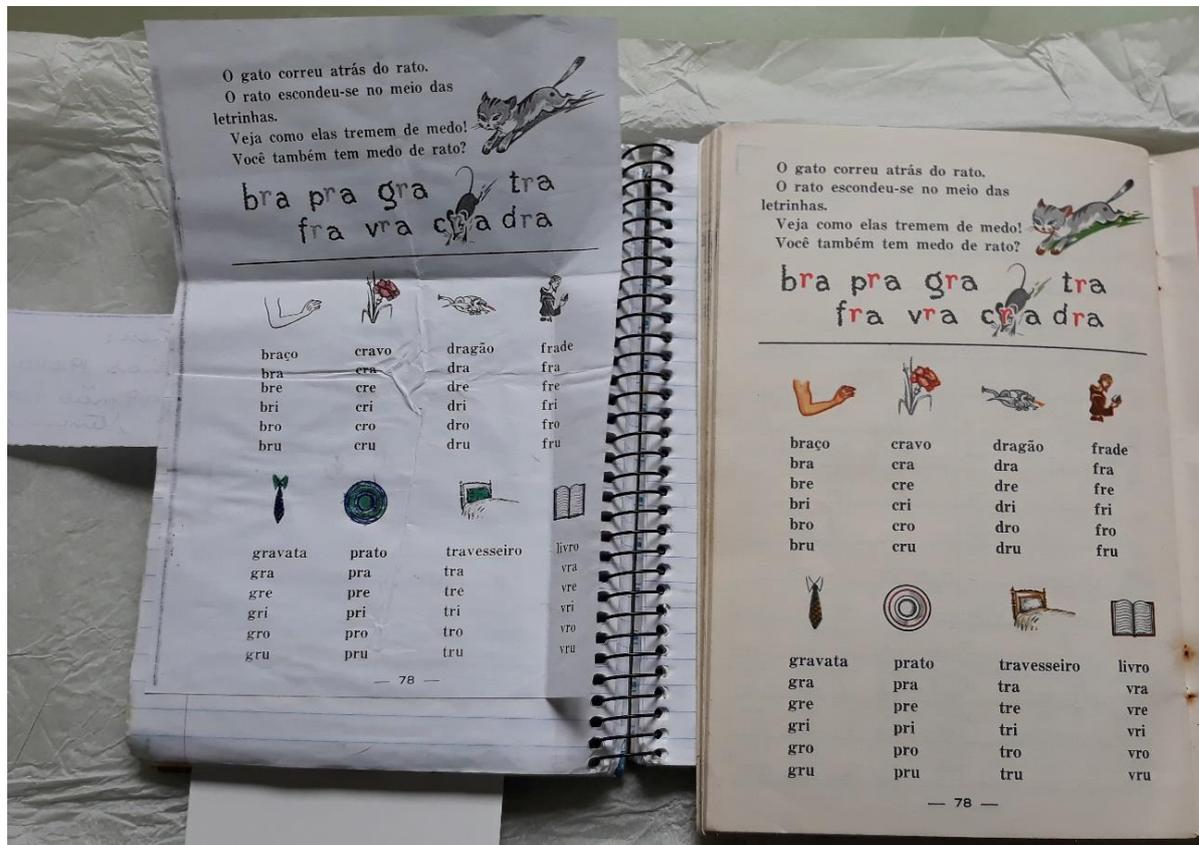


Figura 20 - Folhinha fotocopiada e Cartilha Caminho Suave (1979) – (C2 - 2005).

Fonte: Acervo Hisales.

A folhinha fotocopiada (Figura 20) representa um exemplo das atividades que são reproduzidas, neste caso, leitura e fixação de sílabas.

A segunda (Figura 21), cópia da *Cartilha Todas as Letras – Alfabetização* (1996) da autora Marisley Augusto, distribuída pelo Plano Nacional do Livro Didático<sup>39</sup> (PNLD) de 2001.

<sup>39</sup> O Programa Nacional do Livro e do Material Didático (PNLD) é destinado a avaliar e a disponibilizar obras didáticas, pedagógicas e literárias, entre outros materiais de apoio à prática educativa, de forma sistemática, regular e gratuita, às escolas públicas de educação básica das redes federal, estaduais, municipais e distrital e também às instituições de educação infantil comunitárias, confessionais ou filantrópicas sem fins lucrativos e conveniadas com o Poder Público. Disponível em [http://portal.mec.gov.br/index.php?Itemid=66&id%3D12391option%3Dcom\\_contentview%3Darticle](http://portal.mec.gov.br/index.php?Itemid=66&id%3D12391option%3Dcom_contentview%3Darticle). Acesso em março de 2019.

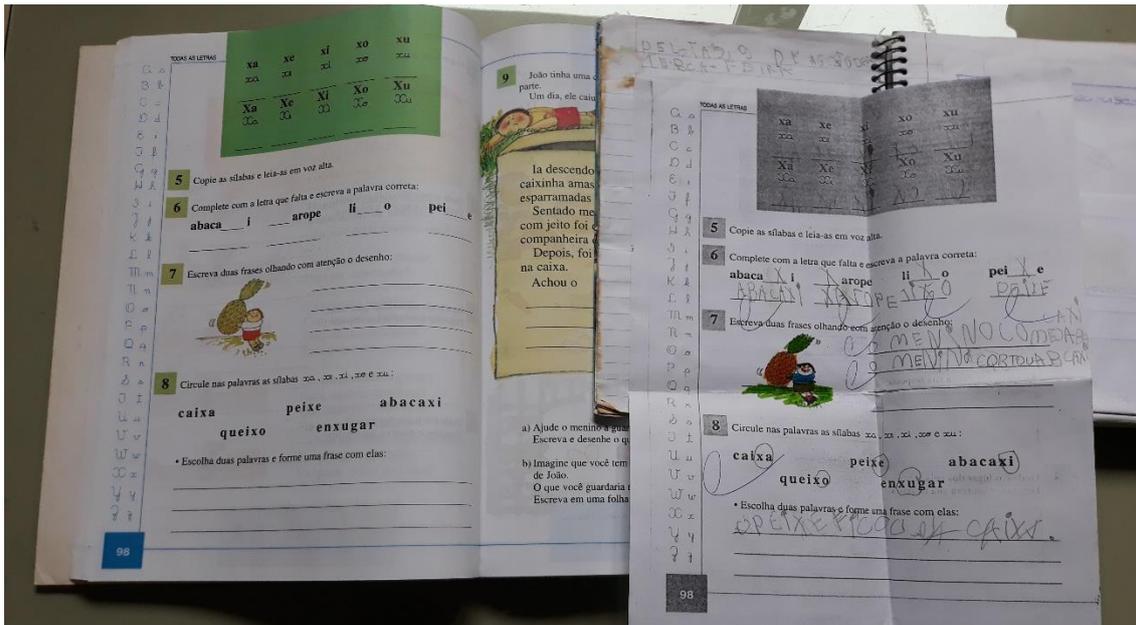


Figura 21 - Folhinha fotocopiada e Cartilha Todas as Letras (1996) - (C2 - 2005).

Fonte: Acervo Hisales.

A utilização dos livros didáticos como matriz para reprodução de materiais para as aulas abre margem à problematização de, pelo menos, três aspectos, o primeiro relacionado às concepções e métodos, neste caso, de alfabetização, que embasaram o processo de ensino de cada professora; o segundo, referente à configuração de acesso dos alunos e das professoras aos livros didáticos, visto que, nos anos de produção dos cadernos, já vigorava a política de distribuição dos livros didáticos; e, o terceiro ao processo de reprodução, pois fotocopiar as páginas do livro aumenta, a agilidade e diminui consideravelmente o tempo de preparo da atividade e da reprodução do material.

A título de exemplo a identificação de atividades fotocopiadas da Cartilha Caminho Suave que saiu no PNLD em 1996 e que mesmo fora do circuito editorial é utilizada como base para a reprodução de atividades no ano de 2005, como se exemplificou na Figura 20.

No caso, é possível que, para além da garantia que todos os alunos tivessem o mesmo material, a opção de fotocopiar determinada atividade possa estar fortemente ligada aos pressupostos metodológicos de cada professora e a flexibilidade de preparo das atividades.

Verifiquei também a reprodução fotocopiada de atividades redigidas à caneta, ou seja, de próprio punho pelas professoras. Também identifiquei folhas produzidas pela professora quando a docente compõe ou elabora os materiais digitando as atividades no computador, e em seguida, imprime uma folha base e faz fotocópias a partir desta. No caso, nota-se que o utensílio de produção, no primeiro caso, é a caneta.

No segundo, há utilização de outros dois equipamentos tecnológicos e digitais, que são os computadores e as impressoras. Em ambos os casos, o meio de reprodução são as máquinas fotocopadoras que garantem ao processo maior agilidade na duplicação das folhas, isto em relação aos mimeógrafos e hectógrafos, que também são equipamentos de reprografia.

Na Figura 22, a folhinha apresentada é uma reprodução (fotocopiada) a partir da folha de papel hectográfico (matriz), que originava a base para que se pudesse reproduzir por meio do mimeógrafo. É possível perceber, a partir deste exemplo, que o material produzido pelas professoras não é descartado mesmo quando seu objeto principal de reprodução (mimeógrafo) se torna menos usado e, gradativamente vai sendo substituído pelas máquinas fotocopadoras.

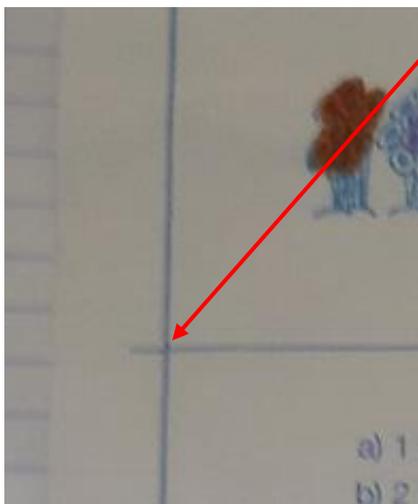
A reprodução desta folhinha revela, entre outras coisas, a criatividade da professora em reaproveitar uma produção a partir de um outro meio de reprodução. E faz com que se pense na ação docente e nas estratégias que as professoras desenvolvem na atuação prática, nas possibilidades e na ressignificação dos materiais. Mais uma vez é possível relacionar essa rede de ações com a cultura material escolar, para além dos objetos e utensílios, mas para os comportamentos e práticas que são comuns ao/ no contexto escolar, como por exemplo a guarda de material e seu reaproveitamento.



A identificação material destas folhas, produzidas a partir da tecnologia de máquinas fotocopadoras foi, por vezes, imprecisa, pois se aproximam das características físicas das folhas impressas. Foi necessária a observação atenta aos detalhes. As comparações de cada uma das produções auxiliaram-me na elaboração de alguns critérios que evidenciassem ou descartassem o meio de reprodução, ou seja, ao analisar cada folhinha, verifiquei os aspectos que comprovam ou refutam o meio utilizado. Observei alguns pontos para esta categorização, por exemplo: a delimitação das bordas produzidas a caneta, que deixam marcas de início e fim de traçado (pequenos pontos de encontro/ desencontro); a produção à mão de atividade escrita e logo fotocopiada (percebida pelo estilo e fonte da letra); a indicação do título do livro didático ou coleção pedagógica (impressa originalmente ao pé da página do livro); o mosaico entre texto impresso (possivelmente de revista) e a escrita de próprio punho e/ou recorte e colagem de textos e imagens na composição das atividades.

Algumas folhinhas, reproduzidas nas cores azul e marrom, geraram dúvidas quanto ao meio e reprodução. Então, adotando por base os indícios acima citados, categorizei-as como fotocopiadas, como se observa na Figura 23, a seguir, a imagem da folhinha exemplificada à direita e, à esquerda, o detalhe ampliado.

No detalhe à esquerda, é possível perceber que a produção da borda é posterior a produção do conteúdo da folha, pois o traçado da margem é distinto em cada uma das margens.



Observe quantas flores você desenhou está molhando.

9 grupos de 10 = 9 dezenas = 90 unidades

completa com atenção:

a) 1 dezena tem 10 unidades.  
 b) 2 dezenas têm 20 unidades.  
 c) 3 dezenas têm 30 unidades.  
 d) 4 dezenas têm 40 unidades.  
 e) 5 dezenas têm 50 unidades.  
 f) 6 dezenas têm 60 unidades.  
 g) 7 dezenas têm 70 unidades.  
 h) 8 dezenas têm 80 unidades.  
 i) 9 dezenas têm 90 unidades.

Observe e completa:

a) Quantos são os grupos de 10? 9  
 b) Quantas são as dezenas? 9  
 c) Quantas são as unidades? 90

Samanta comprou 6 dezenas de lápis coloridos. Isto significa que ela comprou 60 lápis (unidades).  
 Um jornaleiro vendeu 4 dezenas de jornais em um dia. Isto significa que o jornaleiro vendeu 40 jornais (unidades).  
 Uma livraria comprou 70 livros de literatura infantil. Isto significa que a livraria comprou 7 dezenas de livros infantis.  
 Túlio tem uma coleção com 90 selos. Isto significa que a sua coleção tem 9 dezenas de selos.

Figura 23 - Folhinha Fotocopiada (C4 - 1998).

Fonte: Acervo Hisales.

Percebi, a partir da composição da folhinha exemplificada, o processo de organização posterior a sua produção, notei que a atividade pode ter sido produzida, inicialmente, por meio do computador e impressa, ou também por recortes. Logo, a professora como produtora do material interfere em sua produção reorganizando o espaçamento (moldura) e inserindo os enunciados dos exercícios de forma manuscrita.

A folhinha que demarca o final da coleta de dados da pesquisa, descrito nas ações metodológicas, reprodução de blog ou site educacional foi identificada nesta categoria, ou seja, fotocopiada como pode se visualizar na Figura 24, a seguir:

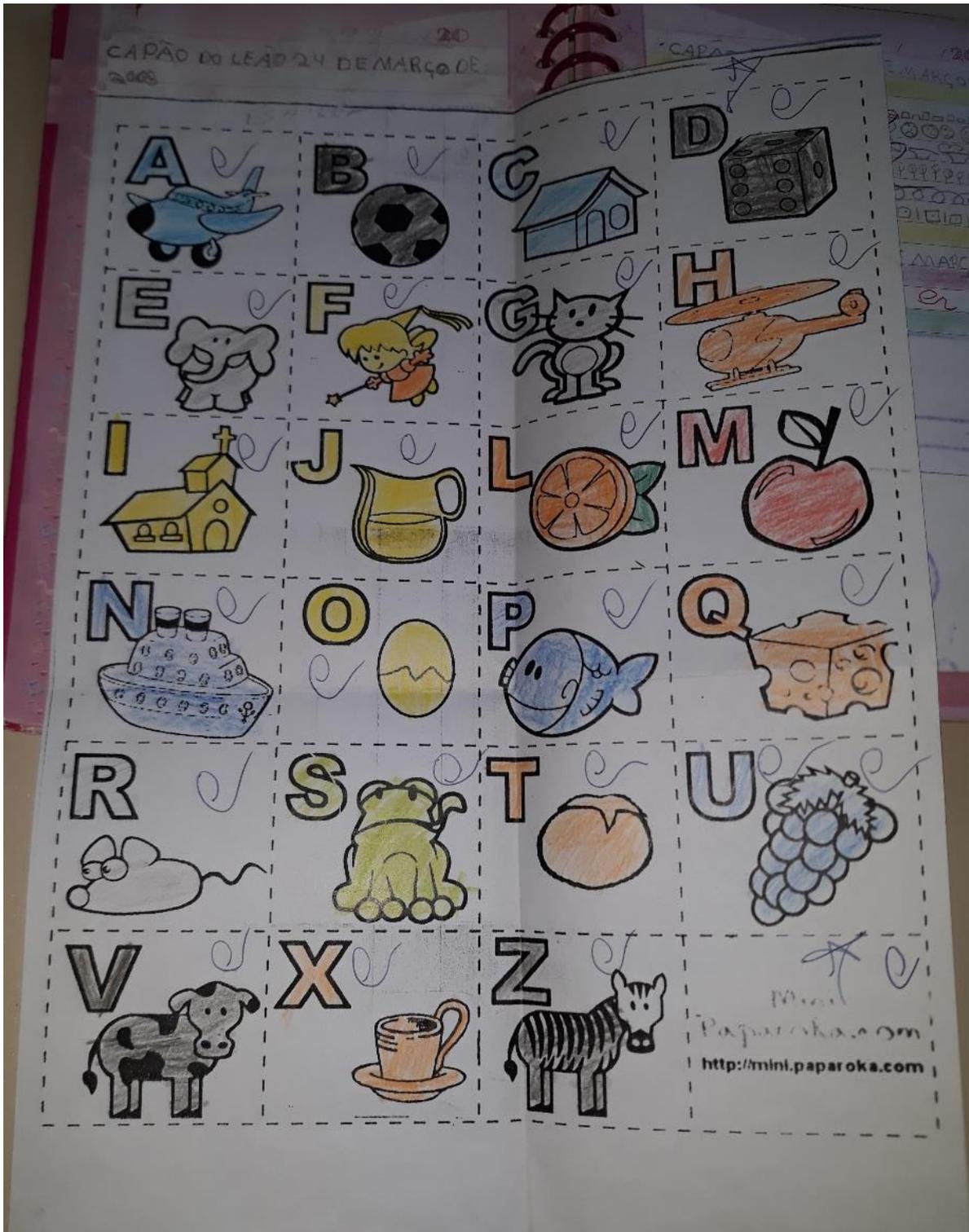


Figura 24 - Folhinha Fotocopiada (site) – (C9 - 2008).

Fonte: Acervo Hisales.

A reprodução a partir das máquinas fotocopadoras proporciona uma maior agilidade ao processo de reprodução, marca também a presença de um “novo” equipamento no contexto escolar. Pode-se dizer que o contínuo aparelhamento da

escola modificou a prática das professoras na forma de produzir e escolher as atividades, pois as mesmas podem ser reproduzidas diretamente de livros.

### **2.1.6 Folhinhas impressas**

Considerando a produção das folhinhas e os meios de reprodução, a última categorização que identifiquei na pesquisa foi a das folhinhas impressas, elas expressam 12,27% das folhinhas e foram encontradas nos cadernos de escolas privadas no início da década de 1990. Essas informações foram identificadas pelos dados dos cadernos do acervo pesquisado e pelos cabeçalhos das próprias folhinhas. No final da década, especificamente no ano de 1999, esta categoria também foi observada nos cadernos de escolas públicas. Assim, os dados apontam, no acervo consultado, que a categoria das folhinhas impressas se constituiu primeiramente nas escolas da rede privada de ensino, aspecto que pode ser relacionado com a disponibilidade de recursos financeiros, visto que a escola privada gerencia seus próprios recursos.

Entre os critérios de identificação das folhas impressas, destaco: a textura das impressões, as diferentes cores da impressão e os diferentes tipos (fontes) de letras, característicos dos programas de edição de textos utilizados nos computadores.

Na Figura 25, a seguir, é possível observar, por exemplo, a variação de cores da impressão, principalmente das figuras. Neste caderno, destaco também a quantidade de folhinhas coladas (505) – 81 folhinhas mimeografadas, 06 escritas produzidas com caneta, 126 folhinhas fotocopiadas e 292 folhinhas impressas. O número de folhas está distribuído no caderno de forma aleatória nas suas 96 folhas, ou seja, o número de folhinhas coladas supera, aproximadamente em cinco vezes, o número de folhas do caderno (caderno de 96 folhas). A média é de 5,26 folhinhas por folha do caderno e demarca um bom exemplo da coexistência das folhinhas.

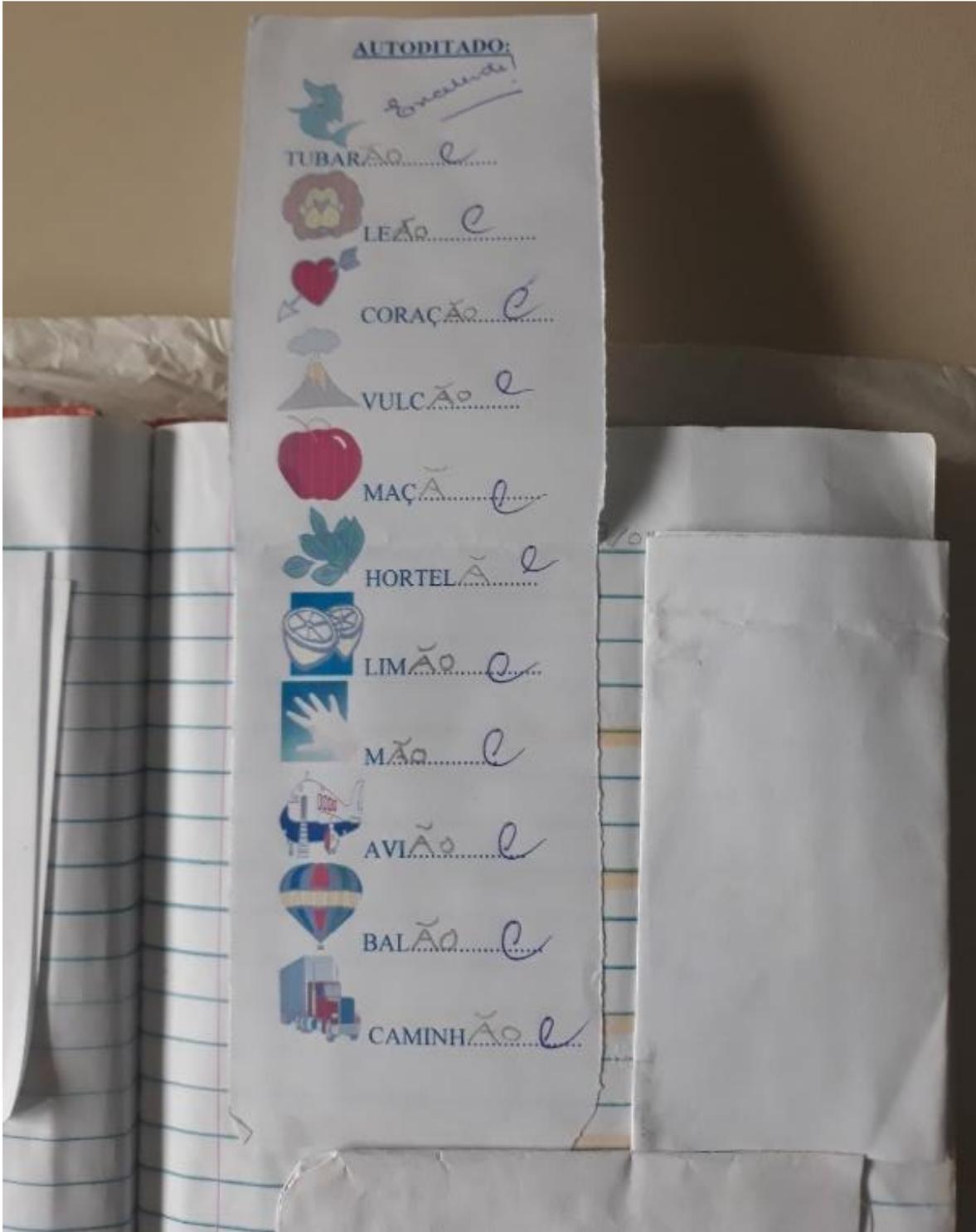


Figura 25 - Folhinha Impressa (C17 - 2007).

Fonte: Acervo Hisales.

Na Figura 26, o destaque é para a fonte que a professora selecionou para realizar a impressão da atividade de apresentação da família silábica da letra B. Essa forma de organização na apresentação das sílabas foi característica e constante neste

caderno, variando apenas as cores utilizadas em cada família silábica. Observei que as letras foram recortadas uma a uma e coladas de forma organizada para formar as sílabas.

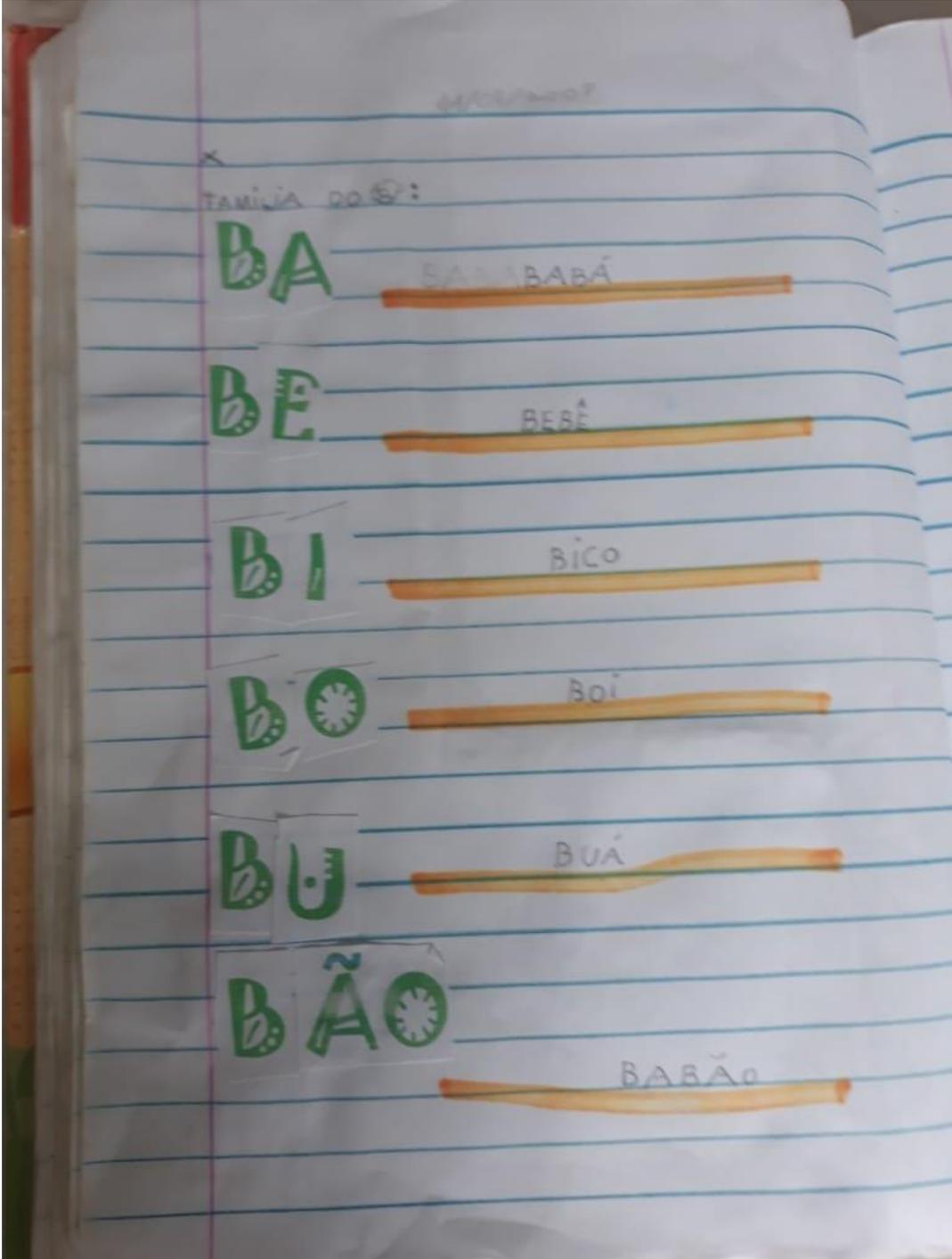


Figura 26 - Folhinha impressa - (Fonte e cor) – (C17 - 2007).

Fonte: Acervo Hisales.

Nesse caso, inicialmente, foi produzida numa folha de outras dimensões, possivelmente A4, foi recortada para a realização da atividade pela criança, sendo que inclusive o recorte poderia se caracterizar como parte da atividade de organização das sílabas.

A Figura 27, mostra um exemplo da impressão de folhinhas realizada em impressora matricial aspecto que pode observar pela coloração e pelo formato da folha.

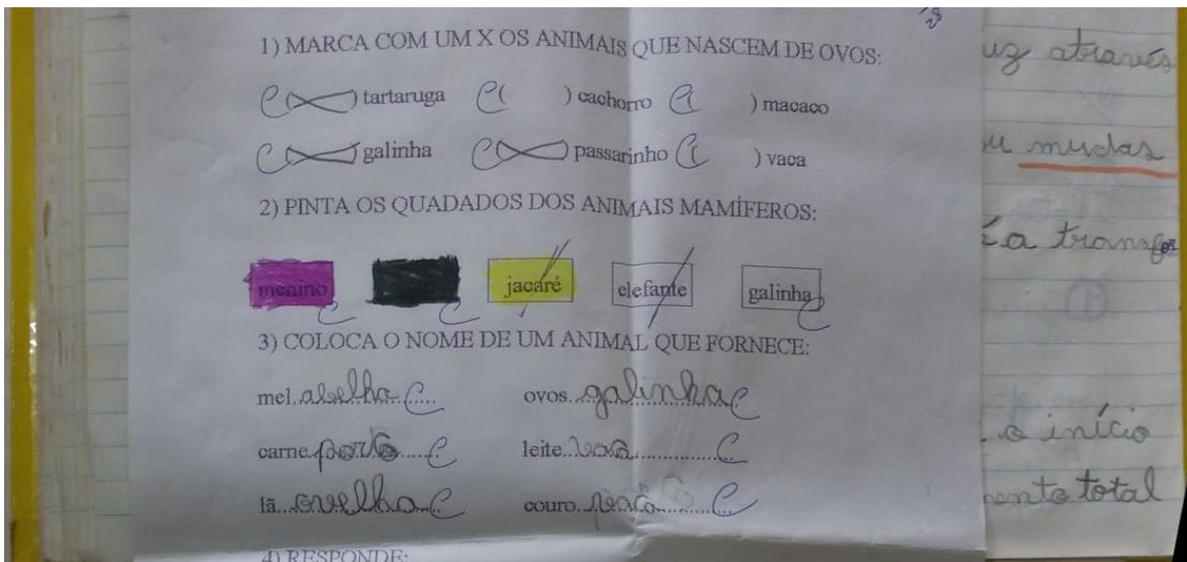


Figura 27 - Folhinha impressa (C13 - 2001).

Fonte: Acervo Hisales.

Os processos e equipamentos de reprodução (mimeógrafo, fotocopiadoras e impressoras) utilizados pelas professoras nas diferentes escolas, pode se relacionado com a autonomia em reproduzir os materiais. Economicamente, seria viável que as professoras disponibilizassem do mimeógrafo e das impressoras para a reprodução dos materiais, no entanto, a reprodução pelas máquinas fotocopiadoras ficaria a cargo da escola ou de estabelecimentos terceirizados e as folhinhas impressas configuram tanto os meios de produção (computadores) como o meio de reprodução as impressoras.

As impressoras, além de configurarem outro equipamento de reprodução no espaço escolar, também revelam de forma mais acentuada a presença dos computadores na produção dos materiais didáticos pelas professoras, pois o uso de

ambos é indissociável, assim como a utilização do papel hectográfico e do mimeógrafo.

As folhinhas descritas configuram na pesquisa as seis categorias analisadas (folhas escritas com caneta e/ou lápis; folhas mimeografadas; folhas datilografadas; folhas reproduzidas com papel carbono; folhas fotocopiadas; folhas impressas) e expressam a diversidade e a coexistência do fenômeno das folhinhas no acervo pesquisado, bem como foram fundamentais para identificação dos aspectos da cultura material da escola no período analisado.

## **2.2 Das categorias às formas de colagem e fixação**

Nas 14.383 folhinhas identificadas, nos 419 cadernos verificados na pesquisa, descritas nas categorias acima, percebi a utilização de três materiais para realizar a fixação das folhinhas nas páginas dos cadernos: cola, fita adesiva e grampos metálicos.

A maioria das folhinhas foi fixada pela utilização de cola, no entanto, não é possível identificar qual tipo de cola foi utilizado.

A seguir, na Figura 28, um exemplo da fixação com fita adesiva (C2-1968). As folhinhas são produções feitas a caneta em papel do tipo cartolina, fixadas com pedaços de fita adesiva, ressalto que observei esta forma de fixação nas décadas de 1960, 1970 e 1980. Já a fixação por cola foi observada em todas as décadas da pesquisa.

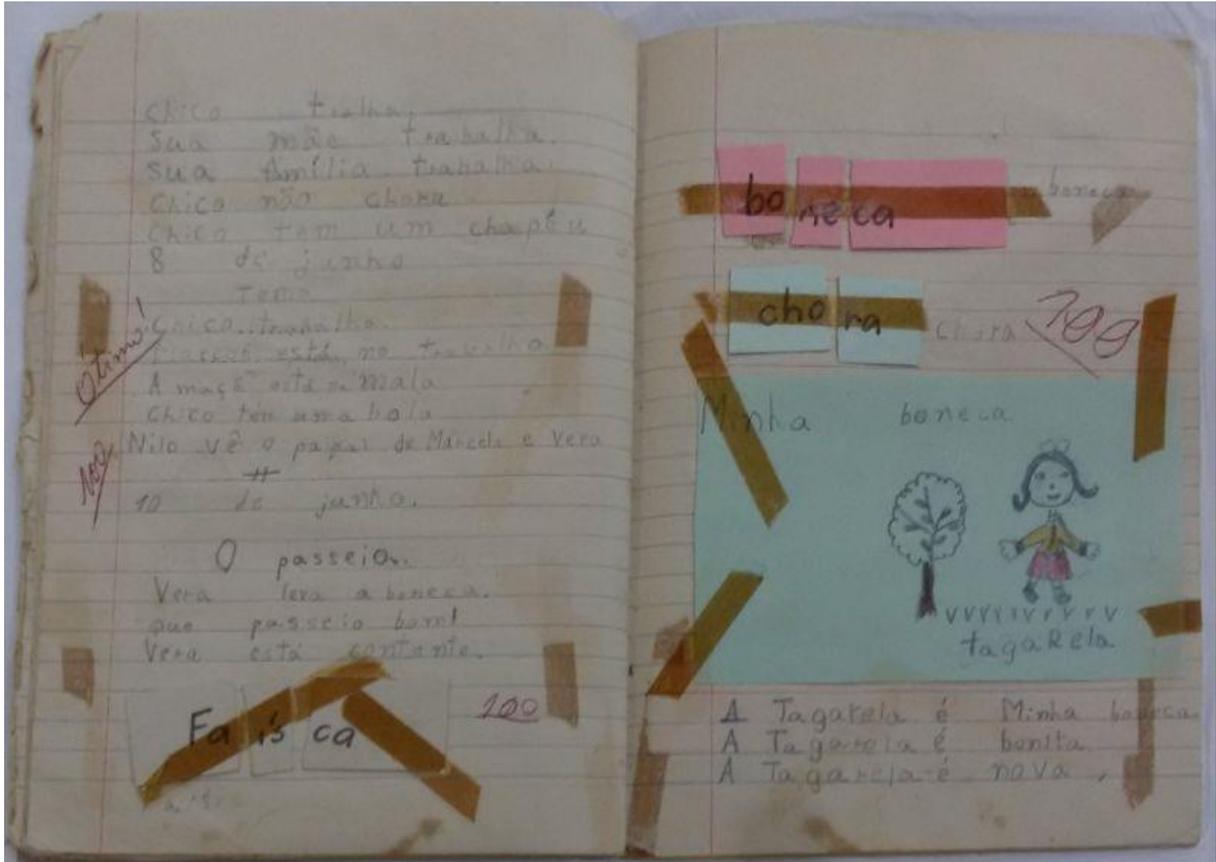


Figura 28 - Fixação com fita adesiva (C2 - 1968).

Fonte: Acervo Hisales.

Na Figura 29, um exemplo de fixação com cola e sem dobras.



Figura 29 - Fixação das folhas com cola (C14 - 1985).

Fonte: Acervo Hisales.

A Figura 30, exemplifica a fixação com grampo metálico. Cabe destacar que esta forma foi a que observei em menor número. Assim, sobre a não recorrência, é possível considerar que alunos e professoras não julgavam ser esta a forma a mais adequada para fixação.

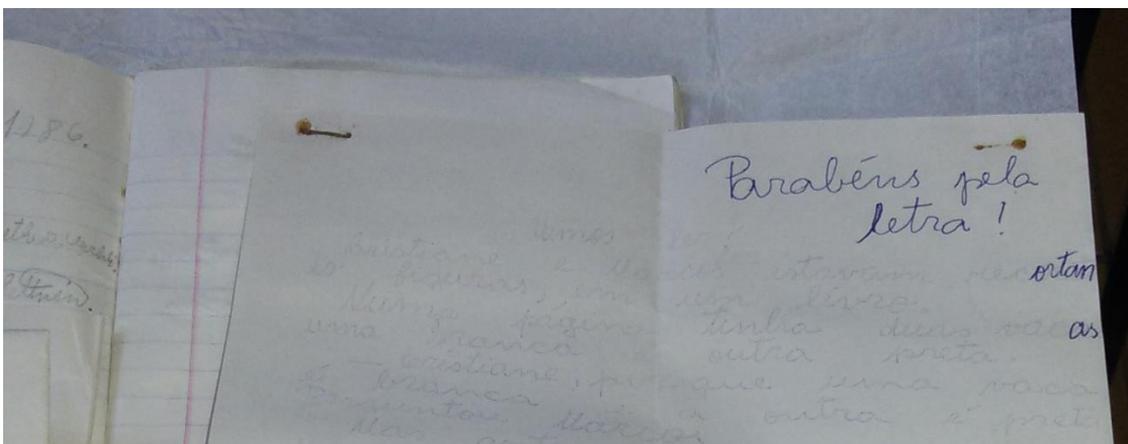


Figura 30 - Fixação com grampo metálico (C6 - 1986).

Fonte: Acervo Hisales.

A ação de colar este artefato (folhinha), impõe aos alunos (as) o domínio de determinadas habilidades, tanto na utilização de cola ou de fita adesiva, quanto na adequação da dobradura para melhor distribuição espacial na página do caderno. O domínio da técnica de colagem se evidenciou por observação de alguns casos, em que as folhas foram coladas no caderno no sentido contrário ao habitual de uso, com pontas para fora do caderno, excesso de cola, entre outros aspectos.

Sobre a ação de colar, técnica pela qual acontece a superposição da folhinha à página do caderno, destaca-se as inúmeras possibilidades de dobras identificadas na pesquisa. As dobras variam de forma e número (1 a 9), tanto de um caderno para outro, como no mesmo caderno. Percebe-se que há ausência de padronização destas ações, no entanto, pela interpretação que se realizou indicam para a otimização do espaço e refletem as estratégias e criatividade de cada aluno e/ou imposições da professora.

As dimensões dos cadernos são variadas e estão entre 20,5 x 14,5 mm e 28,0 x 21,0 mm e as encadernações (espiral, brochura – costura e grampo) impõem algumas especificidades, mas não regras fixas para a fixação das folhas. Por exemplo, a dimensão dos cadernos (menores) impede que a colagem da folha nos padrões A4 seja realizada sem dobras, no entanto, em cadernos com dimensões 28,0 x 21,0, nos quais a colagem da folha com mesmo padrão A4 diminuiria o número de dobras, não constitui-se regra, pois, precisamente em um dos cadernos com estas dimensões, que verifiquei a folhinha com o maior número de dobras (9).

Na Figura 31 e 32, a seguir, as exemplificações sobre a otimização do espaço (a folhinha dobrada 9 vezes) e a criatividade (folha dobrada em formato de envelope). Estes são apenas dois exemplos, inúmeros outros poderiam ser mostrados.





Figura 32 - Folha dobrada em formato de envelope CO5 (1991).

Fonte: Acervo Hisales.

A dobradura em forma de envelope, pode ser reflexo da expressão da criatividade da aluna frente a tarefa de fixar a folhinha no caderno ou configurar um padrão estético. As formas de dobrar identificadas na pesquisa foram inúmeras e refletem as habilidades manuais que os alunos (as) têm de desenvolver paralelo a aprendizagem dos conteúdos.

A imagem a seguir exemplifica a transformação peculiar na materialidade dos cadernos que a ação de colagem e fixação das folhinhas impõe. Este caderno em específico (C3-1997) tem as seguintes dimensões: 20,3 cm x 28,0 cm, com encadernação em espiral. Apresenta registros escritos a lápis e as folhinhas, organizadas na sequência do trabalho das atividades da aula. Há folhinhas coladas desde o primeiro dia registrado até a última folha do caderno. Destaco que todas as folhinhas contabilizadas são da categoria mimeografadas e totalizam 356.



Figura 33 - Caderno C3 - 1997.

Fonte: Acervo Hisales.

Ao fixar as folhinhas aos cadernos se modifica a materialidade de ambos os materiais. As folhas soltas se tornam fixas em ordem determinada pelo desenvolvimento das aulas e o caderno assume a característica de suporte que compila as atividades as quais foram produzidas à margem de suas páginas. A superposição das folhinhas aos cadernos, as inúmeras relações que se pode realizar a partir desta ação, reafirmam que ambos, como objeto e fonte, podem ser considerados importantes artefatos de escritura escolar.

### **2.3. As folhinhas como dispositivos escriturais de controle**

Ao manipular os 419 cadernos verificados na pesquisa, e contabilizar as 14.383 folhinhas, considerei algumas ideias, balizadas em autores que se propõem a estudar e pensar os cadernos e as relações com as práticas pedagógicas (Chartier, A.M. 2002; Viñao Frago, 2008; Mignot, 2008; Peres, 2012). Logo, estes estudos contribuíram para que eu constituísse a percepção da utilização dos cadernos e das folhinhas no contexto de aula, pela qual se pode estruturar uma narrativa da prática pedagógica com base na utilização das folhinhas. Segundo Chartier, A. M. (2002),

[...] caderno diário é uma crônica dos trabalhos e dos dias, que põe em representação a cultura da escola primária como um *patchwork* de saberes, no qual os escritos de cada dia são costurados com paciência aos dos dias precedentes, na engrenagem ritualizada das escrituras cotidianas e do retorno cíclico das matérias previstas a cada semana. CHARTIER, A. M., 2002, p. 20)

Entendo, então, esta dinâmica de produção dos cadernos como manifestação da cultura da escola em que as práticas vão se organizando cotidianamente, de forma a constituírem determinada narrativa, na qual diversos elementos e ações são interligados. Neste sentido, considerar esta dinâmica nos cadernos pesquisados faz com que se compreenda a imbricada conexão que se estabelece após a superposição das folhinhas aos cadernos.

Tendo como base a ideia discutida por Anne Marie Chartier (2002), de que os cadernos são dispositivos de controle, pode-se afirmar que as folhinhas se configuram também, como dispositivos escriturais, produzidos pelas professoras e executados pelos alunos e que, em prática, distribuem o emprego do tempo e das tarefas escolares, constroem determinadas habilidades organizativas do/no trabalho escola, e, portanto, cognitivas.

A produção das folhinhas pelas professoras e a expressiva utilização na prática de sala de aula, reforça a ideia de que elas se configuram como dispositivos de controle, pois por meio delas é possível atender todos os alunos ao mesmo tempo, mesmo que com atividades diferentes, organizar o tempo de trabalho com o material (na sala de aula ou tarefa para casa). O uso da folhinha é uma forma de organizar o caderno, o trabalho do aluno e da professora e a sequência da aula.

Ao se considerar, por exemplo, a realidade das classes multisseriadas, nas quais, na maioria das vezes, as professoras eram responsáveis, tanto pelas questões pedagógicas quanto administrativas, no atendimento de diferentes turmas em um mesmo espaço físico e ao mesmo tempo cronológico, as folhinhas configuraram-se como recursos materiais adequados ao controle, estrategicamente organizadas e utilizadas. Este aspecto, no entanto, não é regra visto que as folhinhas foram verificadas tanto em cadernos de escola rurais (maior incidência de classes multisseriadas) como de escolas urbanas. Trata-se, portanto, de uma estratégia de gestão de classe, considerando o número de alunos (turmas numerosas), a heterogeneidade das aprendizagens, entre outros aspectos.

A superposição das folhinhas aos cadernos é a garantia que se reúna no mesmo lugar todas as “atividades notáveis” (CHARTIER, A. M., 2002, p. 19), e desta forma, se certifica e justifica o trabalho desenvolvido em sala de aula pelos alunos às famílias.

As folhinhas e os cadernos são dispositivos nos dois âmbitos, no de produção escolar, no contexto da sala de aula e no espaço domiciliar, como comprovação e verificação do trabalho realizado pelos alunos (as) e pelas professoras. Nesta perspectiva, estabelecem também a função de canal de comunicação entre a escola e a casa.

Sendo as folhinhas dispositivos escriturais, produzidos pelas professoras, revelam a disponibilidade material para tal produção, assim, ao delinear os aspectos materiais das folhinhas, e conseqüentemente dos meios de produção e dos meios de reprodução, pode-se enumerar alguns utensílios e equipamentos utilizados pelas professoras como utensílios de trabalho, que se configuraram ao longo dos anos como artefatos da cultura material escolar. A esse respeito Costa Rico (2006) descreve que:

Uma observación pausada de todo ello nos llevará a recorrer y retener la historicidade de unos escenarios escolares que no han sido fijos ni uniformes, por más que em ellos encontraremos elementos peramnetes y perdurables, ayudándonos a visualizar apreciables câmbios escolares em cuanto a intenciones, procesos de acción y roles (COSTA RICO, 2006, p.198).

Compreendo que o cenário escolar se constitui, não de forma fixa, mas variável por inúmeras modificações que podem ser expressas por diversos utensílios e objetos nele utilizado. A utilização das folhinhas é uma forma possível de observar as permanências e as transformações destes cenários, pois alteraram-se os meios de produção e os meios de reprodução, mas a utilização do material didático conserva-se neste espaço perpassando décadas.

As folhinhas que estão, ao longo do período analisado, coladas e fixadas nos cadernos escolares, configuram permanências, modificações e adaptações, expressam parte do movimento histórico de constituição de determinada prática escolar, afinal, em qual outros espaços se colam folhas em cadernos? As folhinhas como parte da cultura material escolar significam,

el registro o catálogo de experiencias que conducen a la producción de los objetos en que se concretiza dicha cultura. La pertencia al gremio y la socialización de la técnica a través de los rituales societarios compartidos hace que las experiencias y sus productos objetuales nos sean comprensibles, toda vez que son elementos identitarios de la memoria de la profesión docente y forman parte del ajuar ergológico del oficio (ESCOLANO BENITO, 2012, p.15)

A forma de produzir e reproduzir modificou-se ao longo do período, mas a prática em si, perpassou e perpassa a trajetória de muitos alunos e professoras, as folhinhas então, constituem uma experiência escolar compartilhada por esses sujeitos.

Neste contexto, os utensílios, os instrumentos, os meios de produção, os meios de reprodução, que se configuram como tecnologias utilizadas para sua composição, se modificam, porém, é imprescindível destacar a coexistência longínqua destes artefatos, dos meios de produção e dos meios de reprodução no espaço escolar, bem como a própria presença das folhinhas nas páginas dos cadernos neste período de 40 anos, desde 1968 até 2008.

Para finalizar, reafirmo que apresentei neste capítulo as categorias das folhinhas identificadas na pesquisa descritas como: folhinhas escritas com caneta e/ou lápis, folhinhas datilografadas, folhinhas reproduzidas com papel carbono, folhinhas mimeografadas, folhinhas fotocopiadas e folhinhas impressas. Exemplifiquei, também, aspectos específicos com relação a dobras e formas de fixação as quais revelam a criatividade dos alunos na organização material das folhinhas nos cadernos. E, por fim, durante o capítulo, destaquei a utilização das folhinhas como dispositivo escritural que controla e comprova a realização do trabalho dos alunos (as) e das professoras.

No capítulo a seguir, caracterizo os meios de produção e os meios de reprodução identificados a partir das categorias das folhinhas descritas até o momento.

### **3. DO ARTESANAL AO DIGITAL: MEIOS DE PRODUÇÃO E MEIOS DE REPRODUÇÃO DE FOLHINHAS DE ATIVIDADES NO CONTEXTO ESCOLAR**

O objetivo deste capítulo é caracterizar e problematizar os meios de produção e os meios de reprodução das folhinhas, estabelecidos a partir das categorias das folhinhas que apresentei no capítulo anterior.

A observância deste fenômeno das folhinhas nas páginas dos cadernos é aspecto que instiga e provoca a pensar os diferentes contextos de composição destes materiais, das salas de aula e das escolas, logo, descrevo e identifico os utensílios, equipamentos e mecanismos que as professoras dispunham para produzir e reproduzir esse material didático no período da pesquisa adentrando em uma diversificada e plural cultura material da escola.

Compreendo que, historicamente, o fenômeno das folhinhas influenciou na construção da prática educacional do professorado gaúcho, principalmente, nas três primeiras décadas da pesquisa (1960, 1970 e 1980), e que, posteriormente, possa ter ocorrido o processo de consolidação da prática caracterizando-a por meio da cultura da escola, como cultura empírica (Escolano Benito, 2017), ou seja, produção cultural pautada na/da experiência.

Diante da diversidade das folhinhas elaborei uma descrição organizada com base nos meios de produção e nos meios de reprodução, classificando-os em: suporte, utensílios e equipamentos de produção e reprodução gráfica. Estes dados estão representados no Quadro 1.

Quadro 1- Suporte, utensílios e equipamentos utilizados na produção e reprodução das folhinhas.

<b>Suporte de produção e reprodução</b>	<b>Utensílios para produção</b>	<b>Materiais e equipamentos para reprodução</b>
Papel de diferentes tipologias (papel jornal, A4 e cartolina)	Caneta esferográfica Caneta hidrográfica Lápis Máquina de escrever Computador	Papel carbono Mimeógrafo/ duplicador Fotocopiadoras Impressoras

Fontes: Banco de dados da autora.

Ao refletir sobre os dados que compõem o quadro, é necessário considerar que:

- a) um mesmo utensílio de produção pode ser utilizado em diferentes técnicas e equipamentos de reprodução;
- b) para qualquer modo de reprodução, há, anteriormente, a exigência da produção, pelo uso de algum dos utensílios listados, de uma folha matriz, folha base ou forma (linguagem do campo gráfico);
- c) os utensílios de produção são utilizados em combinações possíveis com os meios de reprodução;
- d) alguns meios de reprodução exigem utensílios e materiais específicos, como por exemplo: o papel hectográfico (matriz ou stencil) para reprodução em mimeógrafo, computador e impressora para a futura impressão;
- e) o papel, obviamente, é utilizado em todos os casos, o que pode variar é sua tipologia.

Dentre os materiais usados para a produção e reprodução das folhinhas, destaco os diferentes tipos de papel como suporte de escrita. Os utensílios utilizados na composição escrita ou imagética e os equipamentos de reprodução que vão, em conjunto com outros elementos (o texto, o contexto de produção, o caderno e a forma de fixação), compor a materialidade das folhinhas.

Neste sentido, entendo materialidade “como a modalidade de sua inscrição na página ou de sua distribuição no objeto escrito” (CHARTIER, R. 2017, p. 37).

O autor também destaca que:

[...] é necessário recordar vigorosamente que não existe nenhum texto fora do suporte que o dá a ler, que não há compreensão de um escrito, qualquer que ele seja, que não dependa das formas através das quais ele chega ao seu leitor (CHARTIER, R. 2002, p. 127).

Quais seriam as formas possíveis de leitura do artefato folhinha? A fixação nas páginas dos cadernos altera as maneiras de ler? Da ação produtora, pensada e desenvolvida pela professora à atuação receptora dos alunos, existe um conjunto de regras pré-estabelecidas para leitura, utilização e organização da folhinha? Essas regras são explicitadas aos sujeitos? São ensinadas e aprendidas? Seguem uma dinâmica de apresentação individualizada ou coletiva? As finalidades propostas são entendidas por todos? São distintas para professores e alunos? Há muito para problematizar. No entanto, essas questões não serão respondidas nesta pesquisa devido aos limites impostos pelas fontes e pelos objetos. Em outro momento, com outra metodologia de pesquisa, poderia observar a ação das professoras e alunos e o trabalho com as folhinhas em salas de aula.

Na seção, a seguir, a partir da descrição organizada com base nos meios de produção e nos meios de reprodução, apresento cada um dos itens expostos no quadro 1: o suporte, os utensílios, os equipamentos de produção e de reprodução gráfica, desde o utensílio artesanal até o digital demarcando a construção da genealogia das folhinhas.

### **3.1 O suporte para escrita: o papel**

Segundo Ribeiro (2007, p. 21), o papel é uma invenção atribuída aos chineses que data aproximadamente do século II. O papel, que tem nome originário do termo latino “papyrus” o qual vem do grego “papuros”, substituiu o pergaminho na função de suporte para escrita. Sendo atribuída aos árabes a responsabilidade pela difusão da fabricação para o ocidente, primeiramente pelo norte da África e logo pela Europa, em países como a Espanha, Itália, França e Alemanha.

A aceleração do processo de produção do papel está fortemente relacionada a invenção de Johannes Gutenberg no século XV, a máquina de impressão com tipos móveis resulta em maior rapidez no processo de produção de livros e impressos, a

composição de escritos deixou de ser um prática unicamente manual e artesanal, para uma produção de característica mecanizada, contudo, a fabricação do papel ainda era processo artesanal.

Foi no final do século XVIII que a produção do papel passou a ser mecânica, com a invenção de uma máquina que produzia papel em folhas contínuas<sup>40</sup>. A invenção do francês foi aprimorada por dois irmãos britânicos<sup>41</sup> que introduziram o processo de produção do papel a trituração da madeira e aditivos químicos, o que barateou a produção.

No Brasil, o investimento no crescimento do parque industrial, a partir da década de 1950, contribuiu para o crescimento da produção do papel, aspecto abordado em pequena matéria intitulada “Indústria de Celulose e de Papel” divulgada pela Revista do Ensino em 1968. A reportagem referia-se ao Brasil como importante produtor de matéria-prima, necessária para produção do papel, principalmente aos estados sulinos, pelas matas de pinho e eucalipto muito utilizados na elaboração da celulose, principal componente utilizado na fabricação de diversos tipos de papel. “O papel de imprensa aqui fabricado é de alta qualidade, podendo competir em pé de igualdade com o produto importado, tendo a vantagem de ser de mais baixo custo” (Revista do Ensino, Ano XVI, nº 120, 1968, p. 64).

É possível verificar que a mecanização e a modernização na produção de papel contribuíram para baratear a produção, o que certamente influenciou na ampliação de seu uso nas esferas sociais; e a escola como mercado (Vidal; Gaspar da Silva, 2010), também se beneficiou deste processo, exemplificado por uma maior e diversificada produção de cadernos, livros e folhas.

O suporte para escrita (papel) é necessário tanto para a produção quanto para a reprodução das folhinhas, assim, o destaque é para alguns tipos de papel<sup>42</sup>. RIBEIRO (2007) salienta que a “escolha do papel é de suma importância para a boa execução de trabalhos gráficos” (p.15), um bom resultado final depende muito da

---

<sup>40</sup> A invenção é atribuída mecânico Nicolas-Louis Robert, (1761-1828). Em 1798, Robert inventou a primeira máquina para produzir papel em folhas contínuas. Disponível em <https://www.britannica.com/biography/Nicolas-Louis-Robert>. Acesso em 08 de fevereiro de 2019.

<sup>41</sup> Os irmãos britânicos Henry e Sealy Fourdrinier introduziram elementos na produção do papel que auxiliou a diminuir o gasto de produção. Disponível em [https://www.passeiweb.com/index.php/estudos/sala\\_de\\_aula/diversos/a\\_historia\\_do\\_papel](https://www.passeiweb.com/index.php/estudos/sala_de_aula/diversos/a_historia_do_papel). Acesso em 08 de fevereiro de 2019.

<sup>42</sup> Para informações técnicas sobre a produção e nomenclatura dos diferentes tipos de papel ver Ribeiro (2007).

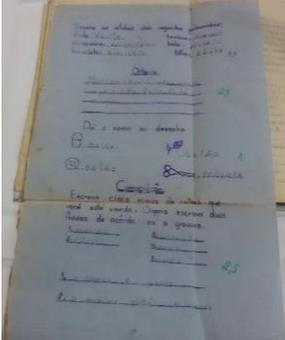
qualidade do papel, que é caracterizada pela aparência e peso, devem compor de forma harmoniosa, com o tipo de impressão e qualidade da tinta um produto “funcional” e que “agrade o leitor”.

A tipologia do papel varia de acordo com as fibras vegetais utilizadas em sua composição e com a proporção de cola adicionada. O processo de colagem dá “ao papel mais firmeza, faz com que ele absorva menos tinta e suporte melhor a impressão. É o papel que recebe bem a escrita” (RIBEIRO, 2007, p.15). Outras questões técnicas, relacionadas às características do papel, podem ser destacadas: a superfície do papel, a cor, os formatos e a forma de acondicionamento, a gramagem, a resistência, transparência e opacidade, todas estas propriedades são consideradas quando se define o tipo e a nomenclatura do papel.

Na pesquisa, identifiquei alguns tipos de papel utilizados como suporte do trabalho gráfico das professoras: papel jornal, papel sulfite ou impressão offset (branco e colorido) e cartolina, todos característicos de utilização no espaço escolar. Verifiquei, também, o reaproveitamento de papel, como o uso do lado reverso de notas fiscais de estabelecimentos comerciais, folhas de instituições privadas, papel de extrato bancário e de folhas fotocopiadas que foram reutilizadas no verso.

No Quadro 2, a seguir, apresenta-se os diferentes tipos de papel identificados na pesquisa.

Quadro 2- Tipologias do papel.

Imagem	Tipo de papel
 <p data-bbox="572 745 699 779"><b>C2 (1974)</b></p>	<p data-bbox="1011 539 1185 573">Papel jornal</p>
 <p data-bbox="572 1151 699 1184"><b>C3 (1968)</b></p>	<p data-bbox="911 943 1289 1032">Papel sulfite ou impressão <i>offset</i> colorido</p>
 <p data-bbox="572 1576 699 1610"><b>C1 (1982)</b></p>	<p data-bbox="911 1330 1289 1476">Papel sulfite ou impressão <i>offset</i> branco (folha de ofício ou A4)</p>
 <p data-bbox="572 1980 699 2013"><b>C2 (1968)</b></p>	<p data-bbox="1034 1800 1166 1834">Cartolina</p>

Fonte: Banco de dados da pesquisa.

A Figura 34, a seguir, ilustra três possibilidades de reaproveitamento do papel as quais verifiquei na pesquisa, respectivamente, da esquerda para a direita: nota fiscal (C2-1979), extrato bancário (C13-2008) e folhas de instituição privada (CO2-1988).

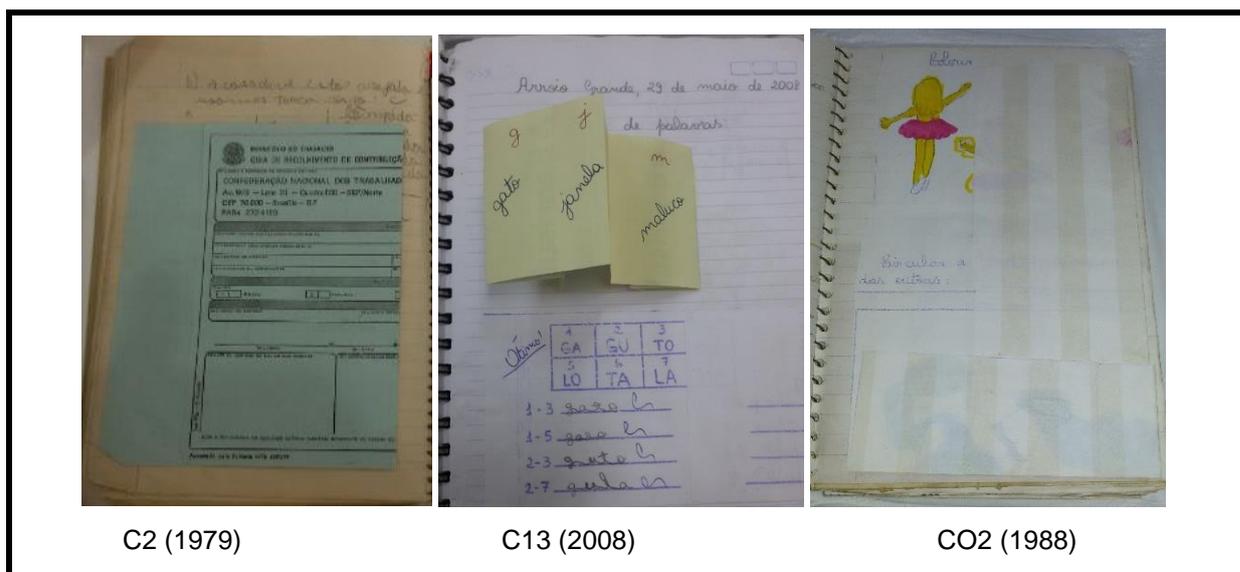


Figura 34- Reaproveitamento de papel.

Fonte: Banco de dados da pesquisa.

Ao observar e refletir sobre o suporte utilizado para a produção e reprodução das folhinhas, surgiram algumas questões: as professoras das escolas primárias podiam escolher o tipo de papel para utilizar? Ou tinham de utilizar da criatividade, como se percebe, para realizar suas produções? Quais eram os tipos de papel disponibilizados pelo poder público às escolas? Eram disponibilizados para todas as escolas? Estas indagações, exigem uma investigação mais detalhada, sobre como os materiais eram disponibilizados e distribuídos às escolas por suas mantenedoras (redes municipais e estaduais) e também nas escolas privadas.

No entanto, mesmo que estas indagações não sejam respondidas nesta pesquisa, permitem pensar e, de certa forma, visualizar algumas das ações que as professoras utilizam para criar e adaptar suas práticas educativas. As possibilidades, as restrições financeiras e a (in)disponibilidade material foram dando certas especificidades à produção e reprodução das folhinhas. A verificação de reutilização dos variados tipos de papel é um exemplo de como elementos externos ao contexto escolar são inseridos a ele e legitimados pela prática docente. Estes elementos

externos contribuem para a composição da cultura material da escola expressa pela/na produção das folhinhas.

A reprodução de folhinhas, encontradas com essas características de reaproveitamento de papel, podem ser indícios de que as folhas em branco (folha ofício) nas escolas eram recursos escassos.

Destaca-se nas Figuras 35 e 36, o registro apresentado em dois cadernos que compõem os documentos da pesquisa, e que evidenciam o pedido de alguns materiais, como por exemplo, as *folhas de ofício* e de *matriz* (ambos os cadernos são de escolas públicas)<sup>43</sup>.

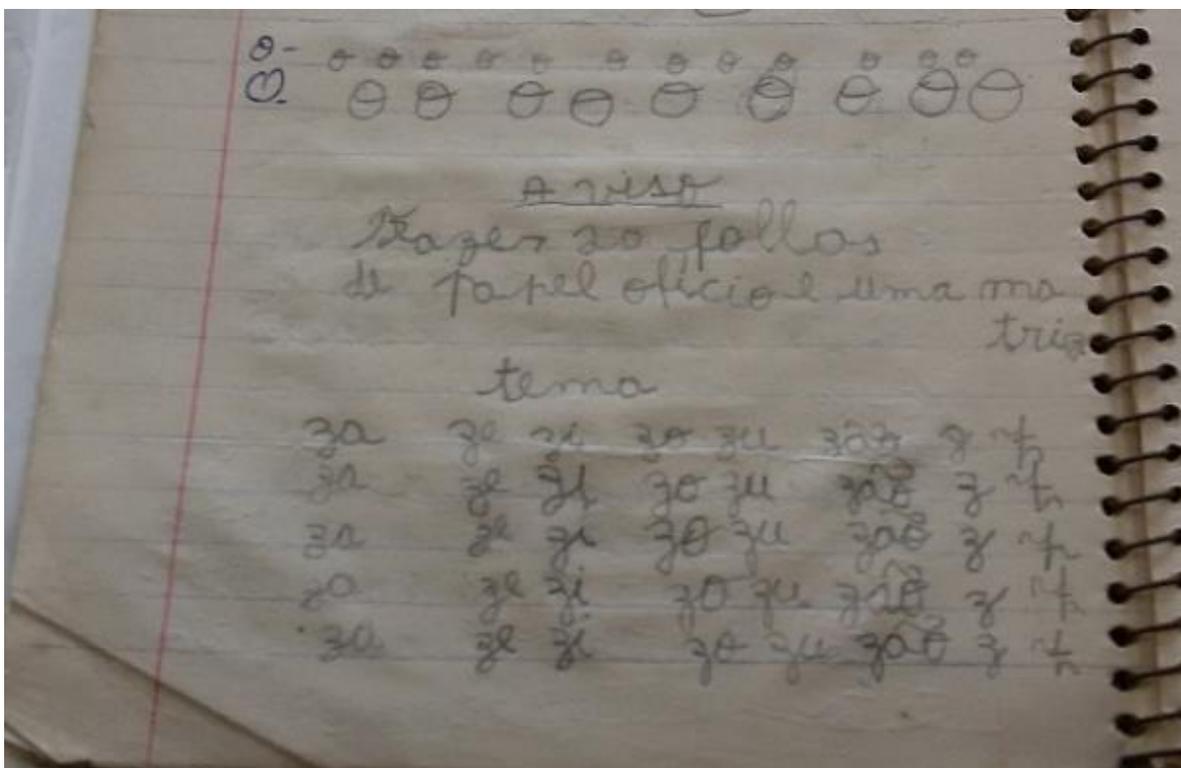


Figura 35 - Caderno 2 (1979).

Fonte: Acervo Hisales.

<sup>43</sup> Esta informação é apresentada na ficha de identificação de cada um dos cadernos.

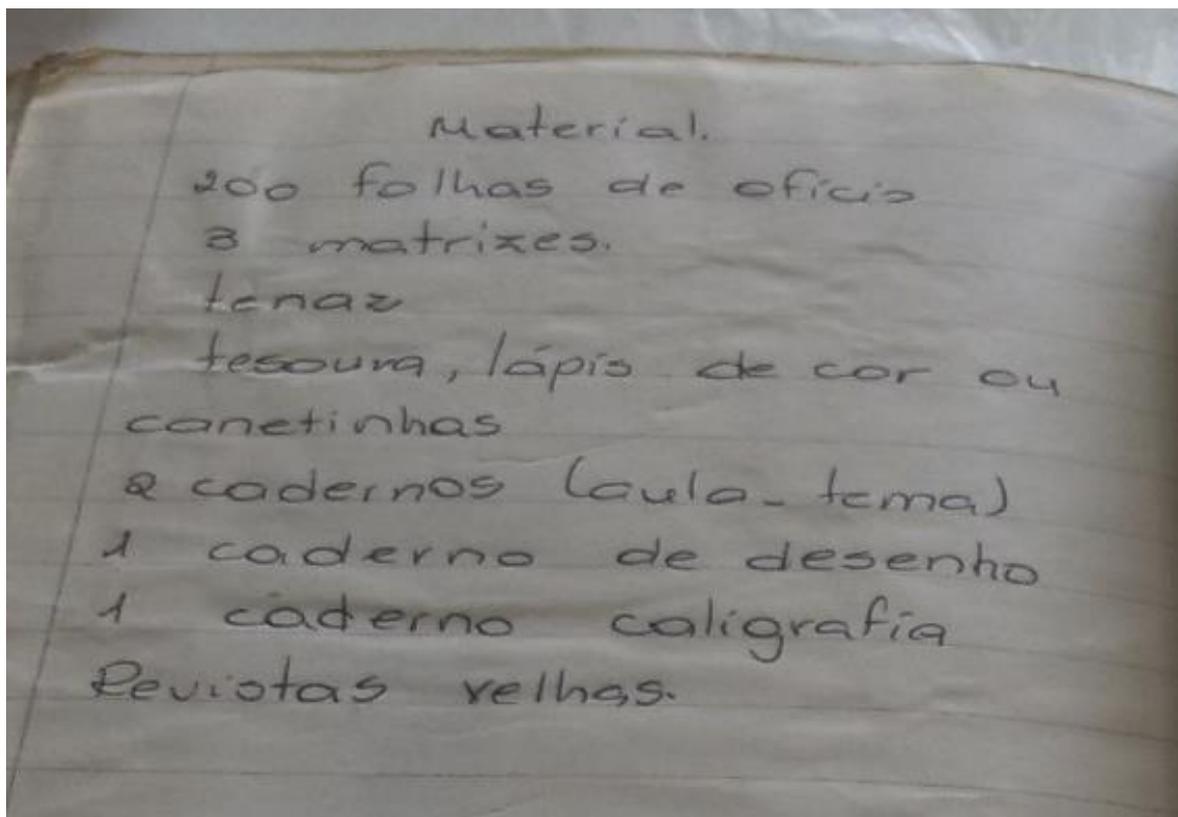


Figura 36 - Caderno 1 (1990).

Fonte: Acervo Hisales.

No primeiro registro exemplificado na Figura 35, caderno (C2-1979), o pedido refere-se a *trazer 20 folhas de papel ofício e uma matriz*, no segundo, Figura 36, caderno (C1-1990) a relação de material é, entre outras, *200 folhas de ofício, 3 matrizes e tenaz*<sup>44</sup>. É possível considerar este dado como um indicativo da carência de materiais que as escolas públicas enfrentavam, sendo então necessária a participação das famílias para o provimento dos materiais. E, também, às categorias de “indústria escolar” e de “escola como mercado” (VIDAL; GASPAR DA SILVA, 2010, p. 32) relacionando-as à função do Estado como mantenedor das escolas e comprador em potencial de uma ampla e diversificada gama de materiais, dentre elas, as folhas de papel e a matriz, utilizadas, dentre outras formas possíveis, na produção e na reprodução de materiais didáticos.

Como afirmei, o papel no âmbito escolar é um dos suportes mais utilizado para registro escrito, aspecto cultural que se intensificou com os processos de

<sup>44</sup> Refere-se a uma marca específica de cola para papel e outros materiais, bastante reconhecida e utilizada no espaço escolar.

industrialização e barateamento de produção. No entanto, atualmente, é preciso atentar à presença dos computadores (Gaspar da Silva; Mendes, 2015), que começam a adentrar este espaço, principalmente, a partir dos anos 1990 quando estes equipamentos passam a configurar outra forma de registro por meio da digitação, não em substituição ao papel, mas representando outra forma material do registro gráfico.

### **3.2 Utensílios e equipamentos de produção**

Descrevo, nesta seção, os meios de produção das folhinhas, os utensílios que as professoras utilizavam para produzir estes materiais, quais sejam: as canetas, as máquinas de escrever e os computadores.

Algumas pesquisas realizadas sob a perspectiva da cultura material escolar (CASTRO *et al*, 2013; LAWN, 2013; FELGUEIRAS, 2015;), destacam para o fato de que há “escassez de exemplares que possam testemunhar as práticas escolares” (CASTRO *et al*, 2011, p.277), devido ao descarte de tais utensílios que são substituídos por novas e modernas aquisições. Logo, segundo os autores, os pesquisadores precisam centrar seus esforços na identificação dos materiais e utensílios que compuseram o espaço escolar a partir de “documentação escrita, oral e iconográfica”. Destaco, neste sentido, a importância da constituição de centros e espaços que privilegiem a conservação material da escola, como o espaço de memória e os acervos do Hisales.

Ao observar as folhinhas, foi possível inferir sobre alguns dos utensílios e instrumentos utilizados na sua produção, compreendendo-os como materiais que informam sobre concepções, discursos e constituem a cultura material da escola, afinal “lápiz, papel barato, impressão a cores e testes de inteligência são ferramentas da escolarização, e sem esses utensílios e os sistemas de uso em que estão inseridos, as grandiosas narrativas da educação seriam incapazes de funcionar”( LAWN, 2013, p. 224).

É fato que, historicamente os utensílios utilizados para a escrita na escola foram passando por transformações. Alguns instrumentos e objetos foram inseridos no cenário escolar em substituição a outros. Alguns aspectos relacionados aos suportes

de escrita, à escolarização em massa, à adequação do mobiliário escolar, à própria organização espacial e aos programas de ensino, juntamente com a modernização da produção dos materiais para escrita, contribuíram para essas transformações. Na construção do quadro teórico desta pesquisa, observei uma maior incidência de estudos sobre utensílios e suportes de escrita direcionados à utilização dos alunos. Também foi possível perceber, em alguns casos, a descrição sobre utensílios e suportes referentes à escrita dos professores.

No caso do ensino da escrita, referindo-se a utensílios e suportes, Barra (2001) destaca que a utilização da pedra “ardósia”, como suporte de escrita “surgiu numa época em que se queria ensinar aos pobres e, pode-se acrescentar, coincidiu com a chegada dos meninos à escola” (BARRA, 2001, p. 12). O papel, artefato de substancial valor econômico à época, não era utilizado pelos iniciantes no processo de aprendizagem da escrita. O preparo das penas, que eram utilizadas juntamente com as tintas para escrita em papel, era tarefa do professor, pois exigia determinadas habilidades manuais. Escrever exigia dos alunos dedicação e habilidades específicas, caracterizada pela aprendizagem gradual, na qual distintos utensílios eram utilizados de acordo com as habilidades já adquiridas.

Na pesquisa, referindo-se ao contexto paulista no final do século XIX, Barra (2001) menciona, além das ardósias, a utilização do quadro – negro e do giz e destaca como utensílios de escrita as “penas de ave”, “penas de aço”, “lápiz de pedra” e “lápiz de pau”. Não é possível mencionar precisamente, como se dava a utilização destes utensílios pelos alunos e pelos professores em suas práticas escolares, porém, sendo os alunos aprendizes, depreende-se que estes faziam uso mais intenso, principalmente dos utensílios e suportes de escrita.

Frade (2009), referindo-se ao contexto mineiro do final do século XIX e início do século XX, destaca a partir de fontes documentais, entre outras, as correspondências (1883 -1930) que citam pedidos de instrumentos de escrita e de suportes revelando uma diversidade de materiais. A pesquisadora estruturou o estudo sob duas perspectivas de análise: “indícios da escrita burocrática e institucional produzida por professores e as possíveis escritas de alunos no período analisado” (FRADE, 2009, p. 29).

Nas correspondências analisadas por Frade (2009), há o destaque para a presença de maior número de pedidos de canetas e lápis, o que remete, segundo a autora, à “apropriação mais individualizada de novos instrumentos pelos alunos” (p. 37). Entre outros utensílios, pede-se “muitos litros de tinta”, “caixas de pena e de canetas”, lápis para papel e lápis para lousa” (FRADE, 2009, p. 37). Por meio de análise dos instrumentos de escrita a autora verifica e categoriza os suportes de escrita em: “reutilizáveis (lousa) e não reutilizáveis (caderno e papel), o que dá ao registro escolar produzido pelos alunos um caráter ora visível, ora efêmero, uma vez que na lousa as crianças escreviam e quando estava sem espaço, era necessário apagar para escrever novamente.

Ainda, segundo Frade (2009), é possível, a partir dos suportes, pensar a escrita escolar sob “vários aspectos de controle e normatização: o pedagógico, o financeiro, o estatístico e o avaliativo” (p. 51). Ao considerar estes pontos, é possível perceber que a escrita do professorado é intensa e diversificada, neste sentido, com base em Frade (2009), pode-se dizer que a escrita das professoras na produção das folhinhas é de caráter pedagógico.

É fato que as professoras escrevem diariamente, no contexto escolar, com diferentes utensílios, em diversos suportes e com objetivos múltiplos. Escrevem em seus diários de classe, no quadro-negro, nos cadernos dos alunos e na produção dos recursos e materiais didáticos. No caso da produção das folhinhas, identifiquei os seguintes utensílios de escrita: as canetas, que certamente, se diferenciam quanto a modelos e cores (esferográfica e hidrográfica), lápis, máquina de escrever e computadores.

Estes utensílios configuram formas diferentes de escrita. Com a caneta, por exemplo, há a necessidade da folha de papel. A produção com máquina de escrever e com computadores exige, obviamente, os respectivos equipamentos e o domínio da técnica de digitação, afinal, escrever, datilografar e digitar são ações distintas que, no entanto, foram utilizados com o mesmo propósito, produzir diretamente o material didático ou folhinha base para posterior reprodução.

Seria possível descrever a evolução de cada um dos utensílios de escrita identificados na pesquisa, porém o objetivo não permite avançar de forma detalhada

e histórica sobre cada um deles. Em linhas gerais, detive atenção especial às canetas esferográficas.

Foi no século XIX que o inventor Lewis Edson Waterman patenteou uma invenção que conseguia guardar a tinta em seu interior, a “caneta tinteiro”. O custo de fabricação era alto e sua funcionalidade exigia determinados cuidados de manuseio o que dificultava a utilização, no entanto, por outras questões, a caneta-tinteiro ainda é produzida e utilizada em diversos países.

Já a invenção da caneta esferográfica é atribuída ao jornalista húngaro László József Bíró<sup>45</sup>, no entanto, a popularização das canetas esferográficas é atribuída ao francês Marcel Bich, que aprimorou o processo de fabricação para larga escala e com baixo custo de produção, e em 1950, lançou a caneta esferográfica *sob a marca BIC, versão mais curta e memorável de seu próprio nome*(<https://br.bicworld.com/sobre-nos/nossa-heranca-sua-paixao>). Destaca-se a qualidade, o preço acessível da caneta e a facilidade de manuseio, os quais são aspectos que contribuíram para que rapidamente a caneta fosse adotada por grande número de consumidores.

Como exposto, é possível que a caneta esferográfica da marca *BIC* tenha se popularizado rapidamente. Em uma das revistas verificadas no acervo das Revista do Globo, a revista de nº 914, 1966, p. 78, identifica-se a propaganda da caneta esferográfica deste modelo em específico. No entanto, percebe-se em outra propaganda, também da Revista do Globo, que outras marcas e modelos eram vendidos no Rio Grande do Sul. Destaco a propaganda *Novidades em canetas esferográficas*, por apresentar inúmeros modelos e cargas para diversas marcas, inclusive um modelo “especial para mimeógrafo”.

---

<sup>45</sup> As informações organizadas no texto a respeito da invenção e produção das canetas estão disponíveis em <https://ahistoria.info/historia-da-caneta/> e <https://www.portaleducacao.com.br/conteudo/artigos/pedagogia/a-historia-da-caneta/53220>. Acesso em março de 2019.

Novidades  
EM CANETAS  
ESFEROGRAFICAS

artísticos conjuntos para  
embelezar a sua mesa de trabalho

CANETAS DE MARCAS FAMOSAS

...é o máximo!  
CANETAS QUE  
escrevem  
perfumado!  
ÚLTIMA NOVIDADE "ARTPEN"

CARGAS PARA DIVERSAS MARCAS

Artpen "60"  
Artpen "Perfumada"  
Artpen "P100"  
Artpen "97"  
Compactor "1001"  
Sheaffer's "Fina"  
Especial p. Mimeógrafo

Visite e nossa  
seção especializada  
**LIVRARIA DO  
GLOBO**  
Andradas, 1416 - Fone 9-11-12  
Caixa Postal, 1920 - P. Alegre  
REMETEMOS PELO REEMBOLSO POSTAL

Figura 37 - Propaganda "Novidades em canetas esferográficas".

Fonte: Revista do Globo Ano XXIV, nº 836, de 22 dez 1962 a 4 de jan de 1963, p.32.

A propaganda ilustra canetas de marcas variadas - *Artpen "60"*, *Artpen "perfumada"*, *Artpen "P100"*, *Artpen "97"*, *Compactor "1001"*, *Sheaffer's "fina"* e *Especial p. Mimeógrafo* - inclusive indicando uma carga para caneta "Especial para mimeógrafo". À esquerda, imagem da página inteira e à direita há um recorte de sua parte inferior esquerda, ampliada, na qual é possível observar o referido trecho, sobre a carga de caneta destinada especialmente para uso no mimeógrafo.

A propaganda é um indicador da circulação do mimeógrafo no Rio Grande do Sul e corrobora com a ideia de que a reprodução, a partir do mimeógrafo, já era realidade no período inicial da década de 1960. No acervo pesquisado, a reprodução com uso do mimeógrafo, foi identificada nos cadernos dos anos iniciais da escolarização na década de 1960, especificamente no ano de 1968 (C1).

As máquinas de escrever também foram equipamentos propagandeados tanto pela Revista do Ensino quanto pela Revista do Globo e utilizadas em diferentes espaços (privados e públicos), foram utilizadas inclusive pelas professoras para produzir as folhinhas, como exposto na categorização feita no capítulo anterior.

A Revista do Ensino e Revista do Globo anunciavam em suas páginas propagandas diversas, dentre estas, as que se referiam as máquinas de escrever, as propagandas “[...] apelam para as ideias de facilidade, rapidez, precisão e ‘do esforço mínimo com rendimento máximo’”(PERES e VIEIRA, 2011, p. 14). As propagandas indicam quem usaria: “chefe de família”, “dona de casa” e “os estudantes”, e também a finalidade: *Vou usá-las em casa e nas minhas viagens de negócios; Agora posso escrever minhas cartas à máquina! Isto será um novo encanto na obrigação da minha correspondência particular... Acabaram-se as horas exaustivas da escrita à mão... E nossos deveres escolares terão melhor apresentação!* (REVISTA DO GLOBO, Ano XXX, nº 739, p. 21). As descrições apresentadas na propaganda indicam para os papéis e funções sociais desenvolvidas por homens, mulheres e estudantes.

**PARA TÔDA A FAMÍLIA!**

**A REMINGTON PORTÁTIL**  
Agora em novo e luxuoso estôjo.

**Ideal para o chefe de família** Estou satisfeito porque pensei nisso! E eu também vou aproveitar a Remington Portátil... Vou usá-la em casa e nas minhas viagens de negócios! Realmente, esta é um presente útil para toda a família...

**Ideal para a dona de casa** Agora posso escrever minhas cartas à máquina! Isto será um novo encanto na obrigação da minha correspondência particular...

**Ideal para os estudantes** Acabaram-se as horas exaustivas da escrita à mão... E nossos deveres escolares terão melhor apresentação!

**À venda, com grandes facilidades, nas casas do ramo.**

É tão fácil... com a Remington Portátil!

**Remington Rand**  
Case Point  
R. de Quitanda, 44 - tel. 53-2033 - Rio de Janeiro - R. José Clemente, 38 - tel. 2-0895 - Vitória  
FILIAIS E AGÊNCIAS NAS PRINCIPAIS CIDADES DO PAÍS

21

Figura 38- Propaganda máquina de escrever.

Fonte: Revista do Globo Ano XXX, nº 739, 1959, p.21/ Acervo Hisales.

Com base nas informações das propagandas, percebe-se que havia a indicação para a utilização da máquina de escrever no contexto escolar pelos estudantes. Nos dados da pesquisa, verifiquei que as professoras também as utilizavam no desenvolvimento de suas atividades docentes, no caso na produção das folhinhas, como exemplificado no capítulo 2. É perceptível as influências sociais e culturais na constituição da cultura material escolar.

Logo, faz-se necessário pensar a máquina de escrever em termos de tecnologia da época, ou seja, em termos financeiros, a aquisição e manutenção do equipamento se encaixavam no padrão de todas as professoras gaúchas? Quais disponibilizavam do equipamento e dominavam a técnica para sua utilização? Quais seriam as vantagens de produzir a partir deste equipamento as folhinhas? E as desvantagens? Quais e como seriam os contextos escolares em que as professoras utilizavam este recurso? Datilografar individualmente, cada folhinha seria a melhor

opção na produção dos materiais para uma classe com muitos alunos? Talvez não, e isso se explicaria pelo dado coletado de apenas uma folhinha produzida diretamente por este meio. No entanto, a utilização do equipamento de produção, em conjunto com os outros (mimeógrafo e fotocopiadoras), que permitiam maior agilidade na reprodução demonstra que, sim, algumas professoras dominavam a técnica e disponibilizavam do equipamento.

Possivelmente, a utilização da máquina de escrever no contexto escolar estaria ligada às ideias de agilidade, padronização gráfica, rendimento na produção dos materiais e modernização material. Certamente, essa função atualmente, pode ser atribuída aos modernos e “conectados” computadores.

A cultura material escolar é caracterizada por um processo de transição e de coexistência do/no uso dos materiais, na medida que “novos” equipamentos vão sendo incorporados às produções escolares, nesta perspectiva, a produção das professoras revelam indícios destes processos, como se percebeu na produção das folhinhas.

Ao compreender os computadores como característicos instrumentos da era digital, que não foram pensados com exclusividade para o ambiente da escola, assim como outros, mas que adentraram, de forma irreversível, neste contexto e ocupam, associados a outros equipamentos tecnológicos e digitais um espaço cada vez maior no âmbito escolar, pode-se concluir que eles certamente propulsores de significativas mudanças no campo das práticas pedagógicas, da formação docente e das políticas públicas (Gaspar da Silva & Amante, 2015).

Segundo Gaspar da Silva & Amante (2015), os professores recebiam uma formação para trabalhar com as tecnologias em sala de aula. Esse movimento ocorreu na virada do século XIX para o século XX e garantia aos professores o domínio da tecnologia pois, os “habilitava a manejar os instrumentos tecnológicos que adentravam a escola como cinematógrafo, o mimeógrafo que são apenas alguns dos exemplos” (GASPAR DA SILVA; AMANTE, 2015, p. 3); no entanto, em alguns casos, a atual conjuntura se difere deste modelo mencionado pois,

O desenvolvimento cada vez mais agressivo da indústria faz alargar suas fronteiras. Muitos objetos hoje transitam com desenvoltura entre o espaço escolar, a casa e a cena pública. Não são mais tecnologias sobre as quais os professores têm maior domínio que os alunos, nem são mais objetos exclusivos da escola, ou desenhados para a escola; são objetos que,

surgindo fora da escola, são chamados, por seu imenso impacto, a penetrar nesse universo. Estes objetos vão estabelecer novas formas de relação e acesso aos conhecimentos e concorrem para alterar as relações sociais do ponto de vista cultural (mas não só), levando à redefinição dos papéis dos atores educativos. (GASPAR DA SILVA; AMANTE, 2015, p. 4)

Se o desenvolvimento industrial e digital contribuiu para inserção dos objetos tecnológicos no espaço escolar, e o computador se faz presente neste espaço, as questões são relativas a como os professores se adaptaram a este “objeto” e como o utilizam na produção de suas aulas e de seus materiais.

Ao realizar a análise dos dados, considerando os cadernos e as produções dos materiais, constatei que as professoras dominam e utilizam concomitantemente alguns meios de produção e dispõem igualmente de diferentes meios de reprodução, pois, em vários cadernos, percebi a coexistência das folhinhas produzidas com caneta, folhinhas mimeografadas, folhinhas fotocopiadas e folhinhas impressas.

Portanto, percebe-se que, de uma forma ou de outra, as professoras inseriram em suas práticas pedagógicas este objeto tecnológico (computador) que não anulou, até o momento, a presença de outros equipamentos. Houve a necessidade de aprendizagem de manejo desse objeto (como produzir um texto no computador para ser impresso e entregue aos alunos? Como inserir imagens e formas? Quais os programas adequados? Como organizar na tela diversas atividades que, quando impressas, atendam as expectativas?), entre outros aspectos.

Por fim, na pesquisa, percebi a utilização deste equipamento a partir da década de 1990 na produção das folhinhas, verifiquei a modificação nos processos de produção (produzidas nos computadores) e nos de reprodução dos materiais (impressoras) como por exemplo, na diversificação das fontes gráficas e nas cores das impressões. Um outro equipamento foi inserido na prática de produção de folhinhas.

### 3.3 Materiais e instrumentos de reprodução

Os dados revelam um material para reprodução, o “papel carbono” e três equipamentos que configuram os meios de reprodução: o mimeógrafo ou duplicador, as máquinas fotocopiadoras e as impressoras.

Ancorada nos dados coletados na Revista do Ensino e nos dados disponibilizados na Tese de doutoramento de PERES (2000), identifiquei como um dos primeiros meios utilizados pelo professorado gaúcho para reproduzir cópias, o “copiador econômico, “copiador a gelatina ou hectógrafo”.

Na Revista do Ensino (ano I, set./1951, p. 70), localizei a divulgação do *copiador econômico*, a lista dos materiais necessários para produção e a descrição de como confeccionar e utilizar o copiador para realizar as reproduções, como se observa na Figura 39.

## Intercâmbio

Esta coluna está à disposição de professores e alunos que desejarem estabelecer correspondência com seus colegas de outras Cidades e Estados. Quando desejarem fazê-lo, enderecem para:

**INTERCÂMBIO**  
REVISTA DO ENSINO, Rua dos Andradas, 1428  
Pôrto Alegre — Rio Grande do Sul.

As cartas solicitando correspondente devem trazer endereço completo e assinatura da professora da classe.

Exma. Sta. Diretora da "Revista do Ensino".  
Em minha classe, 3.º ano primário, estamos estudando principalmente a vida na campanha em nosso Estado, e, como tenho um aluno de Alegrete, é a essa cidade que me dirijo, por intermédio da Revista, a fim de conseguir um intercâmbio mais estreito e mais interessante, pedindo que me consigam notícias, fotografias, etc. sobre esse assunto.

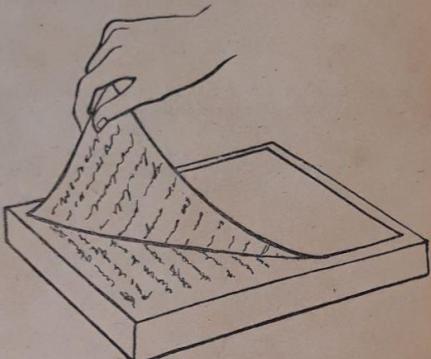
*Maria de Lourdes Moreira*

Escola Nacional, Rua 24 de Outubro, 722, P. Alegre

**RECEITA**

500 g de Glicerina	1 litro d'água
250 g de Gelatina	3 colherinhas de vinagre
700 g de açúcar	

Cortar a gelatina em pedaços e deixá-la amolecer dentro da glicerina misturada em 1/2 litro d'água. Deixar passar a noite. No dia seguinte, dissolver o açúcar em outro 1/2 litro d'água e misturar a gelatina anteriormente dissolvida. Levar ao fogo e mexer até ferver. Nessa ocasião misturar o vinagre. Após uma fervura



de meia hora, despejar em forma rasa e que tenha o tamanho das folhas de papel que vai usar. Deixar esfriar.

N. B. — Caso forme bôlhas por cima, devido as impurezas do açúcar, passa-se uma faca, levemente, para alisar. A superfície deve ficar bem lisa.

**MODO DE USAR**

Deve-se dar preferência a escrever o original em papel meio sedoso, para que não absorva muito a tinta. Esta deve ser "Tinta Hectográfica", Pelikan. Quando se quer fazer o original datilografado deve-se usar fita da qualidade da tinta indicada.

- Depois de escrito o original deve-se deixar secar bem a tinta, seja manuscrito ou datilografado.
- No momento de usar, passa-se um pano com água morna sobre a fôrma de gelatina e seca-se com um pedaço de jornal.
- Coloca-se o original sobre a gelatina e ajusta-se o papel com a mão, para que ligue todo.
- Deixa-se parar por um ou dois minutos.
- A seguir passa-se as folhas em branco e, com a mão, comprime-se cada uma, ajustando bem. Retira-se em seguida.
- Quando a tinta começa a enfraquecer passa-se um pano molhado para avivá-la. Igualmente se passa o pano molhado, quando o papel solta fêlhas.
- Quando se quer poucas cópias, escreve-se de leve para que a tinta não penetre tanto na massa.
- Quando não se precisar mais, lava-se a gelatina até retirar tôda a tinta e pode-se guardar a mesma gelatina até mais de um ano que ela servirá para outras provas. Neste caso deve-se ter o cuidado de guardá-la bem limpa.

Talvez nas primeiras vêzes a professora não obtenha muito bons resultados, mas não desanime. Temos visto as Irmãs usarem este sistema com os melhores resultados. E' questão somente de prática, e tudo irá bem.

**COPIADOR ECONÔMICO**

Muitas vêzes as professoras deixam de realizar certos trabalhos em sua aula por não poderem dispor de um mimeógrafo. Sabemo-lo por experiência.

Para sanar essa dificuldade podemos hoje transmitir às colegas uma fórmula "caseira" muito usada nos Estados-Unidos e cuja publicação devemos à gentileza das Irmãs Bernardinas de São Francisco, responsáveis pela Escola Brasileiro-Americana do Menino Deus.

E' a seguinte:

Figura 39 - Copiador econômico-Revista do Ensino ano I, set./1951, p.70.

Fonte: Acervo Hisales.

O texto da figura 38 faz referência a falta de material e de como esse fato interfere no trabalho de aula das professoras: "Muitas vezes as professoras deixam

de realizar certos trabalhos em sua aula por não dispor de um mimeógrafo. Sabemo-lo por experiência” (Revista do Ensino ano I, set./1951, p.70). E a estratégia para sanar essa dificuldade com apresentação de uma fórmula “caseira” utilizada nos Estados Unidos à base de glicerina, gelatina, açúcar, vinagre e água. Na produção do original, dar preferência a *papel meio sedoso, para que não absorva muita tinta*. Esta deve ser “Tinta Hectográfica Pelikan” para produção manuscrita e quando a produção do original for datilografada deve-se usar a fita da qualidade de tinta indicada. A obtenção de bons resultados está relacionada à prática.

Do conjunto das Revistas do Ensino verificadas na pesquisa, cinco apresentam a receita para produzir a massa para hectógrafo ou copiador econômico, são elas: RE ano I, nº 1 set. 1951, RE ano V, nº37, abr./1956, p. 29, RE ano VI, nº 42, mar. 1957, p.18, RE ano XII, nº 95 ago./ 1963, p.22 e RE ano XVII nº 124, 1969, p. 59. Pela divulgação, percebe-se que a forma artesanal de reprodução de materiais didáticos foi empregada pelas professoras gaúchas, visto que as mesmas utilizavam as revistas como subsídio na elaboração das ações e práticas docentes. Na imagem a seguir, a receita e o passo a passo para produzir o material.

## Hectógrafo ou Copiador a Gelatina

**Que é um hectógrafo?**

— É um copiador e multiplicador prático e econômico que nos permite realizar uma série de impressões, facilitando o trabalho de nossas aulas.

Para elaborar este copiador precisamos dos seguintes materiais:

**MODO DE FAZER:**

Cortar a gelatina e deixá-la de molho em meio litro de água. Depois de bem amolecida, juntar a glicerina. É conveniente deixar de molho durante a noite.

No dia seguinte, dissolver o açúcar em outro meio litro d'água e misturar a gelatina, adicionando em seguida o alúmen.

Levar ao fogo em banho-maria e mexer até ferver. Ao levantar ferver, misturar o vinagre.

Colocar a matriz sobre a gelatina e passar a mão para que adira bem.

**HECTOGRAFO...**

Depois de meia hora de ferver, retirá-la do fogo e despejá-la na forma prevista.

Depois de espaço de 3 a 4 minutos. Feito isto, retirar a matriz, ficando, assim, pronto o clichê para realizar-se as impressões. Estas deverão ser feitas nas folhas, uma de cada vez, cuidando-se para que as mesmas tenham perfeito contato com a superfície gelatinosa.

**COMO PREPARAR A MATRIZ:**

As matrizes usadas neste tipo de impressão são compostas de uma folha acetinada tamanho ofício e uma folha de carbono. O nome destas matrizes é “MATRIZES HECTOGRAFICAS” ou Matrizes para duplicador a álcool.

**COMO FAZER A IMPRESSÃO:**

Antes de usar a gelatina passar um pano umedecido em água morna para assegurar sua perfeita aderência.

Colocar a matriz sobre a gelatina e passar a mão para que adira bem.

**OBSERVAÇÕES:**

O número de cópias dependerá da maneira como for datilografada a matriz. Batidas fortes e uniformes (de preferência sem a fita da máquina) permitem maior aderência do carbono à matriz.

Dessejando-se utilizar o hectógrafo para reproduzir trabalhos diversos, limpar a superfície com uma flanela úmida e esperar que a tinta do trabalho anterior penetre na gelatina até desaparecer.

Trabalho elaborado pela professora ALTAGRACIA DE MAGALHAES, do SETOR DE CLUBES AGRICOLAS do DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO PRIMARIA, DIVISÃO DE ENSINO RURAL da SEC — RS. \*

**REFERENCIAS BIBLIOGRAFICAS**

1. BENEDEK, Theres — “El desarrollo de la personalidad.” In: ALEXANDER, Franz. *Psiquiatria dinámica*, 1.<sup>a</sup> ed., Buenos Aires, Paidós (1965) cap. 4, p. 71-112.
2. GAMEIRO, Maria da Penha — O problema da linguagem. *Infância*, Rio de Janeiro, 2(1):31-62, nov. 1962.
3. RAGAN, William B — “Comunicação — a linguagem.” In: —, *Curso primário moderno*. Trad. de Ruth Cabral. Rio de Janeiro, Glub (1961) cap. 4, p. 185-229. \*

Figura 40 - Receita de hectógrafo.

Fonte: Revista do Ensino, ano 17, nº 124, 1969, p.59 e 60 – Acervo Hisales.

Destaco, o relato da professora primária *D. Dilva* transcrito e problematizado na tese de Peres (2000, p. 273), no qual a professora relata uma das maneiras utilizadas para fazer a reprodução das provas e trabalhos para os alunos. A professora primária se referiu ao hectógrafo como “o precursor do mimeógrafo”, destacando que no início da carreira docente, as professoras assinavam a Revista do Ensino e nela foi apresentada “uma receita” que permitia às professoras realizar, por meio da reprodução artesanal (sem equipamento industrializado), cópias (limitadas) de atividades.

A professora descreve com clareza os detalhes e o processo de produção do hectógrafo, os materiais utilizados, a produção delicada e trabalhosa da matriz que não permitia erros, e a forma como se deveria reproduzir as cópias. Observa-se a minúcia do relato da professora no excerto a seguir:

[...] Era uma massa gelatinosa, dura e transparente, colocada sobre o fundo de uma forma de folha de flandres tamanho ofício. Comprava-se tinta hectográfica, pena hectográfica e papel hectográfico na livraria. Então, naquele papel gessado, branco e muito liso, escreviam-se os exercícios da prova. Textos, problemas, etc. Todo cuidado era pouco. Errou, azar! Tudo perdido. Não havia como apagar. Só recortando aquele pedacinho de palavra com gilete. E olhe lá! Se errasse, a tinta roxa e meio fluorescente se espalhava e inutilizava todo o resto. Mas se tivéssemos sorte e chegássemos ao fim da folha, o trabalho ficava ótimo. Pára aí! Ainda não terminou. O difícil era colocar parelhinha, sem enrugando, a folha escrita sobre a gelatina. Alisava-se bem fazendo uma leve pressão com a mão espalmada. Levantava-se a pontinha para espiar. Se as letras já tivessem passado para a massa, tirava-se rápida e cuidadosamente a matriz. Então era tirar as cópias (30, no máximo!), com muita delicadeza. Até aí, tudo bem? Não! O pior estava por vir: a limpeza!!! O trabalho precisava ser feito em casa com o auxílio da duchinha do chuveiro. Assim que as cópias fossem tiradas, a limpeza deveria ser feita em seguida. Água morna, corrente, passando rapidamente pela extensão da forma, sem parar com a mão num determinado ponto, do contrário ficava um buraco na hora. Se, por qualquer motivo, não fizéssemos a limpeza na hora, as letras iam entrando e ficavam perpetuadas como fósseis no interior da massa; e aí... só fazendo outra nova!” (Relato D. Dilva, 1997 apud PERES, 2000, p. 273-274).

A descrição completa da técnica de produção do material e da reprodução das cópias permite perceber aspectos sobre o cauteloso e minucioso trabalho que era exigido das professoras na reprodução das folhinhas como materiais didáticos. É preciso salientar que a professora iniciou o trabalho docente nos anos 1950 (Peres, 2000). Considerando a primeira década de trabalho da professora e os cadernos em que os dados foram coletados não identifiquei nenhuma folhinha referente a este período.

Descrito como multiplicador, o hectógrafo foi considerado como equipamento duplicador prático e econômico, pelo qual se podia realizar diversas cópias que facilitariam o trabalho das aulas, no entanto, é preciso ponderar sobre o trabalho realizado pelas professoras na produção deste material. Esse equipamento configura na conjuntura da pesquisa e na relação dos dados, possivelmente como um dos primeiros meios de reprodução utilizado pelo professorado gaúcho.

Ribeiro (2007), ao expor os aspectos da reprodução gráfica, salienta que cada processo técnico de reprodução tem limitações específicas e se deve pensar nelas ao escolher a técnica mais adequada em cada tipo de reprodução.

Sobre a reprodução dos materiais didáticos, o autor descreve a utilização de “equipamento duplicador”, que segundo o mesmo, “corresponde a qualquer dispositivo mecânico que possa fazer uma cópia exata de um original datilografado, manuscrito ou impresso” (RIBEIRO, 2007, p.144)

Com relação aos métodos, o autor classifica-os em “reprodução pelo processo de álcool, estêncil, offset e reprodução digital”, cada método selecionado para a reprodução tem relação direta com a finalidade do material, o número de cópias necessárias e a qualidade da reprodução, também apresenta uma distinção entre os processos mencionados e os equipamentos utilizados para a reprodução.

O autor caracteriza como equipamentos distintos os duplicadores a álcool e o mimeógrafo. Nas escolas, é comum a nomenclatura mimeógrafo para definir o que o autor explica como sendo os duplicadores a álcool, pode-se observar este fato pela descrição do funcionamento de cada um dos equipamentos, no caso do duplicador

[...] é baseado no princípio do decalque, em que a matriz recebe anilina de carbono hectográfico. O papel é umedecido pelo álcool, que em contato com a matriz, recebe a anilina nela depositada pelo carbono ou fitas hectográficas. As máquinas de reprodução a álcool são do tipo rotativas. A matriz é fixada a um cilindro de metal; girando-se o cilindro, a imagem é transferida ao papel o qual passa primeiro sob um feltro onde foi umedecido com uma solução alcóolica (RIBEIRO, 2007, p. 144).

Refere-se ao mimeógrafo como aparelho duplicador pelo processo de estêncil, que se baseia

[...] na passagem da tinta através de abertura feita em uma matriz ou papel especial, quando o papel-cópia é contrapressionado. O estêncil vem acompanhado de uma cartolina com perfuração, para fixação no cilindro da máquina. O papel é alimentado manual ou automaticamente, comprimido, entre o cilindro (onde está fixado o estêncil), e um rolo contrapressão recebe

a impressão da tinta através de minúsculas perfurações. (RIBEIRO, 2007, p. 144).

As descrições de Ribeiro (2007) sobre os meios de reprodução (duplicador e o mimeógrafo<sup>46</sup>) apontam para nomenclatura de dois equipamentos distintos, que operam com sistemas semelhantes de rotação, rolo e manivela, mas que se diferem na forma como são produzidas as bases, matriz por decalque ou estêncil. No entanto, nota-se que a denominação que se popularizou foi “mimeógrafo”, aspecto percebido no relato da prof<sup>a</sup> Dilva (Peres, 2000, p. 273-274), nos dados coletados quando caracterizam a “folha mimeografada” e na forma como se referem aos equipamentos professores e alunos até os dias de hoje.

As propagandas sobre os duplicadores, observadas nas Revistas do Ensino<sup>47</sup>, no período de 1961 a 1969, configuram indícios do aumento da produção e do comércio de materiais e equipamentos para utilização no espaço escolar, demonstrando um processo de modernização e, em contrapartida, a receita do hectógrafo ou copiador a gelatina representava a opção artesanal para as reproduções didáticas.

Entende-se que as duas formas de duplicação/reprodução foram coexistentes, como se observa na Figura 41, a propaganda publicada é apresentada em dois planos: o primeiro (acima) refere-se ao duplicador a álcool *Fichatriplice*, que enfatiza a facilidade de reprodução dos trabalhos para os alunos a partir do equipamento. No segundo (abaixo), o copiógrafo à gelatina, também comercializado pela Fichatriplice, marca para a simplicidade do sistema, rapidez de execução com as vantagens de: *pequeno custo, impressão em cadernos, sem destaque das folhas e cópias coloridas*.

---

<sup>46</sup> A popularização do mimeógrafo no Brasil pode estar, entre outros aspectos, relacionada ao movimento literário denominado Geração mimeógrafo ou poesia marginal, no qual os jovens poetas à época produziam seus poemas de forma livre e mais solta, à margem do sistema editorial brasileiro. Era uma forma de burlar a censura imposta pela ditadura militar e de baratear os custos de produção e divulgação dos poemas, por esta configuração o mimeógrafo se caracteriza como um equipamento de reprodução que marca a resistência às opressões impostas pela ditadura militar. Disponível em <http://www.candido.bpp.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=938>. Acesso em abril de 2019.

<sup>47</sup> As propagandas foram encontradas no seguintes exemplares da revista (RE, ano XI, nº 71, out. 1961; RE, ano XI, nº 81, nov. 1961; RE, ano XI, nº 82, abr. 1962; RE, ano XI, nº 85, jul. 1962; RE, ano XII, nº 91, abr. 1963; RE, ano XII, nº 92, mai. 1963; RE, ano XII, nº 95, ago. 1963; RE, ano XIII, nº 98, 1964; RE, ano XVI, nº 116, 1968 e RE, ano XVII, nº 124, 1969).

*Como é fácil a reprodução  
de trabalhos para  
nossos alunos com  
o equipamento  
Fichatriplice  
de duplicação*



## DUPLICADOR A ÁLCOOL

Utilizando a máquina de escrever ou uma esferográfica, escreve-se ou desenha-se, numa folha de papel especial, denominada "matriz", acompanhada do respectivo papel carbono hectográfico, o qual deverá ser retirado após a confecção da mesma, pois somente a matriz deve ser colocada no duplicador, que, com um rápido giro da manivela, passa a reproduzir cópias perfeitas e em cores simultâneas.

O papel carbono hectográfico é fornecido em várias cores.



## COPIÓGRAFO PARA GELATINA

Obedece ao processo acima, na preparação da "matriz" que, por decalque sobre a gelatina, transfere sua impressão e através desta, reproduz em outras folhas ou cadernos quantas cópias for necessário.

Um sistema simples e rápido de execução, com as seguintes vantagens: pequeno custo, impressão em cadernos, sem destaque das folhas e cópias coloridas.

Solicite maiores detalhes ou demonstração prática funcional a:

**SOCIEDADE CONTÁBIL  
FICHA TRIPLICE LTDA.**

S. PAULO - R. Senador Paulo Egidio, 72 - 3.º and.  
RIO - Av. Rio Branco, 9 - 3.º and. s/ 321  
P. ALEGRE - Av. Borges de Medeiros, 1224 - 13.º and.  
ou ao nosso Agente da **REVISTA DO ENSINO** na sua cidade

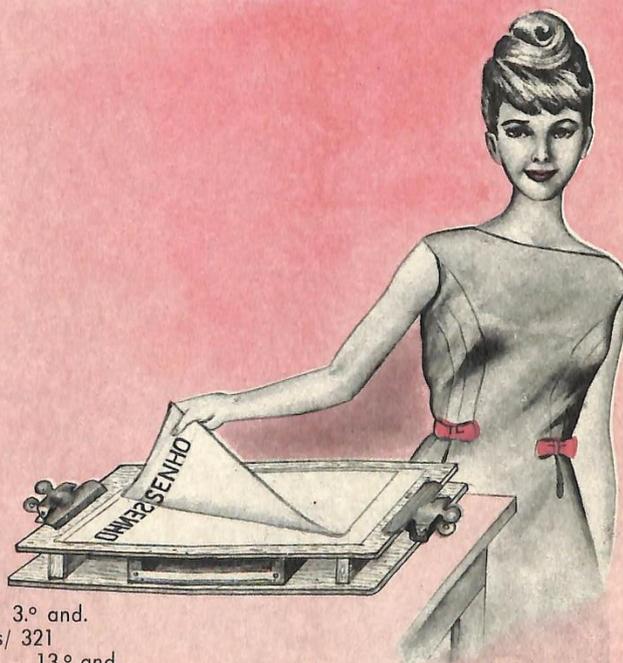


Figura 41 - Propaganda duplicador e copiógrafo Ficha Triplíce.

Fonte: Revista do Ensino, ano XVI, nº 116, 1968.

Na Figura 42, a seguir, destaca-se em primeiro plano, com escrita da professora no quadro-negro, que há maior aproveitamento no processo de aprendizagem dos alunos com o uso do duplicador: *“Os ensinamentos são mais assimilados pelos alunos... quando transmitidos através do novo duplicador Fide-Cópia Júnior”*.

Os ensinamentos são mais assimilados pelos alunos...

...quando transmitidos através do novo duplicador

## Fide-Cópia Junior

- \* O mestre prepara em sua casa a aula para o dia seguinte, diretamente na "Matriz Fide-Cópia", manuscrevendo ou desenhando, com a maior facilidade e utilizando várias cores. Fácil e rápido como escrever a lápis. Não necessita de utensílio especial.
- \* A "Matriz Fide-Cópia" é colocada no duplicador "Fide-Cópia Júnior", reproduzindo dezenas de cópias nítidas, secas, com as diversas cores impressas de uma só vez.
- \* Sem qualquer dificuldade, as cópias saem do "Fide-Cópia Júnior" ao simples girar da manivela: Uma cópia para cada aluno, da aula antecipadamente preparada. Os alunos demonstram maior interesse pela aula, pois as cópias são coloridas e bem impressas, podendo ser colecionadas.

Um produto da

### Remington Rand

RIO GRANDE DO SUL

Pôrto Alegre — Rua dos Andradas, 1.204/6 — Tel. 9-2590  
 Pelotas — Rua General Neto, 251-A — Tel. 2299  
 Caxias do Sul — Rua Pinheiro Machado, 2442 — Tel. 787  
 Santa Maria — Rua do Acampamento, 430 — Tel. 537

Figura 42 - Propaganda duplicador Fide-Cópia.

Fonte: Revista do Ensino, ano XII, nº 95, 1963.

Em segundo plano (Figura 42), apresenta as vantagens e facilidades da utilização do duplicador na preparação das aulas.

O mestre prepara em sua casa a aula para o dia seguinte, diretamente na 'Matriz Fide-Cópia', manuscrevendo ou desenhando, com maior facilidade e utilizando várias cores. Fácil e rápido como escrever a lápis. Não necessita de utensílio especial.

A 'Matriz Fide-Cópia' é colocada no duplicador 'Fide-Cópia Júnior', reproduzindo dezenas de cópias nítidas, secas, com as diversas cores impressas de uma só vez.

Sem qualquer dificuldade, as cópias saem do 'Fide-Cópias Júnior' ao simples girar da manivela: Uma cópia para cada aluno, da aula antecipadamente preparada. Os alunos demonstram maior interesse pela aula, pois as cópias são coloridas e bem impressas, podendo ser colecionadas (REVISTA DO ENSINO, ano XIII, nº 98, 1964, p.60).

Pela descrição na propaganda, percebe-se que este equipamento configurava a ideia de desenvolvimento de uma prática pedagógica que garantisse o aprendizado dos alunos num contexto simultâneo, porém, com materiais individuais para cada criança, despertando nos alunos interesse pela aula.

Assim, a Revista do Ensino e a Revista Globo contribuíram para a divulgação da cultura material escolar, divulgando técnicas, materiais e equipamentos que configuraram a prática docente das professoras no período analisado.

Outro aspecto, para o qual atento na propaganda, é a visualização da organização dos conteúdos das folhinhas apresentadas, pois é semelhante às reproduções observadas nos cadernos verificados: registro gráfico de textos e imagens, a divisão espacial da folha e a distribuição de distintas e inúmeras atividades, o desenho amplo ocupando quase que toda as dimensões da folha. Reflito, neste sentido, se há possibilidade dessas apresentações terem influenciado nas produções das professoras, ou se seriam estas uma das formas de potencializar o material disponível e produzido, dando maior funcionalidade e diversificação às atividades, ao planejamento e execução das aulas. Ainda, a partir das propagandas, é possível refletir sobre como as professoras primárias tinham acesso a estes materiais. Se eram fornecidos pelo Estado para as escolas ou se cada professora adquiria individualmente os materiais. A indicação de que *O mestre prepara em sua casa a aula para o dia seguinte*, descrita na propaganda, dá a entender que cada professor(a) disponibilizava do seu material em casa.

Todos os meios de reprodução descritos até o momento (copiador a gelatina ou hectógrafo, mimeógrafo e o duplicador) são invenções datadas do final do século

XIX e início do século XX<sup>48</sup>, o processo de evolução no setor industrial contribuiu para que os protótipos e ideias que se destacavam fossem aprimoradas com base nas produções anteriores, visam “imprimir” maior agilidade, rapidez ao processo de duplicação.

Entretanto, é necessário ter claro que a invenção destes equipamentos não tinha como finalidade primeira a utilização no espaço escolar. No entanto, foram, ao longo do tempo e conforme as necessidades, sendo inseridos a estes espaços, compondo, assim, a cultura material escolar. Estes equipamentos são de importante valor investigativo, principalmente, porque revelam aspectos das experiências e práticas de uso das professoras.

As duas últimas categorias das folhinhas que identifiquei na pesquisa – as folhinhas fotocopiadas e as impressas – são reproduzidas por outros equipamentos: as máquinas fotocopadoras<sup>49</sup> e as impressoras. Estes dois equipamentos, baseiam-se no processo físico eletrostático para realizar a duplicação dos materiais. As reproduções das folhinhas por meio destes equipamentos foram identificadas na pesquisa a partir da década de 1990.

Sabe-se da rapidez com que, atualmente, os equipamentos tecnológicos, principalmente computadores e impressoras, são substituídos por outros com maior tecnologia e eficácia, neste sentido identifiquei reproduções por diferente tipos de impressoras, dentre os quais destaco a *impressora matricial*<sup>50</sup>, que reconheci pelas particularidades relacionadas ao tamanho da folha e formato gráfico da letra impressa.

---

<sup>48</sup> Ver [http://www.officemuseum.com/copy\\_machines.htm](http://www.officemuseum.com/copy_machines.htm). Acesso em março de 2019.

<sup>49</sup> A produção do primeiro protótipo de uma máquina fotocopadora é atribuída ao norte-americano Chester Carlson no ano de 1938. Mas foi no final dos anos 1950 que a máquina passou a ser produzida em escala industrial. Disponível em <https://www.historiadetudo.com/impressora>. Acesso em março de 2019.

<sup>50</sup> As impressoras matriciais caracterizam-se como um dos primeiros modelos de impressoras que o mercado conheceu. Atualmente, está em desuso, frente aos surgimentos de tecnologias de impressão mais sofisticadas. No entanto, ainda é possível verificar sua utilização, principalmente em estabelecimentos comerciais, devido a sua durabilidade e aos baixos custos em relação aos suprimentos necessários para seu funcionamento. Embora tenham um baixo custo para seu funcionamento, aspectos como excesso de barulho, lentidão e a qualidade de impressão desfavoreçam a utilização. Disponível em <https://www.infowester.com/impressoras.php>. Acesso em março de 2019.

Outros modelos que possivelmente foram utilizados para a reprodução das folhinhas impressas são as impressoras jato de tinta<sup>51</sup> e as impressoras a laser<sup>52</sup>, modelos fabricados por diferentes marcas e disponíveis no mercado.

É necessário lembrar que a impressão de materiais se faz sempre de forma combinada com a utilização dos computadores. Estes permitem, por meio dos diversos processadores de texto, programas e funções, que modificações sejam realizadas nas produções, antes mesmos de se realizar a impressão da folha de base. Configuram um processo de produção, bem distinto do que era realizado, por exemplo, para os copiadores à gelatina e o mimeógrafo, nos quais devia-se tomar muito cuidado na produção para não haver erros, caso contrário, perdia-se a produção da folha base ou realizava-se pequenas correções.

Se historicamente os copiadores à gelatina, os mimeógrafos e as fotocopiadoras marcaram significativas transformações ao processo de duplicação, permitindo maior agilidade na reprodução, os computadores igualmente transformaram o processo de produção, talvez permitindo a este último maior agilidade e flexibilidade, expressando a analogia entre o artesanal e o digital na produção e reprodução das folhinhas.

Atualmente, é possível perceber que algumas escolas disponibilizam de equipamentos como máquinas fotocopiadoras e impressoras, fazem uso para cópias de ordem administrativa e pedagógica, sendo liberado às professoras apenas determinada cota (número de cópias) por mês ou trimestre. Este aspecto pode influenciar na organização do trabalho pedagógico da professora que pode, devido a limitação do acesso, adquirir seus próprios equipamentos de reprodução (impressoras).

---

<sup>51</sup> As impressoras a jato de tinta são as mais utilizadas no ambiente doméstico e também são muito comuns em escritórios, principalmente por sua capacidade de oferecer impressões de excelente qualidade e fidelidade de cores aliadas a um custo relativamente baixo. A impressão é feita por meio da emissão de centenas de gotículas de tinta emitidas a partir de minúsculas aberturas existentes na cabeça de impressão. Disponível em <https://www.infowester.com/impressoras.php>. Acesso em março de 2019.

<sup>52</sup> As impressoras a laser oferecem impressões de excelente qualidade e rapidez; seu funcionamento não produz muitos barulhos e possibilitam volumes altos de impressões associados a custos baixos. O funcionamento destas impressoras é semelhante ao das máquinas fotocopiadoras. Disponível em <https://www.infowester.com/impressoras.php>. Acesso em março de 2019.

Segundo Escolano Benito (2010) a:

La tecnología no es neutra y su incorporación a la práctica escolar comporta siempre valores añadidos a su materialidade física y funcional, definiendo al tiempo los modos pedagógicos de concebir la enseñanza. La inserción en las instituciones educativas de determinadas tecnologías externas, o la invención y conservación de las denominadas por estos mismos autores tecnologías vernáculas (las que construyen los actores de la vida escolar em la misma cotidianidad), comporta câmbios y continuidades en la cultura de la enseñanza y en los hábitos docentes que es necesario examinar para comprender adecuadamente la historia de las prácticas escolares (ESCOLANO BENITO, 2010, p.17).

Então, segundo Escolano Benito (2010), em relação a inserção das tecnologias na prática escolar, é importante considerar: a ausência de neutralidade neste processo, os valores da materialidade física e funcional destas tecnologias que, de certa forma, definem os tempos e modos pedagógicos de ensino. Assim, a inserção dos meios de produção e dos meios de reprodução na prática escolar representa estes aspectos, para além de modificar a materialidade física e funcional, indica outros tempos e modos pedagógicos expressos na produção das folhinhas, por exemplo.

O avanço tecnológico adentrou os espaços da escola, ocasionando modificações em muitos aspectos e, principalmente, na produção e reprodução dos materiais didáticos, configurando a transformação na forma de produzir e reproduzir os materiais, afinal, os meios também se transformaram. No entanto, a prática de produção das folhinhas permanece registrada nas folhas dos cadernos resistindo aos processos de inovação e se consolidando como prática escolar, a permanência das folhinhas expressa mudanças e continuidades do processo de ensino e dos hábitos docentes (Escolano Benito, 2010).

Visualizar e interpretar as características materiais das folhinhas, permitiu a descrição dos objetos utilizados na produção e na reprodução destes materiais. Do artesanal ao digital, os meios e modos de produzir e reproduzir os materiais didáticos se transformaram, retratam modificações e continuidades, indicam especificidades da cultura material da escola e revelam as estratégias de organização do trabalho das professoras, que estão intrinsecamente relacionadas com a cultura empírica da escola, pois se referem ao conjunto de ações que as professoras elaboraram/elaboram, adaptaram/adaptam para regular o ensino e a aprendizagem.

Neste sentido, segundo Escolano Benito (2017)

Fazer a genealogia dessas práticas, buscando explicar de onde procedem a autoridade e o prestígio da sabedoria empírica, que permanece viva nos sistemas culturais, resistindo ao desaparecimento, sob a pressão das estratégias de substituição, induzidas pelos processos de inovação (ESCOLANO BENITO, 2017, p. 116).

Compreender por meio da materialidade das folhinhas todos estes aspectos que as constituem, é trabalho primordial para que se entenda a presença, a produção, a reprodução e a utilização deste material no cenário escolar.

A produção e reprodução das folhinhas são indicadores dos “[...] objetos materiais, integrados nas estratégias empíricas do trabalho escolar de alunos e professores, são um reflexo funcional e simbólico das formas de entender e governar a prática” (ESCOLANO BENITO, 2017, p. 120). Logo, os objetos materiais (as folhinhas, os utensílios e os equipamentos) e as estratégias são soluções e adaptações das professoras, expressas na e pela forma de produzir e reproduzir os materiais, desde as ações artesanais às digitais.

Por fim, reafirmo que neste capítulo realizei a descrição dos meios de reprodução das folhinhas, desde os artesanais aos digitais, relacionando-os com a cultura empírica da escola e com a constituição da cultura material escolar.

## **AS ÚLTIMAS DOBRAS...**

Ao pensar nas últimas dobras desta pesquisa, relembro todo o processo realizado, principalmente relativo às ações metodológicas, das dúvidas e incertezas na escolha das fontes e objeto. No entanto, ao finalizar este processo, destaca-se a escolha realizada, tanto teórica e quanto metodológica e a importância de se investir e valorizar a produção escolar como objeto de análise em pesquisas nas áreas da educação e da cultura material escolar. Logo, fica a certeza de que outras folhinhas poderão ser produzidas, reproduzidas, coladas, desdobradas e interpretadas. Certamente, não é a finalização de um trabalho, mas o princípio para tantas outras proposições e possibilidades.

Destaca-se, neste sentido, algumas considerações que foram estruturadas a partir da realização da pesquisa, em relação ao acervo e as fontes documentais, à elaboração conceitual das folhinhas, à verificação de utensílios e equipamentos que, entre outros aspectos e fatores, constituem a cultura material escolar e a cultura empírica da escola que revelam algumas ações características do trabalho docente.

Sobre o conjunto de fontes documentais utilizados na elaboração do banco de dados e concomitante da pesquisa é necessário ressaltar a importância da organização e manutenção de acervos que contemplem estes materiais. Neste caso, as fontes documentais estão salvaguardadas no acervo do grupo de pesquisa e centro de memória História da Alfabetização, Leitura, Escrita e dos Livros escolares (Hisales). As ações de guarda, organização e disponibilização destes materiais é fundamental para a realização de pesquisas nas mais diversas áreas, pois preservam a memória, a história e materialidade da escola e contribuem significativamente com os estudos na perspectiva da cultura material da escola.

Este conjunto de fontes documentais se refere aos 419 cadernos que foram verificados um por um, e que compreendem o período da década de 1960 até os anos 2008. Descrever e categorizar as folhinhas exigiu uma análise minuciosa a partir dos indícios e das características materiais, assim as 14.383 folhinhas localizadas foram organizadas em seis categorias a partir dos meios de produção (as canetas, lápis, máquina de escrever e computadores) e dos meios de reprodução (o papel carbono, o mimeógrafo, as máquinas fotocopadoras e as impressoras) os quais coexistem e não foram totalmente substituídos pelas inovações posteriores.

A partir da identificação dos meios de produção e dos meios de reprodução das folhinhas elaborei e estruturei as seis categorias, quais sejam: as folhinhas produzidas à caneta e lápis, folhinhas mimeografadas, as folhinhas reproduzidas com papel carbono, as folhinhas datilografadas, as folhinhas fotocopiadas e as folhinhas impressas. Estas categorias foram organizadas a partir dos dados e de acordo com a temporalidade em que foram aparecendo, de modo que expressam a genealogia destes materiais didáticos, ou seja, representam a linha temporal de sucessão e coexistência dos meios de produções e dos meios de reprodução.

Com relação a elaboração do conceito de folhinhas entendendo-as como: materiais didáticos elaborados previamente pelas professoras para serem completadas e trabalhadas em aula, as quais revelam uma diversidade instrumental dos meios de produção e dos meios de reprodução, dos usos, das atividades, dos registros (escritos e imagéticos). Configuram-se como dispositivo escritural característico do espaço da escola e constitutivo da cultura material escolar, produzido e forjado no conjunto das/nas relações entre as professoras e alunos. Ou seja, se caracterizam como suporte de escrita, dispositivo de controle, material organizador da aula e que, quando pensados na relação com os cadernos, constituem a dinâmica da sala de aula e que assumem certas semelhanças quanto a suporte e dispositivo.

Considera-se, também, que uma das contribuições da pesquisa está relacionada à forma como as folhinhas e cadernos foram abordados, como fonte e objeto, devido à imbricada relação que se estabelece pela superposição das folhinhas aos cadernos, pois no princípio de produção são materialmente separados, e que após a colagem, sobrepostos um ao outro, vão compor o artefato que comprova o trabalho realizado em aula. Desta forma, na dinâmica de produção dos cadernos como manifestação da cultura da escola, as práticas vão se organizando cotidianamente de forma a constituírem determinada narrativa, nas quais diversos elementos e ações são interligados.

Assim, se estruturou a compreensão mais ampla do fenômeno das folhinhas, entendendo-as para além de material didático, como dispositivo escritural produzido pelas professoras que revelam aspectos da cultura empírica e da cultura material escolar, conforme referencial teórico utilizado.

A partir das fontes, dos objetos e dos dados analisados, verifiquei que, no acervo pesquisado, o fenômeno das folhinhas se constituiu no final da década de 1960, especificamente no ano de 1968 (C1-1968), ano no qual observei as primeiras folhinhas fixadas nas páginas dos cadernos. As primeiras folhinhas identificadas pertencem a categoria das folhinhas produzidas à caneta e a lápis representam (3,24%) do total das folhinhas. Em seguida, as folhinhas mimeografadas (68,26%), as produzidas com carbono (0,15%), as datilografadas (0,006%), as fotocopiadas (16,04%) e as impressas (12,27%).

Cabe salientar que a genealogia que se estruturou considerou o desenvolvimento tanto dos meios de produção quanto dos meios de reprodução e que estes não foram substituídos pelas inovações de cada momento histórico, de modo que comprovei, a partir da análise e cruzamentos dos dados a coexistências do fenômeno das folhinhas, ao longo das décadas analisadas e, também, dos meios de produção e dos meios de reprodução.

Destaca-se a coexistência das folhinhas, principalmente das produções à caneta e lápis e das folhinhas reproduzidas pelo mimeógrafo ou duplicador, que aparecem desde a primeira década da pesquisa, no caderno (C1-1968) até o último caderno verificado (C9-2008). A partir dessa constatação, afirma-se que as folhinhas, como prática docente, expressam a consolidação de determinada cultura da experiência do trabalho das professoras e que os meios de produção e reprodução caracterizam a cultura material da escola do período analisado.

Neste sentido, foi possível compreender que o cenário escolar se constitui, não de forma fixa, mas variável por inúmeras modificações que podem ser expressas por diversos utensílios e objetos nele utilizado. A utilização das folhinhas foi uma forma possível de observar as permanências e as transformações destes cenários, pois alteraram-se os meios de produção e os meios de reprodução, mas a utilização do material didático conservou-se neste espaço perpassando décadas. Logo, revelam aspectos da cultura empírica da escola expressos pelo conjunto de ações que controlavam as produções, o ensino e a aprendizagem.

Também pela análise dos dados, comprova-se a valorização do primoroso e inventivo trabalho realizado pelas professoras, das técnicas ministradas e adaptadas por elas na produção e reprodução das folhinhas, portanto, como produtoras tanto da cultura empírica como da cultura material da escola, afinal, são diferentes gerações

que produziram as adaptações e a coexistência de determinado material, neste caso, as folhinhas.

Enfim, a última dobra e afirma-se que a pesquisa também contribuiu para a compreensão mais ampla do fenômeno das folhinhas, entendendo-as para além de material didático, como dispositivo escritural produzido pelas professoras. A produção e a reprodução das folhinhas revelam a criatividade, as estratégias, as adaptações que as professoras executavam para produzir o material. São aspectos da cultura empírica da escola expressos pelo conjunto de ações que controlavam as produções, o ensino e a aprendizagem, como por exemplo: a utilização de diversos tipos de papel, inclusive de reaproveitamento, a forma de organização do material, a exigência de colagem, a variação dos meios de produção e reprodução em uma mesma folhinha, entre outras.

## REFERÊNCIAS

ARRIADA, Eduardo. Livrarias e editoras no Rio Grande do Sul: o campo editorial do livro didático. In: **Reunião anual da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPED)**, 35., 2012, Porto de Galinhas, Pernambuco. Disponível em [http://35reuniao.anped.org.br/images/stories/trabalhos/GT02%20Trabalhos/GT02-1745\\_int.pdf](http://35reuniao.anped.org.br/images/stories/trabalhos/GT02%20Trabalhos/GT02-1745_int.pdf). Acesso em fevereiro de 2019.

BACELLAR, Carlos. Uso e mau uso dos arquivos. In: **Fontes Históricas**. Pinsky, Carla Bassanezi (organizadora). 3. Ed. São Paulo: Contexto, 2011.  
BARBOSA, Andréa da Silva. et al. A participação de mulheres na revista do globo: porto alegre (1929-1939). **Biblos**, Rio Grande, 23 (2): 33-41, 2009.

BARRA, Valdeniza Maria da. **Da pedra ao pó: o itinerário da lousa na escola paulista do século XIX**. Dissertação (Mestrado em Educação: História e Filosofia da Educação) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2001.

BASTOS, Maria Helena C. **A Revista do Ensino do Rio Grande do Sul (1939-1942): o novo e o nacional em revista**. Pelotas: Seiva, 2005.

BASTOS, Maria Helena Camara. LEMOS, Elizandra Ambrosio. BUSNELLO, Fernanda. A pedagogia da ilustração: uma face do impresso. In: BENCOSTA, Marcus Levy Albino. **Culturas escolares, saberes e práticas educativas: itinerários históricos**. (Org.). São Paulo: Cortez, 2007.

BECALLI, Fernanda Zanetti. **Nos cadernos escolares de um passado recente: uma história do ensino da leitura no estado do Espírito Santo (2001 a 2008)**. 2013. 282 f. Tese (Doutorado em Educação) Programa de Pós-Graduação do Centro de Educação da Universidade Federal do Espírito Santo. Universidade Federal do Espírito Santo. 2013.

BECALLI, Fernanda Zanetti; SCHWARTZ, Cleonara, Maria. A hora e a vez dos cadernos escolares como fontes históricas de pesquisa sobre práticas alfabetizadoras. **Revista Linhas**. Florianópolis, v. 18, n. 38, p.183- 213, set./dez. 2017.

BRANDÃO, Maria Aparecida de Oliveira. **Educação e cultura visual: apropriações da publicidade e das logomarcas no caderno escolar e o imaginário estudantil**. 2010. 127 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2010.

CASTRO, C. A. ; VIDAL, D. G. ; PERES, E. ; SOUZA, G. ; SILVA, V. L. G. ; Cultura material escolar : fontes para a história da escola e da escolarização elementar (MA, SP, PR, SC e RS, 1870-1925. In: SOUZA, Rosa Fátima de et. Al (org.) **Por uma teoria e uma história da escola primária no Brasil. Investigações comparadas sobre a escola graduada (1870-1930)**. 1ed. Cuiabá, MT: EduFMAT, 2013, v.1.p.273-315.

CERTEAU, Michael de. **A escrita da história**. Tradução Maria de Lourdes Menezes. 2ed. – Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.

CHARTIER, Anne-Marie. Um dispositivo sem autor: cadernos e fichários na escola primária. **Revista Brasileira de História da Educação**. Campinas, n. 3, p. 9-26, jan./jun. 2002.

CHARTIER, Roger. **A mão do autor e a mentalidade do editor**. Unesp: SP, 2014.

CORDOVA, Tania. Redações, cartas e composições livres: o caderno escolar como objeto da cultura material da escola (Lages/SC - 1935). **Revista História da Educação [online]**. Porto Alegre/RS, v. 20, n. 49, p. 209-226, maio/ago., 2016.

CUSATI, Iracema Campos. SANTOS, Mário Ribeiro dos. ÁVILA, Virgínea Pereira da Silva de. Escritas que cruzam o tempo: dos diários de classe aos cadernos de anotações da Professora Maria Franca Pires (Juazeiro, 1957-1985). **Revista Brasileira de História da Educação**. Maringá-PR, v. 17, n. 4 (47), p. 256-289, Out./Dez., 2017.

ESCOLANO BENITO, Augustin. **A escola como cultura: experiência, memória e arqueologia**. Tradução e revisão técnica Heloísa Helena Pimenta Rocha, Vera Lucia Gaspar da Silva. Campinas, SP: Editora Alínea, 2017.

ESCOLANO BENITO, Augustin. Patrimonio material de la escuela e historia cultural. **Revista Linhas**, v.11, n.2, 2010. p. 13-28.

FARIA, Vitória Líbia Barreto de. **No caderno da criança, o retrato da escola**. 1988. 258 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1988. Disponível em <<http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/handle/1843/FAEC-87HGKA> > Acesso em 25 de jan. 2018.

FELGUEIRAS, Margarida Louro. Materialidade da cultura escolar: A importância da museologia na conservação/comunicação da herança educativa. In: **Pro-Posições**, v. 16, n. 1 (46) - jan./abr. 2005, p. 87-102.

FELGUEIRAS, Margarida Louro. Para uma fundamentação da cultura material das práticas educativas. In: FIGUEREDO DE SÁ, Elisabeth. SIMÕES, Regina Helena Silva e. GONÇALVES NETO, Wenceslau. **Coleção Horizontes, v. 12. Circuitos e Fronteiras História da Educação**, EDUFES, 2015.

FISCARELLI, Rosilene Batista de Oliveira. Material didático e prática docente. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, v. 2, n. 1, 2007. Disponível em <https://periodicos.fclar.unesp.br/iberoamericana/article/view/454> . Acesso em fevereiro de 2019.

FONSECA, Luiza Larossa; PERES, Eliane. Infância, Alfabetização e Escrita: Levantamento de Frases Escritas pelas Crianças em: Cadernos de Alfabetização. In: **Educação Infantil em Debate: infâncias, educação e contemporaneidade**, 2013, Rio Grande. Educação Infantil em Debate: infâncias, educação e contemporaneidade. Rio Grande, RS: FURG/NEPE, 2013, v. 1. p. 1-12.

FRADE, Isabel Cristina Alves da Silva. Suportes, instrumentos e textos de alunos e professores em minas gerais: indicações sobre usos da cultura escrita nas escolas no final do século XIX e início do século XX. História da Educação, **Associação Sul-Rio-Grandense de Pesquisadores em História da Educação (ASPHE)**. FaE/UFPel, Pelotas, v. 13, n. 29 p. 29-55, Set/Dez 2009.

GASPAR da SILVA, V. L. PETRY, M. G. (Org.). **Objetos da Escola: espaços e lugares de constituição de uma cultura material escolar (Santa Catarina – séculos XIX e XX.)** Florianópolis: Insular, 2012.

GASPAR DA SILVA, Vera Lucia. MENDES, Geovana Mendonça Lunardi. Os objetos nos dizem o que a escola faz? Entre tablets, computadores e laptops. In: CATANI, Denice Barbara. GATTI JÚNIOR, Décio. **O que a escola faz? Elementos para a compreensão da vida escolar.** (Org.). Uberlândia: EDUFU, 2015.

GASPAR DA SILVA, Vera. Lucia., & Amante, Lúcia. (2015). Objetos da escola? Quando novos personagens entram em cena. **Arquivos Analíticos de Políticas Educativas**, v. 23, n. 52, 2015.

GONÇALVES, Irlen Antônio. FARIA FILHO, Luciano Mendes de. História das culturas e das práticas escolares: perspectivas e desafios teórico-metodológicos. In: SOUZA, Rosa Fátima. VALDEMARIN, Vera Teresa. (Org.) **A cultura escolar em debate: questões conceituais, metodológicas e desafios para a pesquisa.** Campinas, SP: Autores Associados, 2005.

GVIRTZ, Silvina. **El discurso escolar a través de los cuadernos de clase.** Argentina (1930 – 1970). Buenos Aires: Eudeba, 1999.

GVIRTZ, Silvina; LARRONDO, Marina. Os cadernos de classe como fonte primária de pesquisa: alcances e limites teóricos e metodológicos para sua abordagem. In MIGNOT, Ana Chrystina V. (Org.) **Cadernos à vista: Escola, memória e cultura escrita.** Rio de Janeiro: edUERJ, 2008.

HÉBRARD, Jean. Por uma bibliografia material das escritas ordinárias: o espaço gráfico do caderno escolar (França – séculos XIX-XX). In: **Revista Brasileira de História da Educação.** Campinas, n. 1, p. 115-141, jan./jun. 2001.

HERREIRA, Tatiara T. C.; RAMIL, Chris de Azevedo. O uso da coleção de livros didáticos 'Estrada Iluminada': levantamento das personagens em cadernos de alunos (Rio Grande do Sul, 1940-1980). In: **22º Encontro da Associação Sul-Rio-Grandense de Pesquisadores em História da Educação (ASPHE)**, 2016, Bagé/RS. v.1, p. 1205-1222.

JACQUES, Alice Rigoni. **As marcas de correção em cadernos escolares do curso primário do Colégio Farroupilha/RS 1948/1958.** 2011. 199 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.

JACQUES, Alice Rogoni. Entre lápis, cadernos e memórias: o memorial do Deutscher Hilfsverein ao Colégio Farroupilha. **Revista História da Educação** [online]. Porto Alegre/RS, v. 19, n. 47, p. 323-326, set./dez., 2015.

JULIA, Dominique. A cultura escolar como objeto histórico. **Revista Brasileira de História da Educação** n°1 jan./jun. 2001.

LAWN, Martin. Uma pedagogia para o público: o lugar de objetos, observação, produção mecânica e armários-museus. **Revista Linhas**, Florianópolis, v. 14, n. 26, jan./jun. 2013. p. 222 – 243.

LAPUENTE, Janaína Soares Martins. **O “Método da Abelhinha” em Pelotas: contribuições à História da Alfabetização (1965-2007)**. 2008. 133 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação/FaE, Universidade Federal de Pelotas/UFPel, Pelotas, 2008.

\_\_\_\_\_. Janaína Soares Martins. Cadernos de aula: o “método da abelhinha” nas linhas e entrelinhas da história da alfabetização em Pelotas/RS. In: **Anais Reunião científica regional da ANPED** (ANPED-SUL), 7., Itajaí, 2008. p. 1-15.

LIMA, Gisele Ramos. **Uma análise dos exercícios com sílabas em Diários de Classe de professoras alfabetizadoras (1973 – 2010)**. 2013. 111 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação/FaE, Universidade Federal de Pelotas/UFPel, Pelotas, 2013.

LOPES, Eliane Marta Teixeira; GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. **Território Plural: A pesquisa em história da educação**. São Paulo: Ática, 2010. 111 p.

LOPES, Isa Cristina da Rocha. **Memória e discurso em marcas de correção: um estudo de cadernos escolares**. 2006. 170 f. Dissertação (Mestrado em Memória Social) Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.

MANSKE, Lisiane Sias; PERES, Eliane. Os cadernos comprovantes como dispositivo de controle do trabalho docente: uma contribuição à história da profissão docente. **Cadernos de História da Educação**, v. 1, n.7, p. 105-115, 2008.

MARTÍN LÓPEZ, Ramón. El utillaje escolar em la segunda mitad del siglo xx. IN: ESCOLANO BENITO, Augustin. **Historia ilustrada de la escuela en españa – dos siglos de perspectiva histórica**. Fundación Germán Sánchez Ruipérez. MADRID,

2006, p.425-448.

MEDA, JURI. A “história material da escola” como fator de desenvolvimento da pesquisa histórico-educativa na Itália. **Revista Linhas**. Florianópolis, v. 16, n. 30, p. 07 – 28, jan./abr. 2015.

MEDA, Juri. MOONTINO, David. SANI, Roberto. **School exercise books – A complex source for a history of the approach to schooling and education in the 19th and 20th centuries**. Florence: University of Macerata; National Agency for the development of School Autonomy; Edizioni Polistampa, v.1, v.2, 2010.

MIGNOT, Ana Chrystina V. (Org.) **Cadernos à vista: Escola, memória e cultura escrita**. Rio de Janeiro: edUERJ, 2008.

\_\_\_\_\_. Um objeto quase invisível. In: MIGNOT, Ana Chrystina Venâncio. **Cadernos a vista: Escola, Memória e Cultura escrita**. Rio de Janeiro: edUERJ, 2008.

\_\_\_\_\_. Marcas da infância em cadernos escolares de crianças em processo de alfabetização. In: Mignot, Ana Chrystina Venancio. (Org.). **Não me esqueça num canto qualquer**. 1ed. Rio de Janeiro: Laboratório Educação e Imagem, 2008, v. 1, p. 1-12.

MIGNOT, Ana Chrystina Venancio. VEIGA, Roberta Lopes da. Um Rio para estudante ver: engenhosidades na produção de cadernos escolares. **Revista História da Educação [online]**. ASPHE/FaE/UFPel, Pelotas, v. 12, n. 24, p. 225-247, Jan/Abr 2008.

MONKS, Joseane Cruz. No girar da manivela: a produção e materialidades das folhinhas mimeografadas. In: SANTOS, Amanda Basílio. MACHADO, Juliana Porto. (Org). **Livro Eletrônico: Cultura Multifacetada**. 1ed. Jaguarão: CLAEAC, 2018.

MONKS, Joseane Cruz. No acervo de cadernos escolares: as folhinhas como cultura material escolar. In **3º Semana Integrada UFPEL – XIX Encontro de Pós-Graduação**, 2017. Disponível em: [http://cti.ufpel.edu.br/siepe/arquivos/2017/CH\\_01142.pdf](http://cti.ufpel.edu.br/siepe/arquivos/2017/CH_01142.pdf). Acesso em abril de 2019.

MONKS, Joseane Cruz. A produção e reprodução de folhinhas como recursos didáticos nas décadas 1960-1970. **Anais 24º Encontro da Associação Sul-Rio-Grandense de Pesquisadores em História da Educação (ASPHE)**. Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS) – São Leopoldo/RS, 2018. p. 196-210.

MONTEIRO, Carolina. **Ditado: concepções, orientações e práticas de um dispositivo escolar (1939 - 1971)**. 2016. 206 f. Tese (doutorado) Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2016.

NEUBERT, Caroline Guião Coelho. **Os sentidos atribuídos pelas crianças aos seus cadernos escolares**. 2013. 155 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Centro de Ciências da Educação – Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2013.

NOGUEIRA, Gabriela Medeiros, PERES, Eliane. Problematizações acerca do uso do alfabeto e do caderno no cotidiano de uma turma de Educação infantil, In: **Congresso Brasileiro de Alfabetização (CONBALF); Seminário Internacional sobre História do Ensino de Leitura e Escrita (SIHELE)**, Anais. Belo Horizonte: ABALF/UNESP-UFMG, 2013. v.1, p. 1-15.

NOGUEZ; Fernanda Vieira. PERES, Eliane. A permanência dos 'pseudotextos' em cadernos escolares de crianças em fase de alfabetização. **Anais do 21º Congresso de Iniciação Científica**. Pelotas: UFPel, 2012.

PERES, Eliane. **Aprendendo formas de pensar, se sentir e de agir: discursos pedagógicos e práticas escolares na escola pública**. Belo Horizonte: UFMG, 2000. 506f. Tese (doutorado em Educação). Universidade Federal de Minas Gerais.

PERES, Eliane. Um estudo da história da alfabetização através de cadernos escolares (1943-2010). **Cadernos de História da Educação**, EDUFU. Uberlândia. v. 11, n. 1, p.93-106, 2012.

PERES, Eliane. Um estudo da história da alfabetização através dos cadernos escolares (1958-2009). In: **Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino (ENDIPE)**, Anais. Belo Horizonte, UFMG, 2010. p. 1-15.

PERES, Elaine. Cadernos escolares como fonte e objeto da História da Educação. In: RIOS, Diogo Franco. et al (Org.) **Cadernos escolares e a escrita da história da educação matemática**. São Paulo: Editora Livraria da Física.

PERES, E., Vahl, M. M., & Thies, V. G. (2016). Aspectos editoriais da cartilha “Caminho Suave” e a participação da Editora Caminho Suave Limitada em programas federais do livro didático. **Revista Brasileira de História da Educação**, v. 16, n.40, p. 335-372.

PERES, Eliane. RAMIL, Chris de Azevedo. Os usos da cartilha caminho suave em escolas gaúchas: um estudo em cadernos de alunos em fase de alfabetização. In **Revista Brasileira de Alfabetização - ABAIf**. Vitória - ES v. 1, n. 7, p. 103-131. jan./jun. 2018.

\_\_\_\_\_. Eliane. RAMIL, Chris de Azevedo. Cartilhas produzidas por autoras gaúchas: um estudo sobre a circulação e o uso em escolas do Rio Grande do Sul (1940-1980). In: **Revista Brasileira de Alfabetização - ABAIf** . Vitória, ES. v. 1. n. 1 p. 177-203 jan./jun. 2015.

\_\_\_\_\_. Eliane; RAMIL, Chris de Azevedo. Alfabetização pela imagem: uma análise iconográfica da cartilha Caminho Suave e do material de apoio. **Cadernos de Pesquisa em Educação** - PPGE/UFES- Vitória, ES. a. 12, v. 19, n. 41, p. 53-79, jan./jun. 2015.

\_\_\_\_\_. Eliane; RAMIL, Chris de Azevedo. Constituição dos Acervos do Grupo de Pesquisa História da Alfabetização, Leitura, Escrita e dos Livros Escolares e sua Contribuição para as Investigações em Educação. **Revista História da Educação**, vol. 19, n. 47, p. 297-311, 2015.

PERES, Eliane T.; NOGUEIRA, Gabriela Medeiros. Registros marginais: escritas de crianças em cadernos escolares de pré-escola e 1º ano (1930-2010). In: **II Simpósio Luso-Brasileiro em Estudos da Criança**, 2014, Porto Alegre. II Simpósio Luso-Brasileiro em Estudos da Criança. Porto Alegre: UFRGS, 2014. v. 1. p. 1-14.

PERES, Eliane; DIETRICH, Mara Denise Neitzke e BARUM, Sylvia Tavares. Lindo! Expressões e frases de “incentivo” feitas por professoras-alfabetizadoras em cadernos escolares (anos de 1940-2000). **Congresso Brasileiro de História da Educação** - CBHE, Vitória/ES, 2011.

PERES. Eliane e BARUM, Sylvia Tavares. O ditado escolar sob o enfoque histórico: um estudo a partir de cadernos de crianças em processo de alfabetização (1943-2007). In: Anais da **14ª Encontro da Associação Sul-Rio-Grandense de Pesquisadores em História da Educação (ASPHE)**, Pelotas/RS, 2008.

\_\_\_\_\_. O ditado escolar sob o enfoque histórico: um estudo a partir de cadernos de crianças em processo de alfabetização. In: **Anais do IX Congresso Iberoamericano de História da Educação Latino Americana**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2009. v. 1. p. 1-8.

PESAVENTO, Sandra Jatthy. **Exposições Universais: Espetáculos da modernidade do século XIX**. São Paulo: Editora Hucitec, 1997.

PESSANHA, Eurize; ARAÚJO, Carla. Duas práticas pedagógicas na formação de professores brasileiros na década de 1930: livros e cadernos. **Revista História da Educação**, v. 13, n. 27, 2009.

PORTO, Gilceane Caetano. **Divulgação e Utilização do Método Global de Contos no Instituto de Educação Assis Brasil (Pelotas, 1940-1970)**. 2005. 150 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação/FaE, Universidade Federal de Pelotas/UFPel, Pelotas, 2005.

PORTO, Gilceane Caetano.; PERES, Eliane. Concepções e práticas de alfabetização vistas através de cadernos escolares. **Cadernos de Educação**, Pelotas, v. 1, n. 40, p. 56-78, 2011.

\_\_\_\_\_. Gilceane Caetano.; PERES, Eliane. Concepções e práticas de alfabetização: o que revelam cadernos escolares de crianças?. In **32ª Reunião da ANPED**, 2009. Disponível em < <http://32reuniao.anped.org.br/arquivos/trabalhos/GT10-5894--Int.pdf> > Acesso 26 de jan. 2018.

QUADROS, Claudemir de. **Reforma, ciência e profissionalização da educação: o centro de pesquisas e orientação educacionais do Rio Grande do Sul**. Tese de doutoramento. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Faculdade de Educação. Programa de pós-graduação em educação, 2006. 429 f.

RAMIL, Chris de Azevedo. As mulheres professoras e autoras de livros didáticos produzidos no Rio Grande do Sul (1940-1980). In: **XIX ENPÓS - Encontro de Pós-Graduação da UFPel (III SIEPE)**, 2017, Pelotas/RS. Anais do XIX ENPÓS - Encontro de Pós-Graduação da UFPel. Pelotas/RS: UFPel, 2017. p. 01-04.

REIS, Diogo Alves de Faria. Et al. O caderno de uma professora-aluna e as propostas para o ensino da aritmética na escola ativa (Minas Gerais, década de 1930) – **Revista História da Educação [online]**. Porto Alegre v. 18 n. 42 Jan./abr. p. 9-35. 2014.

RIBEIRO, Milton. **Planejamento Visual Gráfico**. 10 ed. rev e atualizada. Brasília: LGE Editora, 2007.

RIOS, Diogo Franco. et al (Org.) **Cadernos escolares e a escrita da história da educação matemática**. São Paulo: Editora Livraria da Física, 2017.

SANTANA, Josineide Siqueira de. **Entre bordados, cadernos e orações: a educação de meninas e as práticas educativas no orfanato são Cristovão e na escola Imaculada Conceição (1922-1969)**. Dissertação – Universidade Federal de Sergipe, 2011.

SANTOS, Ademir Valdir dos. Escritos sob os regimes políticos de Vargas e Mussolini: para uma “fascistização” da infância? **Revista Brasileira de História da Educação**. Maringá-PR, v. 14, n. 1 (34), p. 165-193, jan./abr. 2014.

SANTOS, Anabela Almeida Costa. **Cadernos e outros registros escolares na primeira etapa do ensino fundamental: um olhar da psicologia crítica**. Tese (Doutorado em Psicologia) – Instituto de Psicologia - Universidade de São Paulo. São Paulo, 2008.

\_\_\_\_\_. Anabela Almeida Costa. **Cadernos escolares na primeira série do ensino fundamental: funções e significados**. 2002. 219 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Instituto de Psicologia - Universidade de São Paulo. São Paulo, 2002.

SANTOS, Vera Mendes. **O nascimento dos cadernos escolares: um dispositivo de muitas faces**. 2008. Dissertação. (Mestrado em Educação e Cultura). Universidade do Estado de Santa Catarina. 2008. 134 f. Disponível em < <http://www.tede.udesc.br/bitstream/handle/2207/1/Vera.pdf> > Acesso em 25 jan. 2018.

SILVA, Vivian Batista da. ALVES, Caio Augusto carvalho. Entre a sala de aula e a escola: construções da excelência docente nos livros de formação pedagógica. In: CATANI, Denice Barbara. GATTI JÚNIOR, Décio. **O que a escola faz? Elementos para a compreensão da vida escolar.** (Org.). Uberlândia: EDUFU, 2015.

SILVEIRA, Alessandra Amaral da; VIEIRA, Cícera Marcelina; COSTA, Larissa Lima Nascimento; Descrição do acervo de cadernos de alunos do grupo de pesquisa história da alfabetização, leitura, escrita e dos livros escolares (HISALES): Pesquisas realizadas e possibilidades de estudos. In **Anais do 22º Encontro da Associação Sul- Rio-Grandense de Pesquisadores em História da Educação- ASPHE.** Bagé: UniPampa, p. 19-33, 2016.

SILVEIRA, Alessandra Amaral; PERES, Eliane. Enunciações das professoras alfabetizadoras: em cadernos de alunos. **II Congresso Brasileiro de Alfabetização** – Conbalf, Recife, 2015.

SILVEIRA, Alessandra Amaral. Cadernos de alunos em fase de alfabetização: o que revelam sobre os tipos de letras ensinados na escola (1930-1970). In: **Reunião científica da ANPED (ANPED-SUL)**, 11., Curitiba, Anais. Curitiba: EFPR, 2016. p. 1-12.

SILVEIRA, Alessandra Amaral. Desaparecimento da letra script em cadernos de alunos em fase inicial de escolarização (1979-1989). In: **Anais 24º encontro ASPHE.** Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS) – São Leopoldo/RS, 2018. p. 196-210.

SOUZA, Rosa Fátima de. História da cultura material escolar: um balanço inicial. In BENCOSTA, Marcus Levy Albino. **Culturas escolares, saberes e práticas educativas: itinerários históricos.** (Org.). São Paulo: Cortez, 2007.

VIDAL, Diana Gonçalves. Cultura e prática escolares: Uma reflexão sobre documentos e arquivos escolares. In: SOUZA, Rosa Fátima. VALDEMARIN, Vera Teresa. (Org.) **A cultura escolar em debate: questões conceituais, metodológicas e desafios para a pesquisa.** Campinas, SP: Autores Associados, 2005.

VIDAL, Diana Gonçalves. GASPARD DA SILVA. Vera Lucia. Por uma história sensorial da escola e da escolarização **Revista Linhas** Florianópolis, v. 11, n. 02, p. 29 – 45, jul. / dez. 2010.

VIDAL, Diana Gonçalves. História da Educação como Arqueologia: cultura material escolar e escolarização. **Revista Linhas**. Florianópolis, v. 18, n. 36, p. 251-272, jan./abr. 2017.

VIEIRA, Cícera Marcelina. **O uso de cartilhas no processo de alfabetização: um estudo a partir de cadernos de planejamento de uma professora (1983-2000)**. 2014. 212 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação/FaE, Universidade Federal de Pelotas/UFPel, Pelotas, 2014.

VIEIRA, Cícera Marcelina. PERES, Elaine. RAMIL, Chris de Azevedo. A circulação e uso de livros didáticos produzidos por autoras gaúchas: um estudo em cadernos de planejamento de professoras (1940-1980). In: **21 Encontro da Associação Sul-Rio-Grandense de Pesquisadores em História da Educação – ASPHE**. Anais. Caxias do Sul: UCS, 2015. V.1. p. 700-717.

VIEIRA, Cícera Marcelina; VIEIRA, Fernanda Noguez; MONKS, Joseane Cruz. Diários de Professoras e cadernos de alunos: um estudo acerca da permanência dos textos de cartilhas no período de 1983 a 2010. In **18º Encontro da Associação Sul-Rio-Grandense de Pesquisadores em História da Educação – ASPHE**. Anais. Porto Alegre/ RS. 2012. v.1, p. 239-251.

VINÃO FRAGO, Antonio. Os cadernos escolares como fonte histórica: aspectos metodológicos e historiográficos. In: MIGNOT, A. C. V. (Org.). **Cadernos à vista: escola, memória e cultura escrita**. (Ed. 1ª., pp.15-33) Rio de Janeiro: EdUERJ.

VINÃO FRAGO, Antonio. Historia de la educación e historia cultural. **Revista Brasileira de Educação**, n.0, set./dez. 1995.

## **APÉNDICES**

## Apêndice A

<b>Materiais</b>	<b>Autores / Organizadores</b>	<b>Ano de Produção</b>	<b>Disponível em</b>
<b>LIVROS</b>			
El discurso escolar a través de los cuadernos de clase. Argentina (1930 – 1970)	GVIRTZ, Silvina.	1999	Acervo Pessoal da Pesquisadora
Cadernos à Vista: Escola, Memória e Cultura Escrita	MIGNOT, Ana Chrystina Venancio.	2008	Acervo Pessoal da Pesquisadora
School exercise books – a complex source for a history of the approach to schooling and education in the 19th e 20th centuries	MEDA, Juri; MONTINO, David; SANI, Roberto.	2010	Acervo Hisales
Cadernos Escolares e a Escrita da História da Educação Matemática	RIOS, Diogo Franco; BÜRIGO, Elizabete Zardo; FICHER, Maria Cecília Bueno; VALENTE, Wagner Rodrigues.	2017	Acervo Pessoal Da Pesquisadora
<b>TESES</b>			
Cadernos e outros registros escolares da primeira etapa do ensino fundamental: um olhar da psicologia escolar crítica	SANTOS, Anabela Almeida Costa e.	2008	Biblioteca Digital Brasileira De Teses E Dissertações (BDTD)
Nos cadernos escolares de um passado recente: uma história do ensino da leitura no estado do Espírito Santo (2001 a 2008)	BECALLI, Fernanda Zanetti.	2013	BDTD
Ditado: concepções, orientações e práticas de um dispositivo escolar (1939 - 1971)	MONTEIRO, Carolina.	2016	BDTD
<b>DISSERTAÇÕES</b>			
Cadernos escolares na primeira série do ensino fundamental: funções e significados	SANTOS, Anabela Almeida Costa e.	2002	BDTD
Memória e discurso em marcas de correção: um estudo de cadernos escolares	LOPES, Isa.	2006	BDTD

O nascimento dos cadernos escolares: um dispositivo de muitas faces	SANTOS, Vera Mendes dos.	2008	BDTD
Educação e cultura visual: apropriações da publicidade e das logomarcas no caderno escolar e o imaginário estudantil	BRANDÃO, Maria Aparecida de Oliveira.	2010	BDTD
As marcas de correção em cadernos escolares do curso primário do Colégio Farroupilha/RS – 1948/1958,	JACQUES, Alice Rigoni.	2011	BDTD
Entre bordados, cadernos e orações: a educação de meninas e as práticas educativas no orfanato São Cristovão e na Escola Imaculada Conceição (1922-1969)	SANTANA, Josineide Siqueira de.	2011	BDTD
Os sentidos atribuídos pelas crianças aos seus cadernos escolares	NEBEURT, Carolina Guião Coelho.	2013	BDTD
ARTIGOS			
Por uma bibliografia material das escritas ordinárias: o espaço gráfico do caderno escolar (França – séculos XIX e XX)	HÉBRARD, Jean	2001	Revista História da Educação
Um dispositivo sem autor: cadernos e fichários na escola primária	CHARTIER, Anne Marie.	2002	Revista Brasileira História da Educação (RBHE)
Um rio para estudante ver: engenhosidades na produção de cadernos escolares	MIGNOT, Ana Chrystina; VEIGA, Roberta.	2008	Revista Da Associação Sul-Rio-Grandense De Pesquisadores Em História Da Educação (ASPHE)
Dois práticas pedagógicas na formação de professores brasileiros na década de 1930: livros e cadernos	PESSANHA, Eurize Caldas; ARAÚJO, Carla Busato Zandavalli Maluf de.	2009	Revista Da Associação Sul-Rio-Grandense De Pesquisadores Em História Da Educação (ASPHE)
Escritos sob os regimes políticos de Vargas e Mussolini:	SANTOS, Ademir Valdir dos.	2014	Revista História da Educação

para uma fascistização da infância?			
O caderno de uma professora-aluna e as propostas para o ensino da Aritmética na Escola Ativa (Minas Gerais, década de 1930)	REIS, Diogo; FONSECA, Nelma; GOMES, Maria Laura; FARIA, Luciano Filho.	2014	Revista História da Educação
A constituição dos acervos do grupo de pesquisa história da alfabetização, leitura, escrita e dos livros escolares e sua contribuição para as investigações em educação	PERES, Eliane; RAMIL, Chris de Azevedo.	2015	Revista História da Educação
Redações, cartas e composições livres: o caderno escolar como objeto da cultura material da escola (Lages/SC - 1935)	CORDOVA, Tania.	2016	Revista História da Educação
Escritas que cruzam o tempo: dos diários de classe aos cadernos de anotações da professora Maria Franca Pires (Juazeiro, 1957-1985)	CUSATI, Iracema Campos. SANTOS, Mário Ribeiro dos. ÁVILA, Virgínea Pereira Da Silva de.	2017	Revista Brasileira História da Educação (RBHE)
A hora e a vez dos cadernos escolares como fontes históricas de pesquisa sobre práticas alfabetizadoras	BECALLI, Fernanda Zanetti; SCHWARTZ, Cleonara Maria.	2017	Revista Linhas
Entre lápis, cadernos e memórias: o memorial do Deutscher Hilfsverein ao Colégio Farroupilha.	JACQUES, Alice Rogoni.	2015	Revista História da Educação

Fonte: Elaboração da autora.

## Apêndice B

## Produções do grupo Hisales

	<i>Título</i>	<i>Autoras (es)</i>	<i>Ano de produção</i>
<b>Dissertações</b>	O “Método da Abelhinha” em Pelotas: contribuições à História da Alfabetização (1965-2007)	LAPUENTE, Janaína Soares Martins.	2008
	Uma análise dos exercícios com sílabas em Diários de Classe de professoras alfabetizadoras (1973 – 2010)	LIMA, Gisele Ramos.	2013
	Divulgação e Utilização do Método Global de Contos no Instituto de Educação Assis Brasil (Pelotas, 1940-1970)	PORTO, Gilceane Caetano.	2005
	O uso de cartilhas no processo de alfabetização: um estudo a partir de cadernos de planejamento de uma professora (1983-2000)	VIEIRA, Cícera Marcelina.	2014
	O período preparatório da alfabetização em cadernos escolares de alunos	COSTA, Larissa.	2017
<b>Artigos científicos</b>	Os cadernos comprovantes como dispositivo de controle do trabalho docente: uma contribuição à história da profissão docente	MANSKE, Lisiane Sias; PERES, Eliane.	2008
	Cadernos de aula: o “método da abelhinha” nas linhas e entrelinhas da história da alfabetização em Pelotas/RS	LAPUENTE, Janaína Soares Martins.	2008
	O ditado escolar sob enfoque histórico: um estudo a partir de cadernos de crianças em processo de alfabetização (1943-2007)	PERES, Eliane; BARUM, Sylvia Tavares	2008; 2009
	Concepções e práticas de alfabetização de: o que revelam cadernos escolares de crianças?	PORTO, Gilceane Caetano; PERES, Eliane.	2009
	A alfabetização vista através dos cadernos escolares (1958-2009)	PERES, Eliane.	2010
	Lindo! Expressões e frases de “incentivo” feitas por professoras- alfabetizadoras em cadernos escolares (1940-2000)	PERES, Eliane; DIETRICH; Mara; BARUM, Sylvia Tavares	2011
	Concepções e práticas de alfabetização vista através dos cadernos escolares	PORTO, Gilceane Caetano; PERES, Eliane.	2011
	A permanência dos 'pseudotextos' em cadernos escolares de crianças em fase de alfabetização	NOGUEZ; Fernanda Vieira. PERES, Eliane.	2012
	Diários de professoras e cadernos de alunos: um estudo acerca da permanência dos textos de cartilhas no período de 1983 a 2010	VIEIRA, Cícera Mareclina; VIEIRA, Fernanda Noguez; MONKS, Joseane Cruz.	2012

Um estudo da história da alfabetização através dos cadernos escolares (1943-2010)	PERES, Eliane.	2012
Infância, alfabetização e escrita: levantamento de frases feitas pelas crianças em cadernos de alfabetização	FONSECA, Luiza Larossa da; PERES, Eliane	2013
Problematizações acerca do uso do alfabeto e do caderno no cotidiano de uma turma de Educação infantil	NOGUEIRA, Gabriela Medeiros; PERES, Eliane.	2013
“Registros marginais”: escrita de crianças em cadernos escolares de pré-escola e 1º ano	PERES, Eliane; NOGUEIRA, Gabriela Medeiros.	2014
A constituição dos acervos do grupo de pesquisa História da Alfabetização, leitura e dos grupos escolares (Hisales) e sua contribuição para as investigações em educação	PERES, Eliane; RAMIL, Chris de Azevedo.	2015
A circulação e o uso de livros didáticos produzidos por autoras gaúchas: um estudo em cadernos de planejamento de professoras (1940 -1980)	VIEIRA, Cícera Mareclina; PERES, Eliane; RAMIL, Chris de Azevedo.	2015
Enunciações das professoras alfabetizadoras: em cadernos de alunos	SILVEIRA, Alessandra Amaral; PERES, Eliane.	2015
Cartilhas produzidas por autoras gaúchas: um estudo sobre a circulação e o uso em escolas do Rio Grande do Sul (1940-1980)	PERES, Eliane; RAMIL, Chris de Azevedo.	2015
Cadernos de alunos em fase de alfabetização: o que revelam sobre os tipos de letras ensinadas na escola (1930-1970)	SILVEIRA, Alessandra Amaral.	2016
Descrição do acervo de cadernos de alunos do grupo de pesquisa História da Alfabetização, leitura e dos grupos escolares (Hisales): Pesquisa realizadas e possibilidades de estudos	SILVEIRA, Alessandra Amaral; VIEIRA, Cícera Mareclina; COSTA, Larissa Lima.	2016
O uso da coleção de livros didáticos ‘Estrada Iluminada’: levantamento das personagens em cadernos de alunos (Rio Grande do Sul, 1940-1980)	HERREIRA, Tatiane T. C; RAMIL, Chris de Azevedo.	2016
No acervo de cadernos escolares: as folhinhas como cultura material escolar cadernos escolares: as folhinhas como cultura material escolar	MONKS, Joseane Cruz	2017
A produção e reprodução de folhinhas como recursos didáticos nas décadas de 1960-1970	MONKS, Joseane Cruz.	2018
No girar da manivela: a produção e materialidades das folhinhas mimeografadas	MONKS, Joseane Cruz.	2018
Desaparecimento da letra script em cadernos de alunos em fase inicial de escolarização (1979-1989)	SILVEIRA, Alessandra Amaral.	2018

Fonte: Produção da autora (2017)